

PARAÍBA PECUÁRIA

Venda em Bancas - Cr\$ 50,00 - Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará.

O plantel Guzerá de Cruz das Almas foi transferido para a Paraíba, aos cuidados da Embrapa.



LEILÃO - Gir de Umbureiro, a mais tradicional linhagem do Car. Leiteiro, 06-outubro-1979 - às 9:30 horas, com 100 animais.



NORDESTE VAI SECAR

**O PACOTE
NORDESTINO**

ditado pelos
empresários
rurais

NORDESTE, SALVAÇÃO SÓ PELO SONHO?
Manoel Dantas Vilar Filho

MENTORES DE GABINETE, ONDE ESTÃO VOCÊS?
Guglielmo Ferraz

UMA RAÇA PARA OS TRÓPICOS
Sirival Palmeira

MANEJO DO REBANHO
Fausto Pereira Lima

CREPÚSCULO DOS MITOS
Tito Victor

1979/1985 - A GRANDE SECA



FAZENDA N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÉM, Paraíba — CEP 58.356 — Caixa Postal, 1 — Fone: (081) 326-6267;



NOSSA TRADIÇÃO É MANTIDA
PELAS CAMPEÃS MUNDIAIS "JA"
carimbo "J"

Até hoje, somente um Guzerá-JA conseguiu superar um outro JA. A evolução é constante, em nosso rebanho, desde 1895, quase um século de seleção rigorosa.



MIRASSOL-JA, notável reprodutor, diversas vezes premiado em Cordeiro, RJ, neto de Europa que foi mãe de Francesa, Tartaruga, Barcelona, Manacá, Jazida. Em sua ascendência, encontramos Gladiador, Campeão Nacional, consanguíneo 11 vezes de Lahor.

IATE-JA, a perfeição de linhas em Guzerá, resultado de uma seleção cuidadosa.



PRODUÇÃO
DE
LEITE

PIONEIRA-JA
5.596 kg em uma
lactação e 10,5%
de gordura.

Campeã
Mundial

POTINGA-JA
5.672 kg, e 25,2 kg
em um dia ainda viva
Bicampeã mundial

PRODUÇÃO DE
GORDURA
O maior teor já
verificado em qualquer
raça bovina

TARTARUGA-JA
13,2%
a 1ª campeã
mundial

DONZELA
-JA
13,6%

BARCELONA-JA
13,8%

FAISCA-JA
14,6%
Atual campeã
mundial,
ainda viva.

Seleção desde 1895.
Solicite e receba
GRATUITAMENTE - nosso
folheto: "O MELHOR ZEBU
LEITEIRO DO MUNDO".

Receive, by free mailing,
our portuguese/ english/
spanish booklet "THE
BEST ZEBU OF THE
WORLD"

PARAÍBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO

UMA
PUBLICAÇÃO



EDICAMP EDITORA CAMPESSINA LTDA

Matriz: Rua Paulino de Albuquerque, 151

— Caixa Postal, 98 —

58.000 - João Pessoa - PB

Fone: (083) 222-0180

Revista PARAÍBA PECUÁRIA

Diretor: Rinaldo dos Santos

Ilustração: Madson Roberto de Sousa

Diagramação: R. S. Ribeiro

Composição: Martinho Sampaio

Arte Final: Frederico Chales de Araújo

Fotografia, Publicidades: R. S. Ribeiro

Tradução: Paul Collins

Circulação: Garibaldi Cittadino

Administração: Deimar S. Ribeiro

Centro de Ciências Agrárias Araripe, PB — Maria Eunice Vilarim

Instituto de Zootecnia km 47, Rio — Saulo Vilarim Farias Leite

Orientação: Santo Lunardelli (São Paulo) V. Coronado (Paraíba),

William Koury (São Paulo), Euripedes Oliveira (Paraíba), Ariano

Suassuna (Pernambuco), José Ferraz de O Gude (Bahia) Walter de

Carvalho (Paraíba), Antonio Ernesto de Salvo (Minas Gerais), José

Mário J. de Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas Ge-

rais), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Ma-

noel Dantas Vilar Filho (Paraíba), José Resende Peres (Rio), So-

bestião Simões (Pernambuco), Sinval Palmeira (Bahia), Walter

Henrique Zancaner (São Paulo).

Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite, Manoel Felix da

Silva, Sílvia Carneiro Leitão, Moacir Omena de Oliveira, Ovídio

Tavares Vinagre, Abelardo Ribeiro de Azevedo, José Nelson Vilela

Barbosa.

Direção Comercial: Rinaldo dos Santos

João Pessoa, PB — R. Paulino de Albuquerque, 151 - Fone (083) 222-0180.

São Paulo, SP — Victoriano Medeiros de Mello - R. João Elias, 53, Granja Julietta, Santo Amaro, Fone: 521-1290.

Salvador, BA — Suelene Maria Cunha - R. Dias D'Ávila, 98 - Fone: (071) 245-3248.

Itapetinga, BA — Givaldo Sampaio Santos - Alameda Rui Barbosa, 27 - Fone: (073) 261-1170.

Belo Horizonte, MG — Antônio Magalhães Drummond - R. Entre Rios, 61 - Fone: (031) 222-6472.

Publicidade Nacional — Pereira de Souza Ltda.

Recife, PE — Francisco Ignácio Ferreira da Silva - R. Bulhões Mar-

ques, 15, cj. 411 - Fone: (081) 222-2327/5918.

Rio de Janeiro, RJ — Av. Graça Aranha, 174, salas 509/12 - Fone: (021) 222-0242/221-4156.

Porto Alegre, RS — Mucillo Salvador - R. Vigiário José Inácio, 30, cj. 72 - Fone: (051) 221-6550/224-8939.

Curitiba, PR — Alberaldo Cavalcante Sá - R. Dr. Goulart, 87 - Fone: (041) 252-3282.

Brasília, DF — Marcos Machado de Carvalho, SCS, Edif. São Paulo, 5º - Fone: (0612) 223-5426.

Belém, PA — José Moura - Travessa da Piedade, 587 - Fone: (0912) 222-1738.

Florianópolis, SC — Rodrigo Sobreira de Moura - R. Flávio Tavares da Cunha Neto, s/n - Fone: (0482) 44-3669.

PARAÍBA PECUÁRIA, título propriedade da Edicamp Editora Campesina Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária nacional, principalmente as nordestinas, num diálogo vivo através de pronunciamentos dos próprios empresários rurais, técnicos e autoridades. Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Não são sugeridos como autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados, desde que seja citada a fonte. Assinatura por um ano, Cr\$ 400,00. Dois anos Cr\$ 700,00. Exemplar avulso, Cr\$ 40,00. Exemplar atrasado, Cr\$ 80,00. Assinatura p/ Exterior: US\$ 40,00.



Sociedade
Rural
da Paraíba

Rua 13 de Maio, 338 — CEP 58.100
Campina Grande — Paraíba.

Fones: (083) 321.4400 e 321.3467

DIRETORIA

Presidente: Humberto César de Almeida; 1º. Vice-Pres: Arthur Freire de Figueiredo; 2º. Vice-Pres: Emílio Leite Filho; 1º. Secretário: Edvan Pereira Leite; 2º. Secretário: Admar Borges da Costa Santos; 1º. Tesoureiro: Francisco de Sousa Diniz; 2º. Tesoureiro: José Aderaldo de Medeiros Pereira.

conversa ao pé da porteira

Lugar de nordestino é onde ele pode fazer alguma coisa pelo Nordeste e todos devem lutar para tentar conquistar melhores condições para a região, esse é um dever cívico de todo o povo, de todas as pessoas, constituindo essa luta, por si só, um auspicioso gesto político.

Essa luta amorteceu nos últimos anos, notando-se a ausência quase total das lideranças nordestinas e essa foi a causa do aumento da desigualdade entre o Nordeste e o resto do país. Por culpa da omissão política, o Nordeste de hoje está mais pobre que antes.

O único recurso disponível da região é o recurso político, já que o Nordeste não tem nenhum peso econômico e toda sua produção industrial não representa mais que 4% da do país, e sua produção agropecuária não é sequer suficiente para seu auto-abastecimento, embora isso se deva a falhas de planejamento facilmente sanáveis.

O Nordeste foi orientado, nos últimos anos, passivamente, pela política nacional, no sentido de se tornar um novo consumidor de bens duráveis, o que veio modernizar e ampliar o consumo em uma estreita faixa social, tendo essa passado a ostentar um melhor padrão de vida, embora perigosamente frágil e volátil, suficiente apenas para iludir muitas lideranças regionais e os meios de imprensa, simplórios ou mancomunados com o sistema.

A evolução geral do modelo brasileiro, a organização do poder, a organização administrativa, a concentração enorme de decisões em Brasília, a hipertrofia do poder burocrático centralizador, tudo isso repercutiu de forma extremamente negativa para o Nordeste, pois o desenvolvimento inventado pelos tecnocratas — como modelo para todo o país — é uma farsa, como frisa Celso Furtado, pois a possibilidade de se fazer alguma coisa pelo desenvolvimento do Nordeste reduziu-se consideravelmente. “Acho que o Nordeste já tem maturidade, ao nível de sua universidade e inteligências, para tomar cons-

ciência de seus problemas e caminhar para novas formas de desenvolvimento que correspondam às suas necessidades, mas, se isto não acontecer, um modelo de desenvolvimento será outra vez imposto a esta região, criando deformações, beneficiando grupos”, salientou.

As medidas atuais que visam beneficiar o Nordeste são mero esboço de medidas que poderiam engajar a região como auto-produtoras, pelo menos, de sua subsistência. O crédito, no entanto, é escasso, a infra-estrutura para o meio rural privado é irrisória, o abastecimento da população ainda não conta com um planejamento sensato, a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologia especial para o semiárido caminham por labirintos que obrigam a marchas e contramarchas. A indefinição é constante, em quase todos os setores, agora que o industrialismo já provou que não é o caminho ideal, pois somam centenas as fábricas paralisadas.

A solução nordestina está no solo, sempre esteve, mesmo com seu clima seco, com suas tragédias cíclicas. Tentou-se esconder essa realidade, visando procurar meio de desenvolvimento mais cômodo, senão uma dócil algemação às indústrias sulinas, e — hoje — esbarramos com a triste realidade de ver um Nordeste mais pobre e mais desamparado que nunca.

Urge voltar os olhos para a produção agropecuária, principalmente a pecuária, pois é a que permite abrir caminho para o desenvolvimento racional de qualquer região árida no mundo, sendo seguida pela agricultura moderna. A direção é clara, embora os míopes não consigam enxergar nada, mesmo com a verdade a um palmo do rosto. A confiança no presidente Figueiredo e, ainda, no ministro Delfim Netto continua firme, no Nordeste, aguardando dias melhores, apesar do clima de insegurança que aumenta, a cada dia que passa.

NOSSA CAPA



Há bastante tempo foi realizada a pesquisa do CTA-Centro Técnico da Aeronáutica, mostrando a iminência de uma Grande Seca, sem ter merecido a necessária divulgação. O assunto reveste-se de extrema importância, principalmente agora, quando o modelo econômico declara abertamente que o Nordeste será alvo das atenções do Governo, no sentido de diminuir o descompasso existente entre a região e o centro-sul. E o único caminho, para isso, será propiciar aos agropecuaristas o meio para enfrentar a Grande Seca.

ÍNDICE SUMMARY

Editorial - Conversa ao pé da porteira. 3

ARTIGOS E COMENTÁRIOS

- . Nordeste, salvação só pelo sonho? - Manoel Dantas Vilar Filho . . . 5
- . Mentores de gabinete, onde estão vocês? - Gugu Ferraz. 7
- . Crepúsculo dos Mitos - Tito Victor 19
- . Uma raça leiteira para os trópicos - Sinval Palmeira 34
- . O gado Sindhi - V. Coronado. 39

Assunto Técnico

- . Manejo do Rebanho - Dr. Fausto Pereira Lima. 27

Reportagens

- . Transferência de Embriões pela Campo Verde 23
- . Regulamento da Exposição Paraibana 29
- . Paraíba, terra de moderna pecuária. 41

ESPECIAL - Pesquisa

- . 1979/1985 - Grande Seca no Nordeste 10
- . O Pacote Nordeste, ditado pelos empresários rurais. 14

NOTÍCIAS - Panorama 44

CORRESPONDÊNCIA

A VERBA PARA O NORDESTE

Sr. editor, com espanto, meio agradável e meio desagradável, vimos a notícia sobre a dotação de recursos para os programas regionais: SUDENE, SUDECO, SUDESUL e SUDAM, num total de 21,5 bilhões para o ano de 1980, superior em 40% ao de 1979. Desse valor, o PIN e o PROTERRA entram com 12,5 bilhões, sendo o restante fornecido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento.

O ministro do Interior pretende investir 12,9 bilhões no Nordeste, no Projeto Sertanejo, Polonordeste e programa de agroindústria, como programas prioritários.

A parte agradável foi o aumento de 40% adicionada ao fato de que o montante do PIN e PROTERRA ficam no Nordeste, como havia sido sugerido por Delfim Netto, quando ministro da Fazenda, o que é justo e necessário.

A parte desagradável é nota que o Nordeste, embora aparentemente privilegiado, continua ocupando um lugar meramente formal nas decisões, pois a divisão do bolo desses recursos seguiu apenas uma fria logística aritmética.

A única possibilidade de ativar a livre iniciativa, pivô do desenvolvimento lógico em nosso modelo econômico continua sendo através dos recursos da SUDENE e da rede bancária, sabendo-se, tristemente, que a SUDENE conta com um míngua orçamento para a agropecuária. Dessa maneira, as fazendas que, há tanto tempo, estão esperando uma iniciativa oficial favorável para implantar diversas obras básicas visando aumentar a produção, continuarão na espera.

Concluimos dizendo que todos esses programas têm o seu papel a cumprir, e os recursos a eles destinados, embora pequenos, serão bem aplicados, mas uma solução imediata para o Nordeste seria possibilitar que aqueles que já produzem alimentos para a região tivessem acesso a tais recursos com a única e nobre finalidade de multiplicar a capacidade de produção, o que tornaria o Nordeste auto-suficiente em produtos básicos alimentícios.

Tão simples, e também tão esquecida, sempre, essa solução global.

Marcelo Pieter Souza
Paraíba - PI

Sr. Redator

A CAMPO VERDE EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA, vem de público afirmar que os conceitos emitidos na Revista Paraíba Pecuária nº 11, de julho de 1979, nas páginas 20, 23 e 35 e atribuídas ao Dr. Paulo Cavalcanti, que não é e nem nunca foi Diretor da Empresa, é de inteira responsabilidade do referido Senhor, como também discorda do texto em questão, sobretudo pela discriminação implícita entre criadores do sul e do norte, quando na realidade a Campo Verde, nunca sentiu isso nos diversos contatos pessoais com seis co-irmãos sulistas e nem nas Exposições que participou disputando e obtendo campeonatos.

Discorda também das palavras "altamente discriminados", grafadas na pag. 3, na legenda da coluna "NOSSA CAPA".

Campo Verde - Empreendimentos Rurais Ltda

ANUNCIANTES Advertisers

- . Antônio da Motta, Faz. Gruta Baiana, raça Mang. Marchador, Quarto de Milha e Piquira (BA) 31
- . Ariovaldo Carvalho, Fazenda Romualdo, raça Holandesa (CE) . 31
- . Antonio José da Silva, Faz. Mendonça, Indubrasil (PB) 22
- . Casa do Criador (PB) 40
- . Casa Rural (CE) 43
- . Campo Verde Empreendimentos Rurais Ltda (BA) 23
- . Embrapa-Empresa Bras. Pesquisa Agropecuária (DF) 47
- . Fábrica Laboremus (PB) 6
- . Gileno Amado Brandão, Faz. Sto. Antonio, Mangalarga Paulista (BA) 48
- . Humberto de Almeida, Faz. Muçambê, guzerá (PB) 9
- . Henrique Vieira de Albuquerque Melo, Faz. Oiteiro, Nelore (PB) 18
- . José Inojosa, Faz. Queimada do Vale, Nelore (PE) 38
- . José e Ana Rita Tavares de Melo, Faz. N. S. Aparecida, guzerá (PB) 2
- . João Ferreira Braga, Faz. Escadinha, Indubrasil (PB) 17
- . Jairo Monteiro, Faz. Pedra D'Água, guzerá (PB) 8
- . Maria Neusa Consonia, Faz. S. Pedro, nelore (SP) 21
- . Manoel Dantas Vilar Filho, Faz. Carnaúba, guzerá (PB) 35
- . Prefeitura de Campina Grande, PB - Exposição Paraibana 11
- . Severino Duarte, Faz. Betânia, Holandes e Simental, (CE) . . . 15
- . Senhor-Sêmen Nordeste, (PB). . 22

FOTO EM DESTAQUE



Essa é ACÁCIA DE UMBUZEIRO, fêmea notável da mais tradicional linhagem leiteira do Brasil. O rebanho Gir de Umbuzeiro teve início de sua história no princípio do século e é considerado o mais antigo do Brasil, estando "fechado" há mais de duas décadas. ACÁCIA pariu um bezerro por ano em toda sua vida, o que constitui um notável sucesso para a raça. Já produziu 13 crias sem nenhum problema de reprodução e está com 15 anos de idade, na Fazenda Experimental João Pessoa, Umbuzeiro, PB.

NORDESTE, SALVAÇÃO SÓ PELO SONHO?

ou

A, ainda terrível, vizinhança da Grande Seca

MANOEL DANTAS VILAR FILHO, líder político, pesquisador de notável senso público, um dos mais tradicionais criadores do Nordeste, sempre tem frisado que as soluções para a região estão bem à vista, ao alcance da compreensão e que o fastidioso processo de desnacionalização da economia, forçando a migração interna, é um dos responsáveis pela situação de penúria nordestina. Para ele, vivendo na caatinga, o Nordeste é plenamente viável.



É de se perguntar: uma vez alertados, porque não se atua preventivamente, tomando providências mais amplas, com custo social menor? Ou vai-se admitir que decorra o ciclo triste, extremado a miséria, deixando surgir o "mundo cão" das frentes de emergência, com sua inocuidade e sua romaria de sufocados? O Nordeste não pode continuar pagando por um modelo de desenvolvimento voltado para megalópoles, "shopping-centers", "drive-ins", favelas, etc, pois a terra seca não é o problema da região, na verdade. O problema é outro.

Consegui ler a pesquisa desenvolvida no CTA, sobre a periodicidade das secas por aqui, o que me botou, como agropecuarista, meio assustado e, como nordestino, de coração na mão, como se diz diante dos grandes perigos. A seriedade daquele Centro e a clareza com que está dito o trabalho, tornam irrecusável a evidência do que podemos, simples mortais e Governo, trabalhar na região, contando com a informação antecipada sobre a chuva ou a falta dela: a seca não será mais

uma terrível surpresa, embora seja no momento, e como as coisas estão postas, uma desgraça muito próxima.

Entendo até certo ponto o caráter restrito dado, inicialmente à circulação desse importante documento, na medida em que este ano seria o primeiro de novo período crítico e as conclusões da pesquisa ficaram prontas a poucos dias do seu início. Mas é de estranhar que, passados oito meses e confirmado, na prática, o prognóstico, continue em se-

greto e nada tenha acontecido para aliviar o que virá adiante (1978/1984) e sua repercussão desastrosa na vida da região.

Sei que o problema não é só uma questão de hidráulica e que, por isso mesmo, a grande seca faz somente agravar uma situação crônica de carência de toda ordem. Até nos limites modestos de minha ocupação atual como agropecuarista, dá para sentir como é complexa e difícil a luta contra esse estado de coisas, contra o "fenômeno global" do sub-



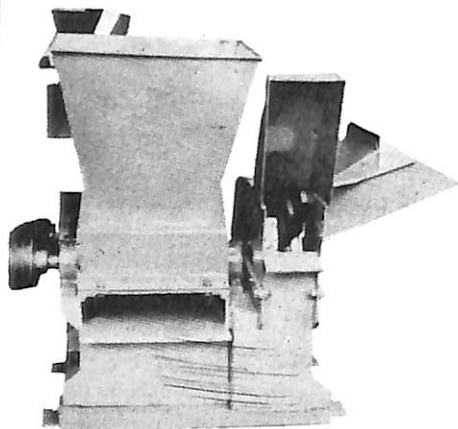
FORRAGEIRAS



O INÍCIO DA ECONOMIA

- MÁQUINAS FORRAGEIRAS — para cortar Palma, Tronco de Palma, triturar macambira e agave, fazer farelão de mandioca, cortar capim, cana-de-açúcar, maniva, cambão de milho com espiga e tudo, bananeira e, ainda, fazer xerém de fubá.
- Máquinas desmontáveis, de fácil operação, com velocidade variável, podendo atingir uma produção de até 8.000 kg/hora.
- Máquinas ensiladeiras com capacidade de até 8.000 kg/hora.

Máquina forrageira conjugada, p/diversas utilidades



**Solicite informações
GRATUITAMENTE
ou TABELA DE PREÇOS**

- Garantia da empresa
- Assistência Técnica

FÁBRICA LABOREMUS
de João Guimarães de Souza
R. João Suassuna, 398 — Fone: (083)
321-2671
CEP 58.100 — Campina Grande — PB

desenvolvimento. Mas, aprendi, também, por causa desse mesmo esforço, que há soluções tangíveis e que é possível por em uso econômico as 3/4 partes da área, sujeitas ao estrangulamento das secas radicais. Naturalmente, isso não se fará de forma súbita, como num passe de mágica. Somente acontecerá a partir de uma mobilização em torno do tema e da retomada da vontade política de equilibrar a vida nacional, eliminando suas manchas de miséria, para o que essa previsão agora possível seria estimuladora, e serão muito graves as consequências de ficarmos passivos diante dela.

Vale ressaltar, do mesmo trabalho, que o último período análogo ao que ora está começando, ocorreu em 1953 a 1959. Lá para pensar que foi a exaustão regional, resultante desse ciclo que produziu, por coação, o primeiro passo concreto, em dimensão abrangente, para acudí-la, através da criação da SUDENE. Pois, além de fim de Governo, era o tempo do desenvolvimento industrialista, do automobilismo emergente e tanta euforia com essas conversas, que outra coisa não o ocuparia, fora do centro-sul onde acontecia a festa, se não fosse por condições de extrema pressão...

De lá até hoje, o descompasso com o resto do País cresceu, as estradas então abertas facilitaram a migração enganada de nordestinos, a fraqueza econômica da região aumentou e...está começando novo tempo de agudização desse quadro.

É de se perguntar, então: porque, uma vez alertados, não se atua preventivamente, não se retoma o caminho institucional das providências mais amplas? Não seria um custo financeiro e social menor? Não seria uma oportunidade para corrigir acumuladas injustiças de tratamento? Não seria uma coisa decente?

Ou vai se admitir que decorra o ciclo triste, que a miséria se extreme, que mais uma vez vejamos surgir o "mundo cão" das frentes de emergência, com sua inocuidade perante a seca seguinte e sua romaria de sufocados?

Não sei bem, escrevendo essas

linhas, até onde o faço por apelo, ou, a partir de que ponto é, já, por desesperar. É que sou de uma geração que presenciou — nessa idéia de fazer x não fazer pelo Nordeste — tremendas contradições: que viu nascer a consciência de nossa pobreza e a SUDENE, criando expectativas saudáveis aqui e lá fora, no 3º mundo, e viu-a, depois, ser esvaziada, arbitrária e calculadamente; que viu Associações de Camponeses tratadas como causa e não como consequência, como se o problema rural do nordeste fosse de polícia; que viu a febre dos "Distritos Industriais" abertos com dinheiro público, ao serviço de fábricas sofisticadas — e quase sempre estrangeiras — que nem aproveitam mão-de-obra, ou matéria prima da região e nem produzem para o seu mercado; que assiste à contrafação de ter representantes políticos que, ao mesmo tempo em que garantem formalmente o sistema de poder do País, são impotentes perante toda a discriminação contra o povo que os elege. E que, também, por outro lado, vê a Índia, com secas ainda mais vastas e superpovoadas, assumindo a posição de Nação fortalecida, a partir de seu chão e sua cultura, sem nada desses artifícios, sem inflação, trazendo de fora, apenas, fertilizantes e materiais de indústrias básicas.

Não sou dos que desejam para o Nordeste um "desenvolvimento" que se exprima através da megalópole cheia de "shopping-centers" e "Drive-ins", arrodeados de "out-doors" e...favelas! Senão pelo falso e agressivo dissonância, mas, quando nada, pelo preço que se paga. Penso em proporções mais modestas; em se proceder à utilização produtiva de sua terra seca já existe, repito, na Índia e na Austrália a tecnologia para isso e, aqui mesmo, ela já se esboça. E sobre esse alicerce real, construir uma vida mais solidária e menos cruel para o seu povo.

A aproximação de uma grande seca tem dessas: bota a gente entre o desabafo, por descrever e o sonho, por tentativa de salvação...

Taperoá, agosto.1979.

MENTORES DE GABINETE, ONDE ESTÃO VOCÊS ?

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ batalhador de longa data, escreve para jornais e expõe sua opinião, agressivamente, chegando a acusar gregos e troianos responsáveis pela deficiência da agropecuária nacional. Considerado emérito defensor da pecuária bahiana, foi agraciado com a criação do "Troféu Dr. Gugé" que é concedido, anualmente, ao melhor expositor de Itapetinga. Acredita que os pecuaristas precisam deixar a posição de meros espectadores e passar para a contestação, para o ataque, antes que seja demasiado tarde.



Onde está a SUNAB e suas ameaças de ontem? Que diz a Emater dos desastres econômicos dos infelizes que tentaram seguir seus projetos e orientação? Ela, a Emater está aí, roendo os cofres do povo (Governo). Que dizem a Confederação e a maioria das Federações a respeito do farto bajulatório sempre usado? Onde estão os Governadores, ex e atuais com suas omissões. Onde estão todos esses pelegos, quando — agora — o resultado de suas leviandades ameaça levar ao caos toda a nação? O país não tem condições de suportar por muito tempo as incoerências de suas autoridades, um tanto zonzas.

Não existe teoria ruim, como conjunto de conhecimentos que explicam determinada ordem de fatos. Condenar teorias, seria grave erro. O que existe de condenável, no campo especulativo, são os maus teóricos. O erro não está nas teorias — presumidamente certas —, mas no homem, quando falha na tentativa de harmonizá-las, na prática, com fatos que elas explicam e interpretam.

A derrocada por que descamba o Brasil, em consequência da abusiva e irracional imposição tecnocrática em sua administração, provém da utilização de maus teóricos, de maus técnicos, e não das teorias adotadas.

Nossa economia claudica e fraqueja como um todo, porém é na má condução de partes do conjunto, como peças mal postas em um complexo mecânico, que encontramos as causas da doença geral, semelhantes a pontos gangrenosos perturbando o organismo inteiro. É o caso, ao lado do problema energético, liderado pela ineficiência criminosa na produção de petróleo, da crise de alimentos, também decorrente, pura e simplesmente, do dirigismo setorial pela política do governo.

Estamos condenados a importar milhões de toneladas de cereais em 1979, inclusive de alguns que já se constituíram forte peso em nossas exportações. Mas o problema pior é o da pecuária, tanto pela redução do rebanho reprodutivo além das proporções suportáveis, como pela natural demora de sua plena recomposição, quando o consumidor já começa a entrar em pânico por falta de fontes alternativas capazes de substituir a carne bovina — base de sua alimentação.

A gravidade da crise está muito além do que pode o leigo observar. A falta de carne (e também do leite) está entrando em processo de recrudescimento progressivo, que vai crescer durante, pelo menos, dois anos, atingindo sua pior fase na entressafra de 1981. E só começará a regredir, a partir desta época, se forem adotadas, **agora**, medidas capazes de provocar imediato ingresso da atividade produtora em ritmo acelerado de recomposição. A não adoção de tais medidas implicará em consequências de imprevisível malignidade e totalmente incontroláveis por qualquer força que as tente interromper.

Estará a equipe do atual governo capacitada para o desempenho da tarefa que as circunstâncias lhe impõem?

Temos criticado e protestado contra as falhas e erros da política pecuária de sucessivos governos, sempre, entretanto, contestados ou não ouvidos pelos responsáveis oficiais por tal política. Sofre, agora, o Brasil, oficialmente reconhecida, a mais drástica crise de produção de carne de nossa história, consequente dos erros que vimos combatendo.

Então, chegou a oportunidade de perguntar aos contestadores, aos indiferentes, aos desleais, aos despeitados, aos aproveitadores imediatistas, aos pelegos, aos traidores da confiança de governos e do povo e, sobretudo, aos fátuos mentores de gabinete, responsáveis mais diretos pelo que está acontecendo: onde estão vocês? onde está a loquacidade dos que defendiam teses



Que diz hoje a arrogante e teleguiada SUNAB dos tabelamentos e ameaças injustas de ontem, sobre a carne?

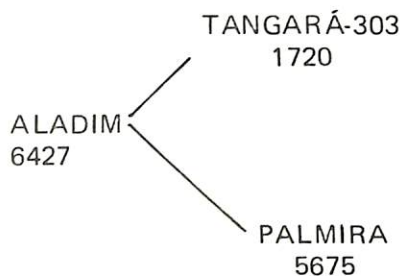
FAZENDA

PEDRA D'AGUA

JAIRO ALVES MONTEIRO



Rebanho de CEM matrizes PO, com lastro nas marcas OM, CP e Charqueada.



Criação a regime de campo, monta natural e inseminação artificial

POSTO DE VENDA
em João Pessoa

JOÃO PESSOA, PB — R. Barão do Triunfo, 400, CEP 58.000 — Fones: (083) 221-4870/4921.



Os pelegos e traidores da confiança do povo prometeram 400 milhões de bovinos para o país. Onde estão, agora?

absurdas, sem o menor senso de responsabilidade, sob os aplausos e os “muito bem” do séquito de aproveitadores?

Que diz hoje a arrogante e teleguiada **SUNAB** dos drásticos tabelamentos e das injustas ameaças de ontem?

Que explicação pode dar a Emater para os desastres econômicos dos que tentaram seguir seus projetos e sua orientação? Quem quebrou, se “trumbicou”, e a Emater está aí, bem do dela, roendo os cofres do governo (dinheiro do povo).

Que palavras têm, perante seus “protegidos” do campo, a Confederação e a maioria das Federações de Agricultura, para justificar sua ausência em nossa defesa e o louvaminheiro e incondicional apoio bajulatório a autoridades inaptas que impunham políticas antiruralistas à agropecuária brasileira?

Governadores (ex e atuais) e legisladores, que nunca se desligam das palavras **povo** e **produtores**, muitos dos quais cientes e conscientes dos erros que se cometiam, por que não vêm explicar suas omissões e o velado apoio do silêncio a todas as medidas vindas “mais do alto” contra as necessidades e os interesses da pecuária?

Certos donos de cadeiras cativas nos gabinetes do Banco do Brasil, eufóricos apresentadores de elevados lucros e distribuidores de fartos dividendos e gordas gratificações, que podem dizer, como altos corresponsáveis pela crise, sobre as exigências e arrochos com que “presenteavam” os ruralistas?

Que é feito de todos vocês, por onde andam, quando o resultado de suas leviandades ameaça levar aos caos toda a nação, anulando os esforços dos que estruturam sua estabilidade?

Onde estão os 400 milhões de bovinos “previstos” em 1966/68, pelo mundo oficial de então, para o fim da década 70? Quando àquela época, contestando a orientação oficial, apresentamos dados mostrando o custo do novilho de corte e a inconveniência das diretrizes adotadas, argumentando que elas seriam uma espécie de “dose para elefante” no recrudescimento futuro da inflação, ministros, secretários e técnicos de seus gabinetes, acolitados pelo clássico séquito de pelegos, reagiram violentos, classificando de absurdas nossas ponderações e defendendo tabelamentos, importações, restrições de crédito, confisco de divisas, ameaças de requisição de rebanhos, etc., a título de “combate” à inflação e “defesa” do consumidor.

Infelizmente, a razão estava de nosso lado. Hoje a inflação “come” tudo; e o consumidor começa a não ter o que comer.

Agora estamos sentindo o país meio parado, atônito, erroneamente procurando distrair-se com o folclore político e anestesiando as chagas de seu empobrecimento com a angústia petrolífera internacional.

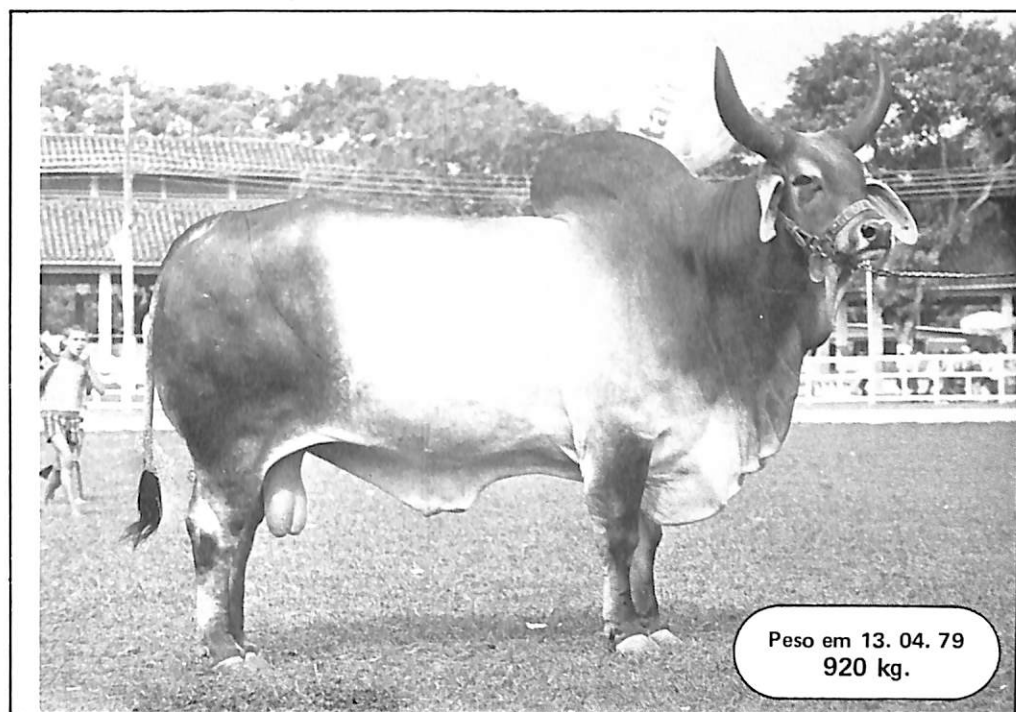
Este paradeiro da indecisão, demonstrando autoridades um tanto zonzas, sem saber o que fazer, aumenta a angústia da população. Mesmo assim, reafirmamos declarações feitas em várias outras oportunidades: o mundo rural brasileiro, em última e condescendente abertura, concede amplo crédito de confiança ao atual Ministro da Agricultura. O prazo, entretanto, não pode ser longo. Mas esta exigência não é propriamente da classe; é mais da nação, que já não tem condições de suportar por muito tempo as incoerências de sua política rural voltada para a pecuária.

Agosto. 1979

FAZENDA E HARAS MUÇAMBÊ



PADRÃO DA RAÇA GUZERÁ



GENERAL - H

TRI-CAMPEÃO NACIONAL

- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Uberaba/79 – 51 meses
- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Natal/78 – 44 meses
- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Uberaba/78 – 39 meses

- Grande Campeão – Recife/77
- Grande Campeão – Natal/77
- Grande Campeão – C. Grande/77
- Campeão Júnior – Uberaba/77
- Campeão Júnior – Recife/76
- Grande Campeão – Natal/76
- Campeão Bezerra – Uberaba/76
- Campeão Bezerra – João Pessoa/75

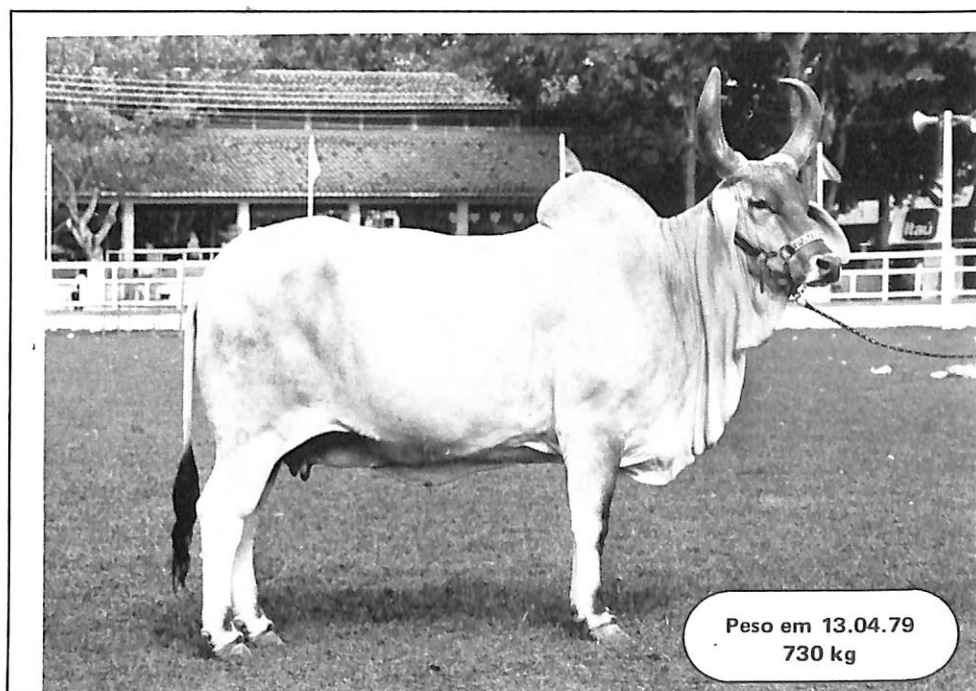
PAINEIRA - S

Extraordinária matriz

- GRANDE CAMPEÃ NACIONAL
Uberaba/79
- GRANDE CAMPEÃ
Natal/79

**CAMPEÃO NACIONAL pela
5a. vez CONSECUTIVA**

1979 – GENERAL-H, Uberaba
1978 – GENERAL-H, Natal
1978 – GENERAL-H, Uberaba
1977 – MAGNÉSIO, Uberaba
1976 – DACAR, Uberaba



FAZENDA MUÇAMBÊ
Proprietário:
Dr. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal, 86
CEP – 58.100 – Telefones: (083) 321-5411/5812
CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

1979

GRANDE SECA

A

NO

1985

NORDESTE



Tendo levado em consideração todas as análises simplistas sobre as ocorrências periódicas das secas nordestinas, tais como: correlação de secas com as manchas solares, circulação atmosférica do HN, posicionamento da Linha de Confluência Intertropical, tradições populares, etc, os cientistas concluíram que o melhor caminho seria buscar a matemática pura. Após enquadrar os dados necessários, tornou-se evidente a proximidade de uma Grande Seca. Rotularam o trabalho como "Confidencial" e o enviaram às autoridades, para as necessárias providências, no sentido de evitar uma catástrofe.

O trabalho intitulado "Prognóstico do Tempo a Longo Prazo" faz parte do Relatório Técnico ECA - 06/78 e foi concluído em dezembro de 1978, tendo como autores Lic. Carlos Girardi e Met. Luiz Teixeira, sendo uma pesquisa parcial do Projeto PROG-MET, financiada em parte pela FINEP (convênio com o M. Aer./Finep nº 259/CT/75), tendo contado com a colaboração do Ten. Cel. Archimedes Gomes, Prof. Alfredo F. de Almeida, Prof. José Luiz Rodolpho Muzzio e pesquisadora Maria Sueli da Silveira Macedo Moura.

Dizem os autores: "O polígono das secas, situado na região nordeste brasileira tem grandes probabilidades de sofrer acentuado período de seca nos próximos anos. Na fase de preparação dos totais anuais da pluviosidade da cidade de Fortaleza, CE, correspondentes a 129 anos (1849/1977) chegamos a essa conclusão, um tanto som-

bria para essa área brasileira. Embora nosso objetivo principal seja o equacionamento do problema da variabilidade das chuvas do nordeste, não nos poderíamos furtar de divulgar este resultado preliminar, em razão da urgência e das consequências que advirão. Esse inesperado prognóstico baseia-se em ciclos que, provavelmente, serão os precursores para a formulação matemática do fenômeno em um futuro próximo. Como poderá ser observado nos gráficos, essa previsão é fortemente probabilística e evidencia uma tendência que não deve ser rejeitada, levando-se em conta que essa calamidade climática certamente afetará grande porção da população brasileira".

A BASE DA PESQUISA

Foram levantados os dados de pluviosidade de Fortaleza, desde 1849, e mais outras seis estações: Crato, CE; Currais Novos, RN; Iguatu, CE; Limoeiro do Norte, CE; Quixeramobim, CE; Ouricuri, PE, estas últimas com dados de 1912 a 1956.

Os gráficos levantados mostraram que a curva de pluviosidade de Fortaleza representava grande área interiorana do nordeste brasileiro, pois o comportamento das chuvas era bastante similar, embora em intensidades diferentes. O coeficiente de correlação entre as curvas é de 0,74.

Mesmo buscando cidades onde a pluviosidade é maior, constatou-se a similaridade nas curvas. (Itapetinga, BA; Feira de Santana, BA, João Pessoa, PB — pesquisa da revista Paraíba Pecuária, envolvendo os 20 últimos anos).

A princípio, o gráfico de chuvas de Fortaleza, permitia a adaptação de uma curva senóide, ou várias senóides

diferentes. (Ver Figura 1). Após várias observações, uma das senóides, com um período de 26 anos e amplitude de 2.000 mm de chuva adaptou-se ao longo da amostra. Mas ela definia bem os períodos secos e mostrava contraste desoladores quanto aos picos de chuva. Era de se considerar, portanto, que o problema podia ser solucionado por essa via, já que os ciclos negativos funcionavam perfeitamente. (Ver Figura 2).

Uma outra senóide, com período de 13 anos e 1.400 mm de amplitude foi adaptada com a curva de 26 anos, onde esta harmonizava-se com os dados de chuva escassa, isto é, na fase negativa. (Já Charles G. Markhan, em seu "Apparent periodicities in rainfall at Fortaleza, CE — Journal of Applied Meteorology, Vol. 13, nº 1, February 1974 havia demonstrado que médias móveis de 5 a 13 anos eram uma explicação. E as senóides de 13 e 26 anos coincidem com as médias móveis citadas.)

As senóides foram adaptadas sobre os dados de pluviosidade (Ver Fig. 3) e mostraram os seguintes dados concretos:

a) Curvas em fase

. Seca em 1850. Seca em 1877, 1878 e 1879. Seca em 1902 e 1903. Seca em 1907. Seca em 1928. Seca em 1932 e 1933. Seca em 1953 e 1954. Seca em 1956. Seca em 1958.

b) Curvas em oposição

. A quantidade de precipitação e as estiagens alternam-se aos extremos sendo um período de transição altamente variável e de difícil prognóstico até o momento.

c) Intersecção das curvas

. Nas vizinhanças desses pontos, que



PLUVIOMETRIA (TOTAIS ANUAIS)

Fig. 1 - Pluviosidade de Fortaleza no período de 1849 a 1977

21^a

EXPOSIÇÃO PARAIBANA

DE ANIMAIS E PRODUTOS INDUSTRIAIS

1979

De 25 de novembro
a 02 de dezembro

CAMPINA GRANDE, PB

11a. EXPOSIÇÃO INTERMUNICIPAL
de Animais e Produtos Derivados



PARAIBA

Terra de Grandes Campeões Nacionais.

Promoção

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE

SOCIEDADE RURAL DA PARAÍBA



1975

MOREIRA
raça Indu brasil,
de Cajazeiras



1976

DACAR
raça Guzerá,
de Campina Grande



1977

MAGNÉSIO
raça Guzerá,
de Campina Grande



1978

GENERAL-H (78 e 79)
raça Guzerá,
de Campina Grande



1979

PAINEIRA
raça Guzerá,
de Campina Grande



1979

FRONTEIRA
raça Indu brasil,
de Campina Grande



INFORMAÇÕES:
Campina Grande, PB

Fone: (083) 321-3467

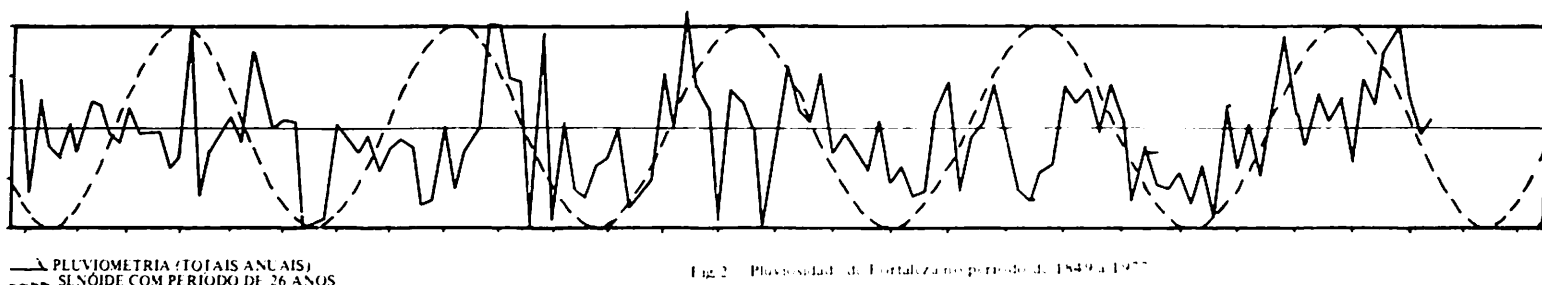


Fig. 2 - Pluviosidade de Fortaleza no período de 1849 a 1977

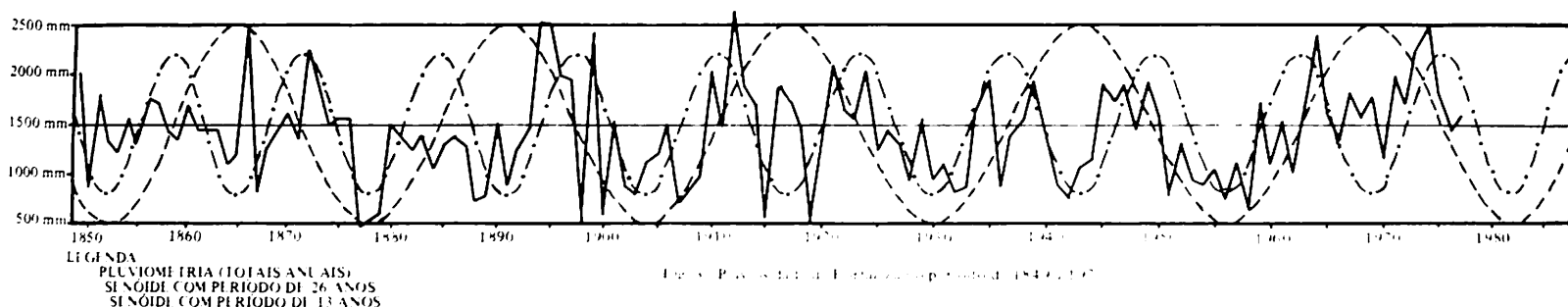


Fig. 3 - Pluviosidade de Fortaleza no período de 1849 a 1977

distam entre si de 9 a 17 anos, há sempre bons índices de chuvas, como pode se ver nos anos 1861 (1.445 mm), 1870 (1.628 mm), 1887 (1.320mm) 1896 (1.970 mm), 1913 (1.874 mm), 1922 (1.675 mm), 1939 (1.929 mm), 1948 (1.440 mm), 1965 (1.635 mm), 1974 (2.030 mm). Não há secas nas intersecções e as chuvas estão sempre acima da média de Fortaleza (1.427 mm).

Quando as curvas caminham paralelas, os valores de pluviosidade permanecem praticamente limitados pelas duas linhas, acompanhando o sentido das mesmas, como pode se observar nos períodos descendentes de 1875/1881, 1901/1907, 1927/1933, 1953/1959. E FATO IDÊNTICO É ESPERADO PARA O PERÍODO DE 1979/1985.

ANÁLISE MATEMÁTICA

Após a constatação acima, tornou-se necessária uma confirmação matemática dos ciclos encontrados, além de ressaltar o interesse pela identificação de outros ciclos de menor influência que pudessem trazer um auxílio a mais às previsões de secas para a região.

Após um longo trabalho, onde os ciclos foram analisados por todas as vias conhecidas, notou-se que os resultados conduziām à confirmação da análise subjetiva, qual seja, a previsão de um período de chuva escassa entre os anos de 1979 a 1985, com forte tendência à ocorrência de "seca".

Tendo confirmado a tendência para a seca, seria interessante verificar qual

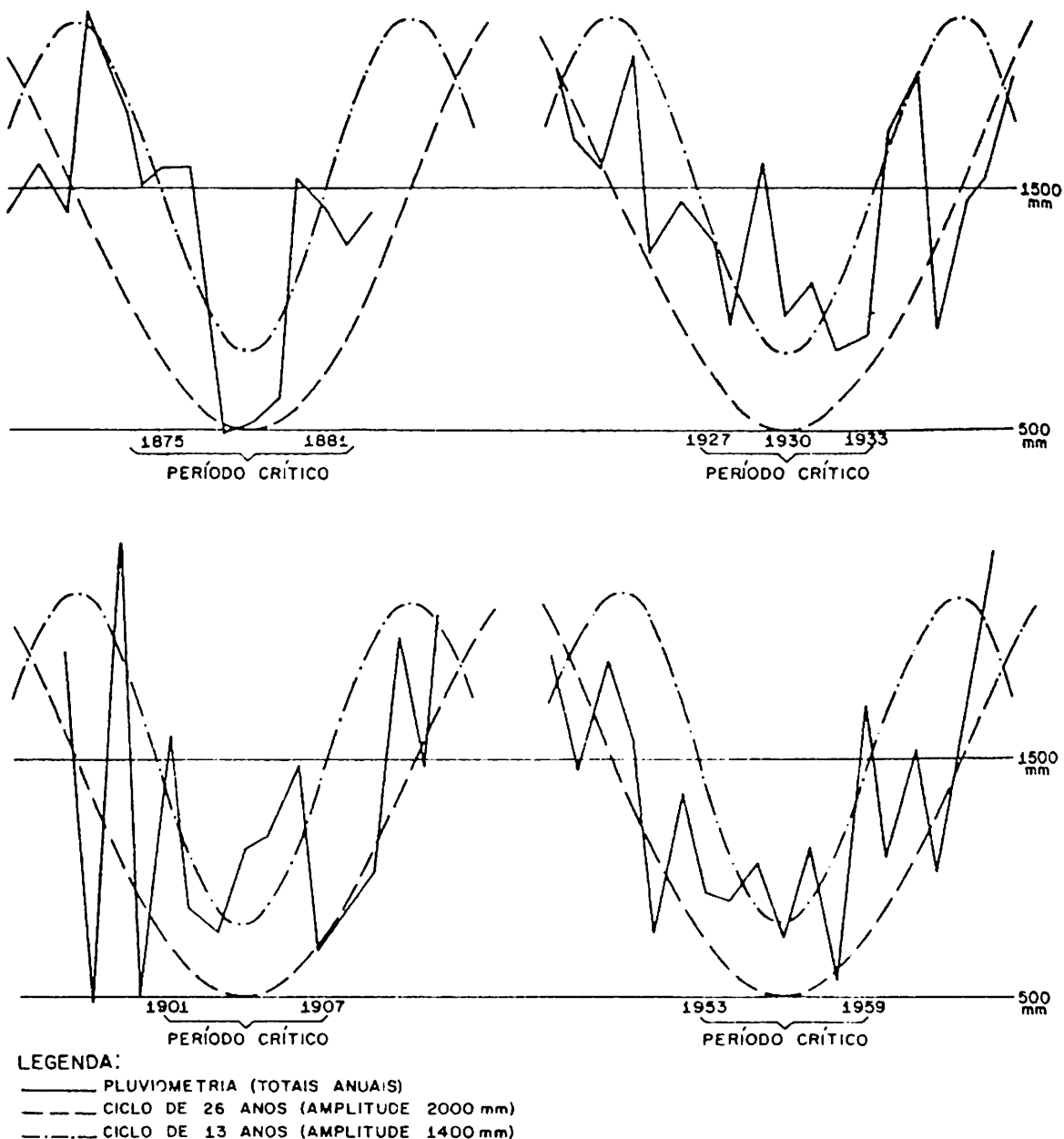
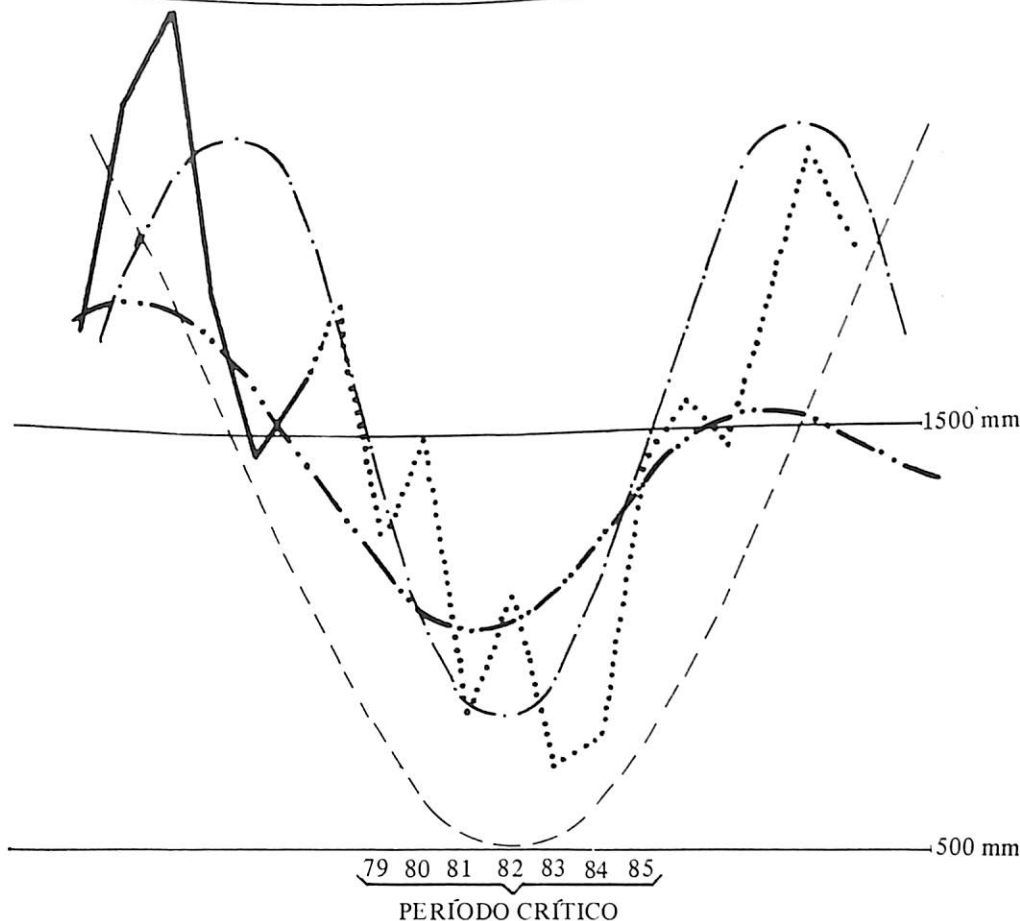


Fig. 3.2 - Senóides em fase - Períodos de seca no passado.



LEGENDA:

- PLUVIOMETRIA (TOTAIS ANUAIS)
- - - CICLO DE 26 ANOS (AMPL. 2000 mm)
- CICLO DE 13 ANOS (AMPL. 1400 mm)
- . - . - PLUVIOMETRIA PROGNOSTICADA
- CURVA DE TENDÊNCIA (FOURIER)

a intensidade e qual o seu comportamento no período. Para tanto, os cientistas admitem que os antecedentes permitem uma semelhante especulação, ou seja, pela análise das grandes secas do passado, poder-se-ia traçar a seca de 1979/1985. (Ver Fig. 4)

A GRANDE SECA

Os cientistas concluíram que a seca iria seguir o comportamento indicado na Fig. 5, onde constata-se que já estamos vivendo o período definido pela análise matemática, onde tudo se ajusta. A cada ano, o volume de chuvas

vem diminuindo, em 1979 as chuvas demoraram muito, em 1980 a previsão mostra mais chuva que em 1979, havendo tempo suficiente para as autoridades tomarem todas as providências para evitar a calamidade dos anos seguintes.

Convém salientar que, quando se espera um mínimo de 750 mm para Fortaleza (ano de 1983), o restante do Nordeste semiárido estará sofrendo uma Grande Seca com pouco mais de 200 mm de precipitação, uma autêntica calamidade.

Fig. 5

Prognóstico para o período 1979/1985



Esta região na Bahia não vê chuva, há muito tempo...um prenúncio!



Os sinais indicam a proximidade da Grande Seca e muitos já estão ensilando e se preparando, mesmo sem crédito.

Bibliografia indicada pelos cientistas:
ALDAZ, L. — Some meteorological aspects of Northeastern Brazil's rain regime in reference to the "seca" phenomenon. Sudene, DNMET, OMM, 1972.

2) FERRAZ, J. S. — Causas prováveis das secas do nordeste brasileiro. Diretoria de Meteorologia — Rio de Janeiro, 1924.

3) MARKHAM, G. C. — Apparent periodicities in rainfall at Fortaleza, CE, Brazil. Journal of Applied Meteorology, Vol. 13, nº 1, February, 1974.

4) MINISTÉRIO DO INTERIOR — Plano integrado para o combate preventivo aos efeitos das secas do nordeste, nº 1, Brasília, 1973.

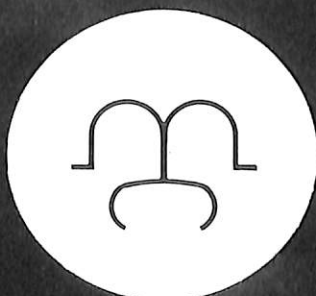
5) PANOFISKY, H. A. BRIER, G. W. — Some applications of statistics to Meteorology. Pennsylvania State University, Pennsylvania, 1968.

6) SERRA, A. — Meteorologia do nordeste brasileiro. IBGE/CNG, Rio de Janeiro, 1945.

7) STRANG, D. M. G. — Análise climatológica das normais pluviométricas do nordeste brasileiro — São José dos Campos, Centro Técnico Aeroespacial, IAE, 1972.

JOSÉ CARLOS DO MANSO CABRAL

FAZENDA BAIXA LARGA — MUNDO NOVO, Bahia



ALTA SELEÇÃO
NELORE

VENDA PERMANENTE
de REPRODUTORES

SALVADOR, BA — Av. Estados Unidos, 6 — sala 502
CEP 40.000 — Fone: (071) 242-5240/8721

O PACOTE NORDESTINO

ditado pelos empresários rurais

Esse trabalho representa uma sugestão aos órgãos competentes, ditado pela livre iniciativa nordestina, cansada da impassividade com que é tratada a região e confiantes no "slogan" de Figueiredo:

"Não pode haver Brasil rico, com Nordeste pobre".

Diante da iminência de uma Grande Seca, sem dúvida, esse Documento ganha dimensões inusitadas, até mesmo políticas, por ser uma legítima contribuição reivindicatória.

CRÉDITO RURAL

- 1 - Drenagem de maior volume de recursos do Crédito Rural para o Nordeste, em proporção, pelo menos, correspondente à contribuição da região na formação da renda agrícola do país.
- 2 - Que os recursos subtraídos aos fundos regionais e destinados ao PIN e ao PROTERRA, bem como os demais incentivos fiscais atualmente em vigor, sejam devolvidos e/ou destinados exclusivamente para o Norte e Nordeste, através da SUDENE e SUDAM, e não mais desviados para atividades setoriais.
- 3 - Aplicação de, no mínimo, 40% dos recursos citados no item 2, no setor primário.
- 4 - Que os bancos da rede privada apliquem, por força de norma geral expedida pelo Banco Central, 15% da média de suas posições líquidas dos depósitos no mesmo Estado onde forem captados.
- 5 - Reforço, através de repasses específicos, aos Bancos Estaduais da região, para aplicação em Crédito Rural orientado.
- 6 - Quando determinado banco, por mera conveniência negocial, ou por questão administrativa, não queira aplicar em Crédito Rural na região administrativa, que ele coloque os recursos estabelecidos para tal fim à disposição do Banco Central que os repassará a outros bancos que queiram aplicar na região, atendendo às prioridades de cada Estado.
- 7 - Que o princípio citado no item 4 visando a aplicação específica na região onde foram captados os depósitos restrinja-se somente à região nordestina.
- 8 - Que os programas de financiamento do Banco Central, a nível nacional, tenham suas dotações de recursos definidas por Estado da Federação, ouvidos os Ministros da Agricultura e da Fazenda, os quais deverão ouvir, por sua vez, as Secretarias de Agriculturas dos Estados.
- 9 - Que haja maior seletividade na distribuição do Crédito Rural para investimento e custeio de safras, buscando-se privilegiar certas culturas para as quais o Nordeste tenha vantagens competitivas, ou seja, fundamentais para o abastecimento regional ou destinadas à exportação.
- 10 - Estabelecer o Seguro Rural para agricultura e pecuária, visando conferir segurança aos proprietários rurais, em todo Nordeste, ou pelo menos, nas regiões áridas.

CUSTEIO E INVESTIMENTO

- 1 - Intensificar o programa de infra-estrutura econômica de apoio à atividade agrícola, particularmente ampliando a construção de estradas vicinais, eletrificação rural, armazéns, silos e usinas de beneficiamento.
- 2 - Incentivar a implantação de fábricas de rações e concentrados, com a utilização, preferentemente, de produtos regionais ainda não convenientemente explorados, a exemplo de mamona desintoxicada, mandioca, cacau, etc.
- 3 - Adotar o programa de financiamento de custeio, de acordo com as disposições do Pacote da Agricultura aprovado pelo Ministério da Agricultura em 1979.
- 4 - Estabelecer um programa de investimento nas propriedades nordestinas, principalmente no tocante a açudagem, pastagens, instalações, ampliação ou melhoria genética dos rebanhos, visando torná-los resistentes às secas periódicas, ou para exploração de novas áreas.
- 5 - Considerar, como inviável, na região, investir nas propriedades a uma taxa de 30% ao ano. Apenas o incentivo levará os proprietários a criarem uma infra-estrutura capaz de enfrentar o rigor das secas periódicas, não importando o tamanho de sua propriedade, e

Nossos créditos a: "Documento resultante do 1º Encontro de Empresários do Nordeste /78-EMNOR", "Associação Comercial da Bahia" e seu manifesto, "Sindicato Rural de Itapetinga, BA" e seu memorial a Delfim Netto, aos batalhadores agropecuaristas nordestinos entrevistados em todos os Estados e a revisão final pelos insígnies batalhadores: Dr. Manoel Dantas Vilar Filho (PB), Dr. Miguel José Vita (BA), Dr. Henrique Vieira de Albuquerque Melo (PB) e Dr. José Inojosa (PE), presidente da Agropene.

os juros deverão ir de zero a 15%

6 - Reformulação da política nacional dos preços de tratores e implementos agrícolas, tomando como base o preço de exportação dos mesmos.

7 - Intensificar a divulgação junto às lideranças regionais no sentido de demonstrar que apenas criando uma condizente infra-estrutura agrária poderá o Nordeste criar condições para enfrentar um futuro mais digno. Todas as medidas e todos os créditos concedidos, se não visarem antes a concretização da infra-estrutura das fazendas, estarão fadados a constituir simples paliativos.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E PESQUISA

1 - Intensificar o programa de criação e/ou transferência de tecnologia específica sob a supervisão da Embrater, objetivando: a) melhoria de pastagens, b) manejo do rebanho, c) intensificação do plano de sanidade animal, d) agricultura da zona seca. Todas as demais atividades poderão ocorrer, por si só, desde que essas quatro sejam implantadas convenientemente.

2 - Dinamizar os serviços de pesquisa e extensão rural, a fim de que os órgãos de atuação regional, a exemplo da EMBRAPA e EMBRATER exerçam importância crescente na produção e difusão de tecnologia adequada à região, através de abertura de postos de extensão rural que coloquem a região na média da relação (posto de extensão rural/número de municípios) do resto do país.

3 - Intercâmbio técnico com outras regiões secas do mundo, onde essa tecnologia seja disponível, como a Índia, Estados Unidos e, principalmente Austrália.

PECUÁRIA LEITEIRA E DE CORTE

1 - Liberação de linha específica de crédito para atividades pecuárias, tais como: silagem, fenação, melhoria das pastagens, combate sistemático às doenças incidentes na área, dando ênfase à recuperação e/ou implantação de pastagens, com vistas ao aumento da capacidade de suporte, em condições compatíveis com as peculiaridades da região e, sobretudo, para a formação de pastagens mistas (espécies arbóreas e gramíneas), tais como algaroba x capim buffel.

2 - Uniformização do Crédito Rural para essa atividade, evitando a proliferação de linhas paralelas, muitas das quais desconhecidas dos pecuaristas, especialmente do pequeno produtor.

3 - Revisão dos limites de valor de financiamento de reprodutores de alta linhagem, de modo a adequar esses mesmos limites a condições reais e estimulantes.

4 - Estímulo ao desenvolvimento da pecuária de pequeno porte (caprino, ovino e suinocultura) com o estabelecimento de linhas de crédito específicas.

5 - Adoção de medidas que reduzam o número de intermediários na comercialização de gado de corte.

6 - Estímulo absolutamente prioritário para o estabelecimento de frigoríficos e laticínios com financiamento a longo prazo e/ou a fundo perdido aos produtores devidamente organizados em cooperativas.

7 - Estabelecimento de estímulos à produção de carne de melhor qualidade, fixando melhor preço para o novilho precoce.

8 - Estímulo igualmente prioritário ao estabelecimento de novas cooperativas, instalação de postos de recebimento, distribuição e resfriamento de leite, bem como de centrais de distribuição do leite "in natura", ao consumidor nas grandes concentrações populacionais.

9 - Eliminação imediata do critério de leite-cota para o Norte e Nordeste.

CAMPEÃO DA EXPOSIÇÃO CENTRO - NORDESTINA

Crato - 1979

PONTOS CONQUISTADOS

● como Expositor	— 820
● como Criador	— 958
● total	— 1.778

S. G. D. APACHE — P. O. N.

Reg. nº A-17.730

Nasc.: 03.05.76

Filiação: Paclamar Astronaut/ J. P. R. Herma

- Grande Campeão da Raça/Campeão Touro Jovem — Crato, 79
- Campeão Touro Jovem — Fortaleza, 78
- Grande Campeão da Raça/Campeão Júnior — Crato, 78
- Campeão Bezerro — Crato, 77



ANIMAIS PREMIADOS

● Nacionais	— 26
● Importados	— 4
● total	— 30

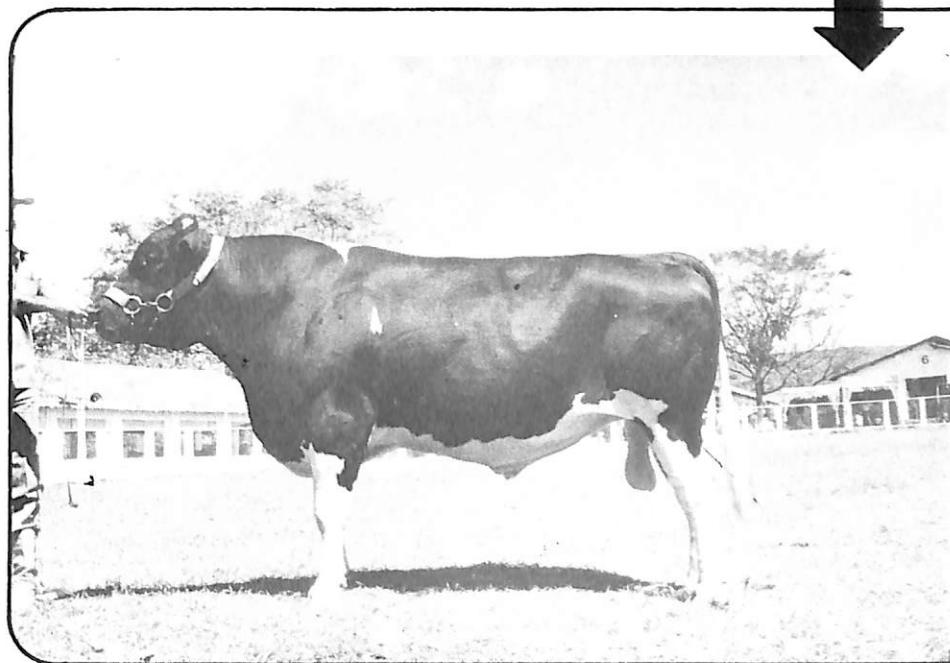
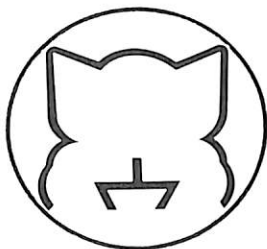
SABIÃ ORGULHO — P. O. N.

Reg. nº 231

Idade: 48 meses (julho.79)

Peso: 720 kg

- Grande Campeão da raça SIMENTAL — Crato, 79.



BICAMPEÃO CONSECUTIVO EM CRATO -- 1978/1979

PRÊMIOS EM 1979

Raça Holandesa POI Preto e Branco

- Grande Campeã
- Reservada Grande Campeã

Raça Holandesa Preto e Branco

- Grande Campeão
- Grande Campeã
- Reserv. Grande Campeã
- Melhor Úbere
- Campeã Leiteira

Raça SIMENTAL P. O. N. e P. C.

- Grande Campeão
- Reserv. Grande Campeão
- Grande Campeã
- Reserv. Grande Campeã

Melhor Progenie de Pai e Melhor Progenie de Mãe

FAZENDA BETÂNIA

Sede: Rua Leão XIII, 362 — Fone: (085) 511-2784
63.180 — Juazeiro do Norte — CE

Criação de
gado SIMENTAL
e Holandês
Preto e Branco



Medalha de Prata conquistada
como vencedor do Concurso
Leiteiro

10 - Financiamento automático ou refinanciamento com valor de mercado, para retenção de matrizes

11 - Financiamento para aquisição de matrizes, com 8 anos de prazo para pagamento, ao preço de mercado para: a) criadores tradicionais, b) novos criadores, c) inventistas que desejem iniciar criação.

12 - Financiamento, com carência e amortização a longo prazo, para melhoria genética do rebanho, utilizando inseminação artificial, monta natural, ou outras técnicas modernas.

APOIO AO PRODUTOR E RURIÓLA

1 - Assegurar o aporte de recursos em termos reais, previstos para o POLONORDESTE e Projeto Sertanejo.

2 - Ampliar o Programa de Produtores de Baixa Renda.

3 - Intensificar o programa de titulação das terras, de forma a dar acesso aos pequenos e médios produtores rurais à assistência técnica e financeira e preservar suas propriedades da grilagem, sobretudo em áreas de fronteira agrícola, inclusive naquelas onde o Governo vem atuando, como é o caso das áreas dos programas de irrigação e de desenvolvimento rural integrado.

4 - Implantação de um sistema de atendimento social ao homem rural, compreendendo cursos de serviços primários domésticos, serviços médicos e lazer educativo, além da construção de escolas rurais.

5 - Participação do BNH no financiamento de construção de casas ou agrovilas, sob responsabilidade do proprietário.

6 - Criação de um estoque estratégico de alimentos na região, para regular o abastecimento durante os anos de secas.

SISTEMA COOPERATIVISTA

1 - Estimular, sob todos os aspectos, o sistema cooperativista como uma das soluções ideais para a região.

2 - Permitir que até 50% do Imposto de Renda devido por pessoas físicas e jurídicas sejam utilizados para subscrição e integralização de cotas partes de capital.

3 - Permitir que parte dos incentivos fiscais decorrentes do Decreto-Lei nº 157, de 10.fevereiro.1967, possa reverter em benefício do Fundo Nacional de Cooperativismo e ser utilizado pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo, exclusivamente sob a forma de participação no capital das cooperativas sediadas no Nordeste e Norte.

4 - Estimular as operações de repasse aos mini, pequenos e médios produtores, estabelecendo diferenciais seletivos entre a taxa cobrada ao associado e a devida pela cooperativa.

5 - Dispensar a exigência do aval dos diretores da cooperativa nas operações de repasse.

Além dos itens abordados, a matéria abrangia, também, produtos específicos, tais como: reflorestamento, sisal, algodão, cacau, dendê, piscicultura, feijão, etc., que deixamos de considerar, por representar interesse para regiões restritas.

Calendário de Exposições 1979

SETEMBRO

- 2 - 9 Grajaú, MA
- 2 - 9 Lagarto, SE
- 2 - 9 Guaratinguetá, SP
- 2 - 9 - Caxambu, MG
- 6 - 9 Formiga, MG
- 6 - 9 Ibiá, MG
- 7 - 9 Paraopeba, MG
- 8 - 16 Barra dos Garças, MT
- 9 - 16 Itabuna, BA
- 9 - 16 Castanhal, PA
- 16 - 23 Ituiutaba, MG
- 16 - 23 Três Corações, MG
- 16 - 23 Belo Horizonte, MG
- 16 - 23 São Luis, MA
- 16 - 23 Fortaleza, CE
- 19 - 23 Mar de Espanha, MG
- 23 - 30 Feira de Santana, BA
- 23 - 30 Soure, PA (marajó)
- 26 - 29 Mossoró, RN
- 27 - 30 Sousa, PB

OUTUBRO

- 4 - 7 Carmo do Paraiíba, MG
- 4 - 7 Passos, MG
- 6 - 9 Senhor do Bonfim, BA
- 6 - 13 Araguari, MG
- 7 - 14 Presidente Prudente, SP
- 7 - 14 S. José do Rio Preto, SP
- 7 - 12 Visc. do Rio Branco, MG
- 10 - 13 Pau dos Ferros, RN
- 11 - 14 Bom Conselho, PE
- 14 - 21 Boa Esperança, MG
- 14 - 21 Amargosa, BA
- 15 - 19 Parnaíba, PI
- 18 - 21 Taperoá, PB
- 21 - 28 Belém, PA
- 28 - 29 Varginha, MG (Leiteiro)
- 28 - 4/11 Natal, RN

NOVEMBRO

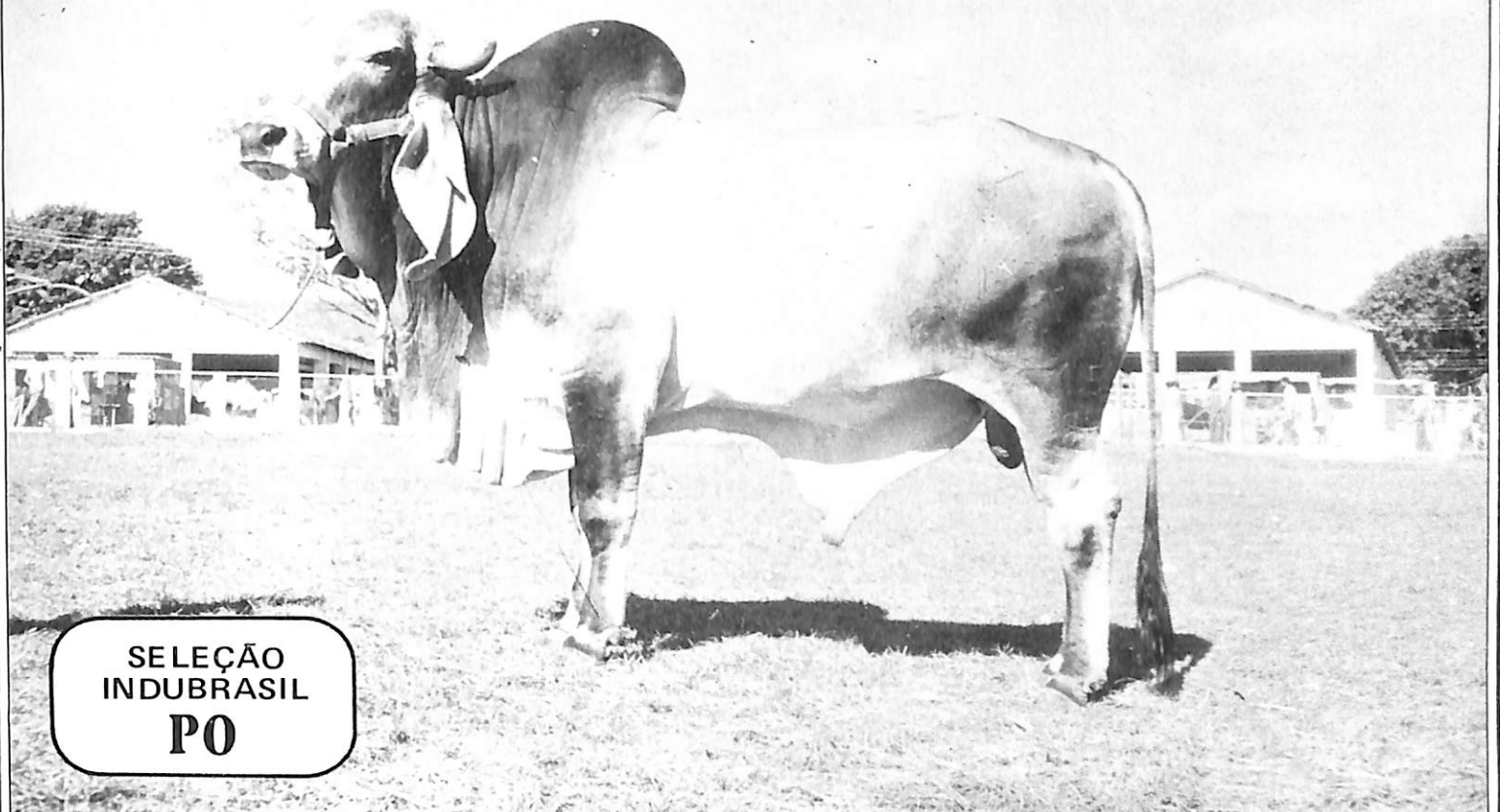
- 4 - 11 Aracaju, SE
- 8 - 11 Monteiro, PB
- 10 - 18 Bauru, SP
- 12 - 18 Recife, PE
- 18 - 25 Teixeira de Freitas, BA
- 21 - 28 Itapebi, BA
- 22 - 25 Solânea, PB
- 22 - 28 Teresina, PI
- 25 - 02/12 Campina Grande, PB

DEZEMBRO

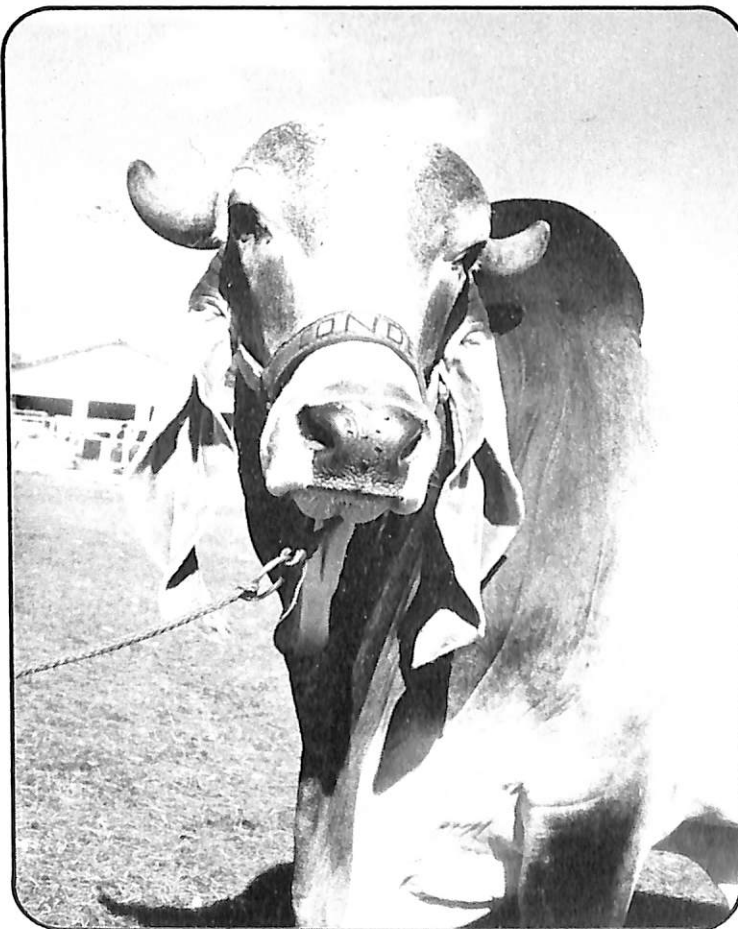
- 2 - 9 Ipiá, BA

FAZENDA **ESCADINHA**

JOÃO FERREIRA BRAGA



SELEÇÃO
INDUBRASIL
PO

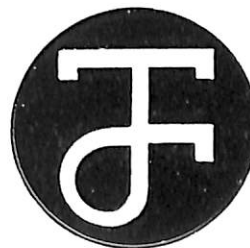


CÔNDE

PENACHO
9315
GAZELA
E-4262

Nasc.: 05.06.1976

- Campeão Bezerro — Expo. Centro Nordestina, 77
- Campeão Bezerro — Expo. Paraibana, 77
- Campeão Touro Júnior — Expo. Paraibana, 78



Venda
Permanente
de
Tourinhos

Sousa, Paraíba — CEP 58.800
Rua José Gomes de Sá, 10
Fone: (528) 521-1237

NELORE da Fazenda

HO OITEIRO

HENRIQUE VIEIRA DE A MELO

Registro
Genealógico
desde 1967
Controle do
Desenvolvimento
Ponderal
desde 1970

Estábulo para 400 animais

A sede, um
cartão de visita
da Paraíba.

Rusticidade aliada a um moderno
manejo

Uniformidade em toda a produção

Matrizes pesadas, de forte
caracterização racial

- 1.000 matrizes Nelore, em regime de seleção rigorosa
- Central de Inseminação na própria fazenda
- Utilização de sêmen dos maiores Campeões Nacionais e outros de notável valor genético.
- As matrizes da Oiteiro valem uma visita.

Touros mais pesados:

- Debrum — 1.015 kg
- Sahib — 1.003 kg
- Trole — 995 kg

A média dos touros ultrapassa 900 kg.

TOURINHOS DE
ALTA LINHAGEM
em Venda
Permanente

Sede: SÃO MIGUEL DO TAIPIU — Paraíba
Escritório: JOÃO PESSOA, PB — CEP 58.000
R. Cardoso Vieira, 137 — Fones: (083) 221-4566/4482

AS ALEGRES MANOBRAS MINISTERIAIS

Sem dúvida, o Brasil é o paraíso terrestre, pois não há como entender, à luz da razão, as manobras ministeriais dos últimos tempos. Só podem ser fruto da intensa alegria espalhada por esse magnífico sol que não foi burocratizado, ele aquece e ilumina ricos e pobres, sulinos e nordestinos.

Precisou haver uma grande seca para doer a consciência governamental e criar a SUDENE, há pouco tempo. Mas logo, o drama da seca foi esquecido, o Nordeste continuou sendo uma região longínqua, cheia de subnutrição, esquistossomose e não valia a pena continuar lutando para dar condições de vida aos habitantes. O melhor seria atender a uma pequena faixa de cidadãos, semi-privilegiada, empregados de fábricas artificiais e funcionários oficiais. E a SUDENE foi esvaziada para atender as pontes Rio-Niterói, metrô, transamazônicas, andreaZZas, delfins, etc. A renda nordestina, portanto, acelerou sua concentração em mãos de poucos, tornando os pobres mais pobres, como profetizara Cirne Lima, ao rejeitar a alegria ministerial.

A miopia está custando um bocado caro, hoje. A escola simonseniana acreditava que as exportações brasileiras poderiam compensar os gastos com o aumento do petróleo, bastando auxiliar as multinacionais a produzir mais e mais. Agora, o Brasil não tem uma política energética e está perdendo a fabulosa quantia de US\$ 7 bilhões (Cr\$ 180 bilhões de cruzeiros). E viva a incoerência, há poucos anos o próprio Simonsen dissera um sonoro "não" à política energética. Agora, ele mesmo diz baixinho: "acho que está na hora"!

E pior, ao invés de cuidar da economia do santo combustível, a alegria ministerial resolveu alienar o bom-senso: ao invés de reduzir o crescimento da indústria automobilística, permitiu que hoje o país festeje a produção de 1 milhão de veículos por ano. Ao invés de investir maciçamente no transporte de massa e em ferrovia, resolveu cancelar as ferrovias nordestinas (os políticos da região calaram-se, tontos e

amordaçados, ou aliciados) e agora os ônibus urbanos estão parecendo barraco de favela, as indústrias sem possibilidade de atender à demanda, as ferrovias continuam obsoletas e suas fábricas desamparadas e ociosas. E o transporte de 96% da população e 70% das cargas é feito por rodovia.

Geisel, quando na Petrobrás, preferiu sondar e prospectar petróleo no Oriente Médio e, depois, como presidente, atirou bilhões pela janela, salvando a indústria nuclear alemã do buraco e criando mais um enorme "elefante branco" no Brasil, enquanto os cientistas afirmavam que energia nuclear tupiguarani só seria necessária lá pelo ano 2.000, mesmo sabendo que somente a bacia amazônica tem potencial para mais de 100 milhões de kW, ou seja, cinco vezes a capacidade instalada no país.

Agora, o governo, todo molengo, vem dizer que o momento é de guerra, que todos devem fazer sacrifício, que todos devem pagar pela alegria ministerial. Só falta pegar o píres e recolher ouro do povo, novamente! Em nome do governo revolucionário que, segundo Alencar Furtado, foi desfechado para favorecer interesses capitalistas dos grandes grupos e impedir o processo de nacionalização de algumas empresas, como se cogitava na época, tendo Golbery na linha de frente. Ou seja, ao conclamar a abertura, o governo permite uma retrovisão crítica sobre o passado, em troca do sacrifício do presente... e, então, a alegria ministerial fica evidente mesmo!

Simonsen volta à carga: propõe que certas áreas sejam entregues às multinacionais, sem risco, sem a fiscalização da Petrobrás, reservando-se às cores verde-amarelo o direito de uma participação no óleo obtido. O homem enfrenta a Lei nº 2.004 e o Congresso Nacional, atacando pelos bastidores, rifando o monopólio estatal do petróleo, e rifando o nacionalismo, a tal ponto que o jornal O Globo publicou no editorial: "O piparote dos preços desmontou o castelo de cartas do nacionalismo improdutivo". O povo que vá para o brejo!

E, então, com inflação, com o povo chiando, com a fome rondando, com iminência de seca, a alegria ministerial acha que é chegado o momento de se pensar numa política energética e não há dúvida que somente um novo combustível poderá salvar a indústria automobilística "nacional". E assim, o álcool, até agora boicotado pelas multinacionais, passa a ser perseguido vorazmente por elas, como única tábua de salvação! Por isso, na recém criada Comissão Nacional de Energia foi colocado um representante, Sr. Mário Gartner, da indústria automobilística, juntamente com um professor de engenharia e um especialista em carvão (!)

O álcool ganha conotação automática de tanque de gasolina, para veículos e, como tal, leva a reboque a imagem de "prioridade nacional" (uma imagem absolutamente falsa, pregada pela Televisão). Segundo Sebastião Simões, o melaço produzido em São Paulo, se fosse queimado nas fornalhas geraria 3 milhões de Kcal, enquanto que, após sua conversão em álcool gerará, apenas, 1,87 milhões. A miopia, no entanto, quer salvar o tanque dos veículos e não o parque industrial. As alternativas são muitas, com possibilidade de permitir ao Brasil se safar da precária situação energética atual. A floresta amazônica representa toda a reserva mundial de petróleo e carvão somadas! A Rússia extrai a maior parte de sua energia da madeira. Somente 15 milhões de hectares da Amazônia (lembrete: os gringos, multinacionais, dominam também 15 milhões de hectares no paraíso verde) bastariam para gerar toda a energia adicional que o país possa utilizar até 1985! E ninguém pode precisar se estamos realmente decididos a gerar nossa energia própria ou tentando aliviar as aflições da indústria automobilística, engordando de passagem, os fabricantes de destilarias!

Ademais, o bom senso manda restringir a produção de energia às regiões auto-suficientes em combustíveis pesados, como o Nordeste (petróleo) e o Norte (lenha) e o álcool de cana-de-açúcar ou mandioca é viável tanto no Nordeste como no Centro-Sul. O casamento tríplice, no entanto, não atende aos anseios da multinacional!

Os quixotes burlescos nordestinos, um Sr. Vanderley Caixe, devidamente apoiado e endossado (semi-patroci-

nado) pelo arcebispo paraibano, conclama que "a terra existe para produzir alimentos e não combustíveis para os carros", ameaçando pressionar até Jimmy Carter e os grupos financeiros internacionais para tirarem o seu apoio ao Proálcool, pois afirma que esse é "parte de um plano que visa reservar o território brasileiro para atender às necessidades do imperialismo". Assim, a alegria ministerial ganha foros populares e, no fundo, tudo vira um festival picaresco.

Enquanto isso, os preços disparam, ao invés de tratar de crédito para plantações, subsidiam-se importações criminosas, obrigando o leite a ser atirado aos porcos, as vacas serem dizimadas, o gado Zebu ser trocado por gado alienígena. Até peste suína entrou na história, para favorecer a implantação de uma suinocultura ianque.

Chega um ministro, faz um Pacote, meio estranho, incoerente, e o povo continua com fome. Diz que vai encher as panelas dos pobres e se esquece que pobre não tem sequer panela, nem querosene para lamparina, só tem verminose, subcultura e...o direito a um voto nas eleições.

O rebanho brasileiro foi reduzido e o ministro forçou os laboratórios a produzirem vacinas mais eficientes, sendo boicotado visivelmente, pois as vacinas sumiram e a aftosa está devorando muito rebanho que havia escapado. Sem dúvida, o Zebu brasileiro poderá ser substituído pelo brahman americano (!) e nada impede afirmar que isto poderá ocorrer rapidamente, sequenciando a estratégia da peste suína. A carne vai subir, crédito para retenção de matrizes não sai do papel, investimento para as fazendas nordestinas não existe. E o político que duplicar ou triplicar o Crédito Rural para o Nordeste, sem dúvida, terá os votos na próxima eleição de um terço do território nacional!

Mas a alegria continua, o Governo diz que deseja fixar o homem à terra, enquanto os recursos são destinados aos centros urbanos. O Nordeste é precário em quase tudo, principalmente no setor urbano. Figueiredo, Delfim, Andreazza, Rischbieter e Said Farhat resolveram conferir um tratamento prioritário ao meio urbano nordestino, através do CNDU-Cons. Nac. Desenv. Urbano, doando 18 por cento dos recursos não reembolsáveis, embora a população seja de apenas 16 por cento em relação ao Brasil. E isso foi considerado uma grande doação! Alegre miopia!

Assim, o Nordeste continua sendo primo pobre, com direitos a esmolas, sendo manobrado pelas indústrias sulinas e a alegria ministerial, ninguém dando ouvidos aos empresários rurais nordestinos que estão roucos de tanto



A alegria ministerial proíbe o leite ao povo e faz importações, deixando como opção o leite clandestino

afirmar: "plantem capim, enfrentem a seca, que o Nordeste é viável". Mas não existe crédito para o bom senso, lamentavelmente.

Todos sabemos que a alegria ministerial somente pode ser estancada, periodicamente, quando ocorre um cataclismo, uma grande seca nordestina. Aí, então, talvez venha a se criar algo como uma nova Sudene, para iniciar um novo período na História, mais sensato...

POBRE ZEBU BRASILEIRO ÓRFÃO DE PAI E MÃE

Muito valente o Sr. V. Coronado, quando trouxe à luz o acinte cometido contra o zebu de José Maria do Couto Sampaio, na Bahia. Um autêntico crime contra o Guzerá que não foi acusado nem pela ABCZ ou pela Associação de Guzerá! Todos estavam dormindo...

Qualquer criador sabe que cruzamento entre Zebu e Holandês dá um resultado imediatista razoavelmente bom e ninguém precisa ouvir a mamãe EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária para realizar tal cruzamento. Essa empresa, denominada por Resende Peres como "uma indústria de PhD", está perdendo tempo e dinheiro (muito dinheiro, por sinal!) para pesquisar o que todo mundo já sabe! É a pesquisa do óbvio!

O pior é que, para que os meninos da Embrapa pudessem realizar tal pesquisa, resolveram acabar com o Guzerá de Cruz das Almas, uma seleção com dezenas de anos. Um absurdo inimaginável no Brasil de hoje, apoiado pelo silêncio da ABCZ, pois o Nordeste semiárido pagaria alto preço para ficar com tão nobre rebanho.

A Embrapa não parou aí, eis o que diz, oficialmente sobre o canchim: "Atualmente, a raça está sendo apon-tada como uma das mais indicadas

para refazer, a curto prazo, os rebanhos brasileiros em crise. E tais vantagens resultam da maior velocidade de crescimento dos animais obtidos, principalmente da elevada eficiência reprodutiva das fêmeas cruzadas, que atingem níveis de 20 ou 30% de superioridade em ambientes desfavoráveis e 30 a 50% em ambientes favoráveis. O produtor não terá necessidade de promover cruzamentos alternados, quando terá de manter touros de 2 raças diferentes na fazenda e, mais importante, ainda, não terá de evitar o aumento do sangue europeu e nem utilizar touros Zebu sobre fêmeas 1/2 sangue europeu-zebu, condições que comprovadamente provocam decréscimo da produção de carne, nas regiões tropicais".

Não se sabe quem é mais culpado, se a Embrapa ou a Santa Inquisição do Zebu Brasileiro. Um pregando uma técnica imediatista que poderá ser danosa, o outro aceitando um cadeado no trombone!

O cúmulo é evidente quando se toma conhecimento de juizes da renomada papisa do Zebu pregando e divulgando na imprensa escrita que o melhor a fazer é procurar cruzamentos, uma vez que Zebu, por si só, é inviável. E continuam sendo juizes, mesmo após a traição à causa. E são muitos os juizes de Zebu a defender outras raças, sem escrúpulo para com o futuro de seus seguidores.

A Codevasf-Cia. de Desenvolvimento do Vale do São Francisco resolveu entrar no Festival e está utilizando a esplêndida seleção de 500 fêmeas Nelore, de Formoso, no município de Santa Maria da Vitória, BA, para fazer canchim e outras coisas. Nelore de alto valor zootécnico!

Enquanto mais de 70 anos de seleção zebuína (que já custou até sangue de muito patriota) estão sendo vilipendiados, a ABCZ permanece deitada em

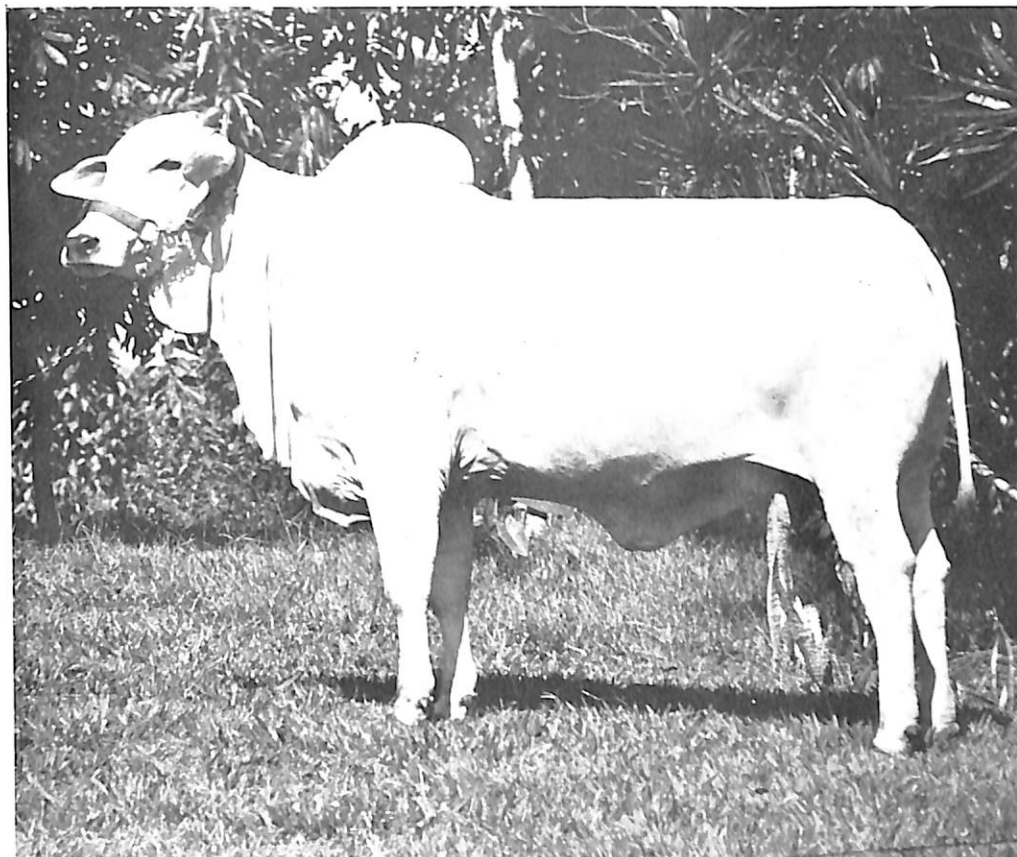
FAZENDA SÃO PEDRO

Município de Sertãozinho - SP

MARIA NEUSA CONSONI GUIMARÃES

End.: Rua Visconde de Inhaúma, 1478 - Fone: 252889

RIBEIRÃO PRETO - SP



GIPIELA - Filha de Hercúleo da S.C. e Desfeita. Aos 52 meses, pesou 680 kgs. Premiada diversas vezes em exposições, sendo a última em Uberaba/79.



CONJUNTO DE FÊMEAS, parte do plantel da Fazenda São Pedro, presentes na Exposição de Uberaba/79.

X

FAZENDA
MENDONÇA

X₂

ANTONIO JOSÉ DA SILVA

Seleção
INDUBRASIL
PO e PC



MASCOTE
2119

CALIBRE
6201

GIRAFA
8656



Notável matriz, de grande porte e forte caracterização

Criação
a regime de campo,
conferindo máxima
rusticidade

CATOLÉ DO ROCHA, PB
Informações no Posto Aquário
CEP - 58.884

berço esplêndido, endossando exportações para os Estados Unidos, exportações que privilegiam meia dúzia de produtores do Centro-Sul, boicotando o criatório nacional que não foi sequer convocado para participar, em tempo hábil.

Pobre Zebu Brasileiro, os criadores desistem de controlar e pesar o seu gado, pois há quase 2 anos que não recebem o mapa de IGP (Índice de Ganho de Peso), embora os preços tenham aumentado, enquanto a Papisa diz que o atraso é por culpa do computador, ou seja, até os dígitos eletrônicos estão contra a pecuária nacional!

Assim, lentamente, o Zebu vai sendo destronado! Os bancos não financiam zebu, em certas exposições; as raças européias contam com maior crédito; as escolas treinam seus alunos somente com gado holandês e zero de Zebu: os baianos já se acostumaram a comprar gado comum com "caranguejo" novinho, de outros Estados, ou seja, registra-se gado para facilitar a venda. Até no programa de TV: O Planeta dos Homens, do dia 07.07.79, numa grotesca cena cômica, um pretense Delfim Netto conclama as vantagens da compra do holandês ao invés de um boi Zebu brasileiro.

E ninguém protesta, mostrando que está certo o insigne Dr. Sinval Palmeira, quando diz: "Nós, agropecuaristas, somos mesmo apenas gigolô de vacas".

Até onde sofrerá de acefalia o pobre Zebu? Conseguirá a Santa Inquisição colocar na fogueira a Embrapa e trazer de volta o Guzerá de Cruz das Almas, zelando por tão caro patrimônio zebuino nacional, que foi roubado da Bahia e levado para o Rio?

Ou estarão se confirmando os cochichos de bastidores quando insinuam que a Papisa tem como finalidade maior distribuir escritórios para, aparentemente, registrar gado, e depois "apontar" os animais ou fazendas que possam exportar animais? Ou seja, apenas uma organização de triagem, a serviço de um reduzido grupo de marchantes sulinos? Não acreditamos, pois, em outras ocasiões, muito tem feito a ABCZ, apesar dos grillhões...

Quando é que o Nordeste será apontado pela Entidade Mater como "terra de vocação natural para a exploração pecuária", ajudando a pleitear medidas sensatas dos órgãos oficiais, visando consolidar a idéia de que Zebu no Nordeste é parte da infra-estrutura?

Todos estamos de olhos abertos, arregalados, e sabemos que quebrar as correntes da manietação é tarefa árdua, mas alguém tem que fazê-lo, um dia, em Uberaba, para o bem do Zebu Brasileiro, esse pobre Zebu, órfão de pai e mãe, por enquanto, mas superior a essa bandalheira toda, pois continua firme, como o melhor do mundo...!

Agosto. 79.

Senor
Semen Nordeste Ltda



Solicite e receba
GRATUITAMENTE
nosso catálogo de
reprodutores



Congelamos sêmen de animais das raças:

- HOLANDESA
- NELORE
- GUZERÁ
- GIR
- INDUBRASIL e INDUBRASIL VERMELHO
- FLECKVIEH

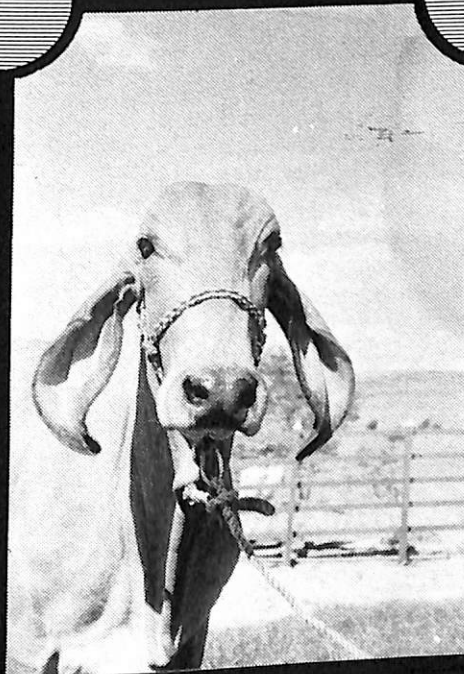
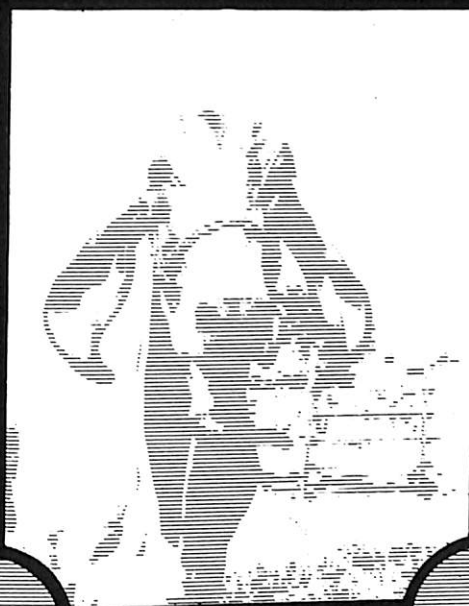
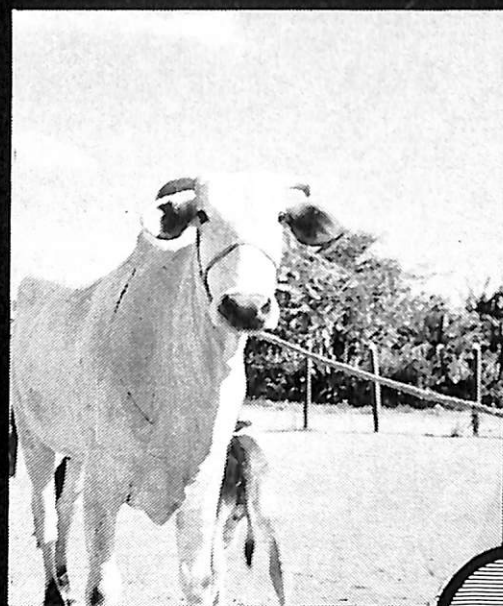
Temos também sêmen de outras Centrais e sêmen importado

CONSULTE-NOS

JOÃO PESSOA, PB - R. Cardoso Vieira, 137 - Fones: (083) 221-4566/4482
CEP - 58.000

TRANSFERÊNCIA de EMBRIÃO

uma realidade no Brasil



Agora, apenas uma fêmea pode produzir dezenas de bezerros por ano. O importante, nesse caso, é que a matriz seja do mais alto valor zootécnico.



**O MILAGRE da
MODERNA PECUÁRIA
já é um fato**

CAMPO VERDE

A Campo Verde Empreendimentos Rurais Ltda, decidiu-se a adentrar incisivamente no setor agropecuário, enviando seus especialistas aos Estados Unidos e trazendo a técnica mais moderna responsável pelo grande impulso conferido à pecuária norte-americana, visando iniciar o processo de Transferência de Embrião, no Brasil. A equipe, assim formada, implantou o sistema, em escala empresarial, tendo as primeiras transferências contado com a assistência de técnicos e autoridades de todo o Brasil, de juizes, da Diretoria da ABCZ-Associação Brasileira dos Criadores de Zebu e técnicos do Ministério da Agricultura, representantes de escolas de nível superior e muitos criadores. De 4 a 10 de junho abria-se uma nova era na pecuária nacional, tendo sido documentada por diversos órgãos da imprensa brasileira, salientando-se a reportagem elaborada e publicada pela revista Paraíba Pecuária nº 11 e Zebu no Brasil nº 70.

A Campo Verde, além do recém implantado programa de Transferência de Embriões, mantém um rebanho industrial, em regime de inseminação artificial, utilizando touros da raça Blond D'Acquitaine, Chianino e Limousine, para produção de novilhos precoces, um rebanho leiteiro, e a criação de caprinos da raça Jamnapari.

O rebanho da sede é constituído por 150 fêmeas da raça Holandesa, mais de 60 fêmeas de alto valor zootécnico da raça Nelore POI, além de centenas de fêmeas Nelore PO. A intenção é utilizar as fêmeas Nelore POI e fêmeas Gir mocho, cujo plantel está em formação, como doadoras de embriões.

Para atender às necessidades alimentares do rebanho, sem problema ou variação na quantidade e qualidade, a Campo Verde implantou um eficiente serviço de irrigação, adotando a mais moderna tecnologia disponível no Brasil, irrigando 240 hectares de pastagens e 100 de capineiras. O restante da fazenda obedece a um sistema de pastoreio rotativo racional, contando, para tanto, com o serviço de engenheiros agrônomos e técnicos no assunto.

A rotina de Transferência de Embriões exige que, tanto as doadoras como as receptoras, estejam em cio, na mesma data. Sincronizar um lote, visando agrupar algumas doadoras com diversas receptoras é, sem dúvida, uma tarefa pioneira em todo o Brasil, podendo ser considerada a parte mais delicada no Programa.

O esquema operacional atual da Campo Verde envolve a realização de 5 dias de serviço de Transferência de



Além de constituir excelente plantel, a Campo Verde mantém cerca de 60 Nelore POI para servirem de doadoras de embriões.

Eficiente sistema de irrigação para capineiras, pastagens e desenvolvimento de pesquisas agrícolas.



Embriões por mês. Cada doadora será super-ovulada em 3 cios, durante 3 vezes consecutivas, sendo depois inseminada para uma gestação normal. Já as receptoras receberão embriões durante 3 ou 4 vezes, apenas, sendo depois transferidas para outras finalidades, definitivamente. Em outubro/79 estará, estabelecida a rotina normal da fazenda, com base nos resultados já obtidos, sabendo-se que a Transferência de

Embriões será realizada durante o mês inteiro, em função do ciclo da doadora.

Com o início das operações da Campo Verde, a produção de bezerros Nelore POI crescerá rapidamente no Brasil, com a certeza de serem produtos das melhores fêmeas e dos melhores touros da raça, garantindo resultados altamente positivos, para o país e para a pecuária mundial.

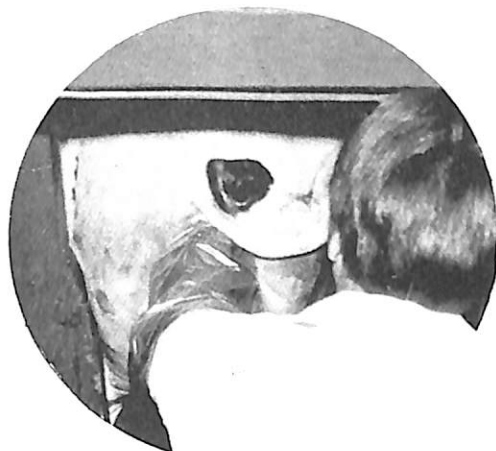


Alicerçando o empreendimento, um lote de 150 fêmeas da raça Holandesa e um plantel

Gir ainda em formação, sempre animais de alta qualidade.

VANTAGENS

As doadoras, fêmeas de notável nível zootécnico, sendo inseminadas por extraordinários touros provados em Teste de Progenie, dão como resultados filhos também excelentes. As vantagens são muitas, podendo-se relacionar as principais:



O início da Coleta de Embriões.

1

Possibilita um melhor controle sanitário, eliminando os perigos de doenças da reprodução, tais como: brucelose, vibriose, trichomonose, etc.

2

Um touro ou uma fêmea tem capacidade limitada de produção. A T. E. permite obter até 80 filhos em um único ano.



Início da cirurgia, para a Transferência.

3

Uma doadora de alto nível pode padronizar todo um rebanho em pouco tempo, permitindo uma "milagrosa" purificação genética.

4

Define, em todas as raças, quais são os plantéis que, realmente, podem ser considerados melhoradores do rebanho nacional.

5

Possibilita obter filhos dos melhores reprodutores e das melhores fêmeas, estejam onde estiverem os animais.

6

O índice de fertilidade (considerado na monta natural ou na inseminação artificial) torna-se ultrapassado, pois uma única coleta oferece muitos embriões.

7

Permite introduzir apenas touros provados em Teste de Progenie, visando a implantação de cruzamentos industriais.

8

Garante, seguramente, maior ganho de peso ou aumento da capacidade leiteira, devido à utilização de touros e fêmeas criteriosamente escolhidos.



No laboratório, a procura aos embriões que se encontram em líquido conservador.

9

Permite programar a safra de bezerros de acordo com as necessidades.

10

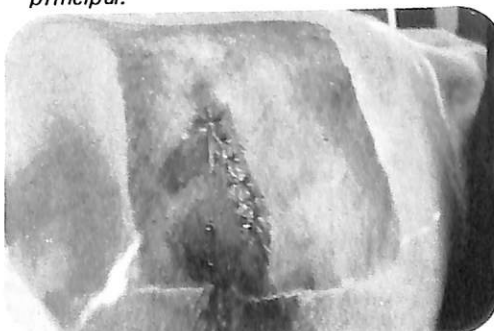
Permite organizar a produção da fazenda, economicamente.

11

Evita gastos com compra de reprodutores e/ou fêmeas de alto nível.



O operador segura o útero para efetuar a Transferência do embrião, é o momento principal.



Ponto final: a receptora já está enxertada.

12

Melhora o mercado de touros reprodutores de alto nível, evitando a popularização de touros sem o devido valor zootécnico.

13

Permite maior giro e maior lucratividade para as fazendas, eliminando-se os animais não adequados ao processo de T. E.

14

Permite realizar o Teste de Progenie de Mãe em apenas duas coletas consecutivas. Ou seja, pode-se obter, com T. E. em um ano, o que levaria no mínimo 8 a 10 anos.



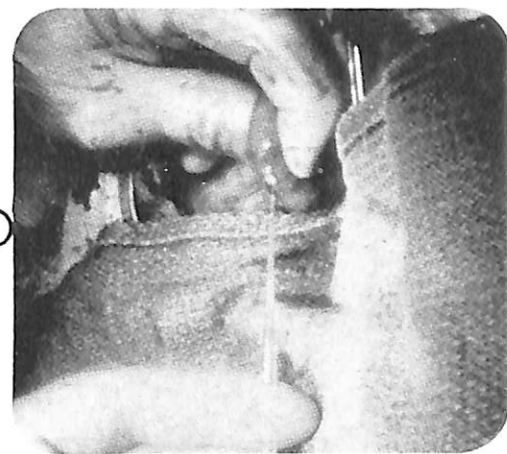
Já localizado, o embrião é sugado pela pipeta e transferido para outro recipiente.

15

Anula a dúvida de infertilidade e consequentes descartes de animais que poderiam ser fêmeas de bom nível.

16

Devido à máxima segurança quanto à fertilidade e taxa de natalidade, permite uma produção de maior quantidade de bezerros de alto nível.



O embrião é transferido para o útero



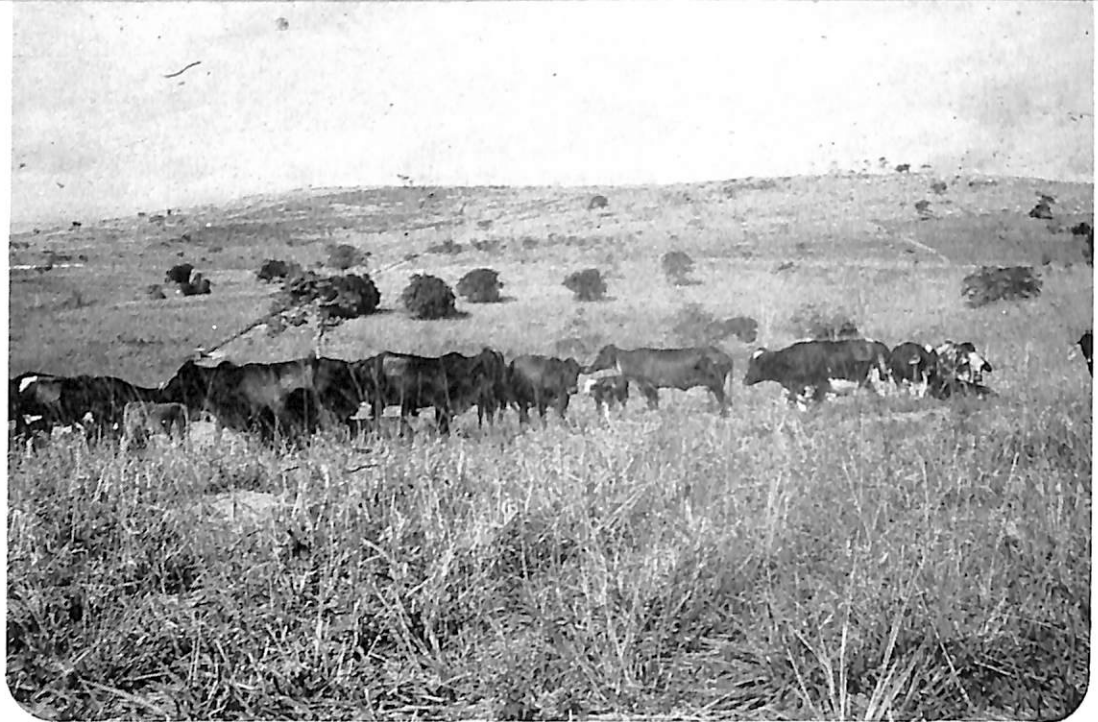
Logo após a cirurgia, a receptora pode andar normalmente.

O MILAGRE MODERNO

Com a popularização da Inseminação Artificial, onde um único touro pode fecundar todo um rebanho, os técnicos verificaram que poderiam obter máximo rendimento, desde que uma fêmea pudesse produzir mais bezerros do que o estipulado pela Natureza, ou seja, 6 a 10 bezerros em toda a sua vida útil, que dura 10 anos, em média. Com o processo de super-ovulação, ela pode fornecer óvulos que, devidamente fecundados, poderão gerar até 80 bezerros por ano. A Campo Verde, no entanto, procura estabelecer, no momento, um esquema visando obter cerca de 30 bezerros/fêmea por ano, visando contar com um maior grau de eficiência.

O "milagre", portanto, é poder obter muitos filhos de uma notável vaca, todos eles produtos de famosos

O processo é quase indolor e as receptoras podem se juntar ao plantel imediatamente



Lote de fêmeas já enxertadas pela mais moderna técnica de Transferência de Embrião.

touros, em tempo rigorosamente curto. Com a Transferência de Embriões, a Campo Verde ganha velocidade surpreendente, produzindo bezerros NELORE-POI em grande quantidade, o que possibilitará uma melhoria em

todo o rebanho nacional, rapidamente.

A nova técnica, já economicamente viável, consiste em extrair óvulos fecundados da fêmea doadora e transferir-los para diversas fêmeas receptoras, fisiologicamente perfeitas. A Transferência pode ser efetuada por via direta ou por via cirúrgica, tendo a Campo Verde optado pela técnica que tem garantido, em todo o mundo, um resultado mais positivo e seguro.



A TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO é uma técnica que precisa ser conhecida por todos.

Solicite melhores informações ou marque uma visita à Campo Verde.



Campo Verde

EMPREENDEIMENTOS RURAIS LTDA.

SALVADOR, BA — Av. Antônio Carlos Magalhães, 34 — CEP 40.000 — Fones: (071) 248-7769/8322
SENHOR DO BONFIM, BA — CEP 48.970 — Fone: (075) 841-1994

Desejo receber, sem quaisquer compromissos de minha parte, GRATUITAMENTE, pelo Correio, o seguinte:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

- ☐ • Folheto intitulado "Transferência de Embrião", contendo detalhes da técnica utilizada pela Campo Verde.
- ☐ • A Campo Verde efetuará T. E. para terceiros? Quando?
- ☐ • Como se processa o pastoreio rotativo racional?
- ☐ • Como adquirir um bezerro POI, oriundo de T. E. da Campo Verde?

INTRODUÇÃO

A pecuária no Brasil é uma atividade paralela à Agricultura, e tem atravessado crises ora por dificuldades na colocação de seus produtos cárneos no mercado consumidor, ora por falta de produto para ser comercializado. É uma atividade que ocupa as áreas destinadas à criação ou se estabelecendo em terras já desgastadas por uma agricultura rotineira. Pouca tecnologia foi empregada até hoje para uma exploração econômica de agropecuária, que é uma atividade que, dentro de seus ramos, oferece uma poderosa contribuição à economia do País.

O bovino sempre é encarado como um integrador de áreas de sertão distante dos centros de consumo e sem transportes, por ser o único produto capaz de seguir por seus próprios meios para os centros de consumo. Hoje com as facilidades dos meios de transportes, novos conhecimentos de melhoramento animal, modernos conceitos no setor de forragicultura e alimentação de bovinos, há necessidade de se explorar a pecuária com bases racionais usando uma tecnologia mais adequada.

Não podemos nunca nos esquecer da extensão de nosso País, e que de todas as nações do mundo é a que apresenta o maior potencial de espaço totalmente aproveitável onde não existem áreas de deserto, grandes montanhas, ou regiões geladas onde não sejam possíveis as atividades agropastoris.

A finalidade precípua de exploração agropastoril é o lucro pecuário, se este objetivo não é atingido, não há propriedade, não há progresso e, consequentemente aumento de produção.

Evidentemente a modernização dos métodos de criação não é tarefa fácil. Pelo contrário, requer amplos recursos humanos e materiais, além de um programa de trabalho de extensão e fomento intensivo e de longo prazo. Os grandes obstáculos ao melhoramento da pecuária são encontrados no elemento humano, na falta de assistência técnica, na carência de crédito e financiamento e numa política adequada a solucionar de forma contínua os aumentos das produções.

O Brasil tem um potencial elevado, com relação à possibilidade de produção de carne bovina e competição no mercado internacional. Entretanto o que podemos presenciar ultimamente foi um desestímulo para o setor pecuário gerado por uma crise mundial na pecuária de corte.

Os quadros I e II nos dá uma idéia do número de bovinos abatidos no período compreendido entre 1.970 a 1.978.

De 77 para 78 houve diminuição no número de cabeças de bovinos abatidos. Mas sempre a fêmea contribuiu em 25 a 30% para o aumento total de cabeças abatidas. Em 1.970 a contribuição foi de 28,09% em 1.977 foi de 31,54% em 1.978 foi 25,01%.

O que podemos observar é que:

Está havendo um consumo maior que a produção pois o abate de fêmeas está dentro de um percentual considerado normal.

2 - FATORES QUE INTERFEREM NA PRODUTIVIDADE DO GADO DE CORTE.

Para que se possam estabelecer programas de manejo para o gado de corte é neces-

QUADRO I									
MOVIMENTO DE ABATES SOB A INSPEÇÃO FEDERAL									
ABATES (CABEÇAS)									
ESTADOS	1.970	1.971	1.972	1.973	1.974	1.975	1.976	1.977	1.978
RONDÔNIA									
ACRE					6.666	9.773	5.298	2.550	
AMAZONAS									
RORAIMA					5.691	14.624	32.099	54.958	
PARÁ									
AMAPÁ						35			
MARANHÃO									
PIAUI	6.761	1.093	4.190	4.477	2.528	2.524	9.828	13.956	
CEARÁ							418	635	
RIO G. DO NORTE									
PARAÍBA									
PERNAMBUCO		3.644	152			94	3.738	10.428	
ALAGOAS								25.674	
SERGIPE		1.297	1.605	1.704	863	699	2.061	2.762	
BAHIA	2.531	395	90	747		183	5.317	12.483	
MINAS GERAIS	234.902	184.486	198.186	122.023	120.741	151.082	418.745	490.536	
ESPÍRITO SANTO	13.658	13.452	17.542	24.115	21.006	15.749	47.334	70.213	
RIO DE JANEIRO	25.812	16.079	17.697	15.200	5.748	15.546	54.953	124.743	
GUANABARA									
SÃO PAULO	113.198	59.600	54.458	84.304	70.462	185.576	523.693	573.164	
PARANÁ	31.501	22.758	15.210	29.111	45.626	70.870	200.908	256.313	
SANTA CATARINA	870	1.334	1.638	3.641	13.502	13.609	25.973	35.950	
RIO G. DO SUL	144.093	246.222	381.028	368.851	346.007	351.255	467.871	524.119	
MATO GROSSO	109.869	77.863	67.166	59.371	51.847	72.471	120.206	172.485	
GOIÁS	182.815	115.045	80.041	52.395	52.519	89.591	168.339	238.934	
DISTRITO FEDERAL									
TOTAL	866.010	743.268	839.003	765.939	743.206	996.681	2.086.781	2.609.908	1.570.743
DIFERENÇA		122.742	95.735	- 73.064	22.733	253.475	1.090.100	523.127	- 1.039.165
FONTE: DIPOA/MA									= 39,9%
ELABORAÇÃO: ATE/MA									

QUADRO II									
MOVIMENTO DE ABATES SOB A INSPEÇÃO FEDERAL									
ABATES (CABEÇAS)									
ESTADOS	1.970	1.971	1.972	1.973	1.974	1.975	1.976	1.977	1.978
RONDÔNIA									
ACRE					21.006	29.689	29.021	20.705	
AMAZONAS									
RORAIMA					21.476	93.173	123.972	128.934	
PARÁ									
AMAPÁ					1.842	5.078			
MARANHÃO					10.813	24.694			
PIAUI	20.366	3.519	16.194	14.561			20.885	19.058	
CEARÁ							1.030	1.658	
RIO G. DO NORTE									
PARAÍBA									
PERNAMBUCO	12.861	74.493	1.695			33.444	143.611	160.043	
ALAGOAS							19.247	28.217	
SERGIPE	7.620	6.947	9.114	12.975	12.902	10.800	9.124	9.198	
BAHIA	33.268	51.011	54.254	56.105	33.577	51.057	77.346	65.875	
MINAS GERAIS	342.810	373.656	480.504	511.645	563.561	676.417	684.198	781.890	
ESPÍRITO SANTO	87.833	72.568	164.784	139.700	168.181	186.234	210.872	157.408	
RIO DE JANEIRO	89.392	103.206	70.328	80.843	65.731	161.766	321.594	318.180	
GUANABARA									
SÃO PAULO	941.151	1.038.065	1.348.034	1.566.286	1.278.192	1.516.314	1.644.920	1.802.071	
PARANÁ	131.987	201.451	281.949	314.637	307.944	474.154	619.039	683.374	
SANTA CATARINA	13.357	13.226	12.908	20.460	52.843	69.698	86.832	87.826	
RIO G. DO SUL	319.553	363.074	575.112	704.381	632.699	610.818	698.693	741.683	
MATO GROSSO	106.937	151.006	136.798	148.067	160.660	206.452	267.724	363.576	
GOIÁS	109.399	116.253	135.820	191.199	200.906	335.067	341.856	304.625	
DISTRITO FEDERAL									
TOTAL	2.216.534	2.568.475	3.287.494	3.760.859	3.532.333	4.484.855	5.299.964	5.664.322	4.654.473
DIFERENÇA		351.941	769.018	473.365	- 228.526	952.522	815.111	364.368	- 1.009.849
FONTE: DIPOA/MA									= 17,9%
ELABORAÇÃO: ATE/MA									

sário que se conheçam os principais fatores que interferem diretamente na produtividade de dos bovinos. Dentre eles podemos citar:

a - alimentação do rebanho - águas e se-

cas

b - medidas higiênico-sanitárias

c - uso de touros melhoradores

d - eficiência reprodutiva
e - planejamento da empresa rural pecuária

a - Alimentação do Rebanho

A principal característica dos trópicos

QUADRO III - Indicadores Tecnológicos da Pecuária de Corte

Especificação	Situação em 1.974
Natalidade %	50
Sobrevivência à Desmama	80
Mortalidade, Pós-Desmama	4
Desfrute %	12
Lotação Média (cabeça/hectare)	
- Pastos Naturais	0,25 a 0,5
- Pastos Cultivados	1,8 a 2,9
- Idade de Abate, Anos	4 a 5
- Peso da Carcassa	199

FONTE: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

para a produção de bovinos talvez esteja relacionada com a elevada capacidade de produção das plantas forrageiras cultivadas em climas quentes. Mas, há de se considerar, concomitantemente, a extrema adaptação das raças zebuínas, geneticamente melhoradas no Brasil, para o aproveitamento dessas forragens no próprio pasto, sob intensa radiação solar, resistindo às parasitoses e às condições de seca de pelo menos 100 dias por ano.

Apesar do rebanho bovino brasileiro ser extremamente grande, com aproximadamente um bovino para cada brasileiro, a eficiência de produção é baixa. No quadro III é apresentada uma relação de indicadores do nível de tecnologia em 74.

Segundo os indicadores tecnológicos estimados em 1974, um rebanho de 100 vacas e 4 touros produziria 50 bezerros vivos por ano. Considerando uma sobrevivência de 80%, restariam 40 na desmama. Com os 4% de mortalidade no primeiro ano de vida e mais a reserva para aumento do plantel, de 3% ao ano, apenas 35 animais seriam destinados ao abate. Nessa situação, o tamanho do rebanho no quinto ano seria de 296, e o desfrute de 12%. Com a carcassa pesando 199 kg, resultaria em 6.965 kg. de carcassa por ano ou 23,5 kg/unidade do rebanho.

Experimentos realizados para comparar os capins Colômbio, Elefante Napier, Pangola e Swanee Bermuda, para avaliar os efeitos da adubação (200 kg. de N/ha) nas épocas do ano da seca ou inverno (28/04 a 13/10) e das chuvas ou verão (13/10 a 28/04), no crescimento de novilhos de 24 meses, trouxeram os resultados que apresentamos nos quadros IV - V - VI.

Observando-se o quadro IV é fácil de se notar que quando se usa uma adubação por pequena que seja já se consegue diminuir o efeito da seca sobre o desempenho dos bovinos. E com o uso de forrageiras adequadas aliadas a adubação conseguem-se lotações de 3,04 a 3,32 cabeças por hectare ano, considerados como bom índice quando comparados com o quadro III. Recomendamos providências no sentido de armazenamento de forrageiras na forma de silagem, feno ou capineiras em quantidade adequada para ser oferecido ao rebanho nos períodos de seca para mantê-lo nutrido no período desfavorável.

O sal mineralizado oferecido ao gado o ano todo também é fator decisivo para o sucesso de exploração pecuária.

Recomenda-se análise foliar das pastagens para se determinar as carências dos minerais das forrageiras e ministrá-las adequadamente na formulação do sal mineralizado, de maneira eficiente e econômica.

Observando-se o quadro VII podemos verificar o resultado da análise foliar das pastagens de capim Jaraguá na região de Itapira-puã, GO. Quando comparado com o quadro VIII, tido como fórmula padrão para mineralização de bovinos, podemos estabelecer as deficiências encontradas nas pastagens; estas deficiências poderão ser corrigidas com uma formulação mineral adequada; Dessa maneira estaremos oferecendo aos bovinos somente os minerais que as pastagens não podem oferecer, pelas carências observadas

na forrageira, de forma econômica e sem riscos de distúrbios digestivos ou metabólicos por intoxicações por excessos.

b - Medidas higiênico-sanitárias

Medidas higiênico-sanitárias devem ser adotadas para manter-se o rebanho livre de doenças.

A título de elucidação daremos um quadro elaborado pela Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná em 1.966 que nos dá uma idéia do prejuízo causado somente pela brucelose.

Constatarem os técnicos da Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná que os índices de incidência de brucelose em bovinos de corte de leite e suínos, estão em torno de 10,15 e 20% respectivamente.

Entre alterações provocadas nos animais afetados, destacam-se as seguintes estimativas das perdas causadas pela brucelose:

QUADRO IV - Ganho de peso vivo e taxa de lotação das pastagens durante o período das chuvas, Sertãozinho, SP.

Gramíneas	Tratamento (pastagem)	Ganho de peso vivo por novilho total (kg.)	Diário (g)	Lotação (cab./ha)	Ganho de peso vivo/ha (kg.)
Colômbio	Fertilizada	18,0	109	3,32	38
	Não Fertilizada	7,4	44	2,25	14
Napier	Fertilizada	35,0	209	2,50	93
	Não Fertilizada	14,0	84	2,25	31
Pangola	Fertilizada	21,0	125	2,25	47
	Não Fertilizada	22,0	132	1,50	29
Suwannee Bermuda	Fertilizada	6,0	34	3,00	17
	Não Fertilizada	-13,0	-79	2,50	-28

QUADRO V - Ganho de peso vivo e taxa de lotação das pastagens durante o período das chuvas, Sertãozinho, SP.

Gramíneas	Tratamento (pastagem)	Ganho de peso vivo por novilho total (kg.)	Diário (g)	Lotação (cab./ha)	Ganho de peso vivo/ha (kg.)
Colômbio	Fertilizada	109	557	2,43	266
	Não Fertilizada	112	599	2,68	287
Napier	Fertilizada	91	464	3,50	313
	Não Fertilizada	102	519	2,89	296
Pangola	Fertilizada	117	597	2,14	249
	Não Fertilizada	112	596	1,93	215
Suwannee Bermuda	Fertilizada	110	562	3,61	399
	Não Fertilizada	123	627	3,07	377

QUADRO VI - Ganho de peso vivo e taxa de lotação das pastagens, Sertãozinho, SP.

Gramíneas	Tratamento (pastagem)	Ganho de peso vivo por novilho total (kg.)	Diário (g)	Lotação (cab./ha)	Ganho de peso vivo/ha (kg.)
Colômbio	Fertilizada	127	350	2,34	303
	Não Fertilizada	104,5	287	2,48	274
Napier	Fertilizada	126	346	3,04	406
	Não Fertilizada	115	319	2,62	328
Pangola	Fertilizada	138	379	2,19	292
	Não Fertilizada	134	368	1,73	244
Suwannee Bermuda	Fertilizada	116	318	3,32	416
	Não Fertilizada	110	301	2,81	342

- Quebra de produção de leite 20 - 25%
- Aborto 20 - 30%
- Perda de bezerros até 12 meses 20 - 25%
- Esterilidade das vacas 10 - 20%
- Perda de peso 10 - 15%

A conjugação dos índices de frequências com as estimativas de perdas permitiu aos técnicos daquele estado estimar os prejuízos econômicos causados pela brucelose na pecuária paranaense entre 1960 - 1965.

- Na produção de leite Cr\$ 4.846.231.224,00
- Na prod. de carne Cr\$ 1.928.333.660,00
- Na produção de carne suína Cr\$ 1.238.798.961,00
- No rebanho bovino Cr\$ 4.560.480.000,00
- Total. Cr\$ 12.573.843.854,00

Este resultante de 12 bilhões e 500 mi-

lhões de prejuízo considerando apenas a brucelose, sem os cálculos de perdas causadas pelas outras doenças seriam evitadas com vacinações específicas.

Recomenda-se um calendário de vacinações e medidas profiláticas elaborado por um profissional credenciado pela empresa pecuária.

c - Uso de Touros Melhoradores

O uso de touros melhoradores de rebanho é o fator principal para o sucesso da criação, pois o reprodutor é o responsável pelo nascimento de um número considerável de bezerros, por ano, no plantel, e nesse particular recomendamos o uso da inseminação artificial, que permite o melhor aproveitamento do reprodutor.

Como se sabe existem diferenças marcantes entre as produções dos diversos touros, vem daí o interesse do uso intensivo dos touros melhoradores.

O quadro X nos dá idéia do desempenho de diferentes touros usados no Teste de Progenie.

O touro C apresentou-se inferior aos outros dois touros em teste quanto à prova de sua progênie referentes aos pesos ao nascer, peso ao desmame (205) peso aos 18 meses (550 dias) seus filhos não apresentaram condições de abate, os meses em relação à média da raça foram inferiores aos outros dois e quanto à conformação dos filhos também não teve bom desempenho.

Somente o exame exterior do reprodutor pode nos dar uma idéia de suas características de produção de carne, mas suas qualidades como reprodutor são confirmadas pelo teste de progênie ou seja a observação de seus descendentes através do peso em diferentes idades e também pelo julgamento do exterior de seus descendentes.

Convém nesta oportunidade recordarmos as características externas de um moderno novilho de corte.

É do conhecimento geral, que o melhoramento genético obtido pelos criadores de gado de corte, tem permanecido aquém das conquistas obtidas por seus principais competidores na produção de carne, que são os produtores de carne suína e de aves.

Se não tivéssemos abundância de pastos para alimentação de ruminantes, e a preferência inconfundível dos consumidores pela carne bovina, a nossa situação seria mais grave.

Quais são agora realmente os nossos problemas?

Olhando para o passado, a tradição é o maior responsável por eles. Temos sempre estabelecido um ideal, em tipo de gado de corte, que muito abaixo daquele ideal em matéria de rendimento, e isto já está provado. Pensava-se, ou ainda hoje pensa-se que o tipo de gado de corte ideal, é aquele semelhante a um paralelepípedo-simétrico-proporcional-bons apurados-profundo - etc. Nunca devemos tomar os julgamentos nas exposições como a palavra final: "os testes de progênie alteram os critérios".

Segundo aquela idéia de um bloco compacto, sobreposto em quatro patas, curtas

QUADRO VII - Resultado de Análise Foliar de Pastagens

P	Ca	Mg	Fe	Mn	Cu	Co	Zn
0,19	0,38	0,26	95	105	7,0	0,05	28
Z (porcentagem)			P.P.M		(parte milhões)		
ITAPIRAPUÁ - GO							

QUADRO VIII - Fórmula Mineral Padrão para Bovinos

P	Ca	Mg	Fe	Mn	Cu	Co	Zn
0,24	0,40	0,24	264	29	8,2	0,15	60

FONTE: E. J. UNDERWOOD

21^a

EXPOSIÇÃO PARAIBANA
DE
ANIMAIS E
PRODUTOS INDUSTRIAIS

INSCRIÇÃO

As inscrições para animais, de raça, animais de coréia ou currais, stands para exposição e para exploração de bares e restaurantes estarão abertas do dia 22 de outubro a 16 de novembro, na sede da Sociedade Rural da Paraíba, localizada em Campina Grande, à rua 13 de maio 338, pelo fone (083) 321-3467

Para animais de raça existem 500 argolas ao preço de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) cada.

Para os animais de curral o regulamento define o seguinte:

Cada curral custará Cr\$ 6.000,00 (seis mil cruzeiros).

A capacidade de cada curral é de 20 animais. Pode-se exceder esta capacidade em até cinco animais. Entretanto, cada animal excedente pagará Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros).

Cada expositor ou criador poderá ter até três currais sob sua responsabilidade.

Os currais são intransferíveis, não se podendo haver sua troca ou revenda.

SANIDADE
ANIMAL

Só terão acesso ao recinto da Exposição, os animais portadores de atestado de vacinação contra a febre aftosa e atestado de Soro-Aglutinação (Brucelose).

Os atestados contra a febre aftosa e Brucelose deverão vir em folhas separadas.

Os atestados de vacinação contra a febre aftosa somente terão validade após o prazo de imunização previsto pelo laboratório e até decorridos 110 dias da data de vacinação.

Os atestados de Brucelose, somente terão validade quando decorrido no máximo 60 dias de sua realização.

Não será permitida realização de teste de Brucelose nos animais no recinto do Parque.

Serão vetados à entrada no recinto do Parque os animais portadores de: Papilomatose (Verruga), Mamite, Cabarro (Doença dos cascos), Carrapatos, Tetos perdidas, defeitos que venham comprometer a reprodução, Criptoquidismo (Roncolho), Fêmeas com mais de trinta e seis meses que ainda não estejam prenhes ou paridas, Fêmeas com mais de cinco crias, Animais herniados e Animais que não apresentem bom estado de nutrição.

RECEBIMENTO
DOS ANIMAIS

O recebimento dos animais de curral ocorrerá de 22 a 24 de novembro, até às 22 horas, impreterivelmente. Após o horário acima previsto a Comissão de Recebimento dos Animais se retirará do local, permanecendo um dispositivo policial para impedir a entrada de qualquer outro animal.

ANIMAIS PARA O
CONCURSO

Os animais que participarão do concurso serão recebidos nos dias 18, 19 e 20 de novembro. No dia 22 será realizada a pesagem e o cálculo ponderal dos animais. O julgamento será iniciado no dia 23 com as raças Nelore, Indubrasil e Holandês. Dia 24 julgamento das raças Guzerá, Gir, Holandês, Fleckvieh, Simental e Schwyz.

Na abertura da Exposição no dia 25 haverá o desfile dos animais que participaram no concurso e já premiados.

Durante a semana será realizada algumas palestras técnicas, destacando-se a da equipe de pesquisadores da EMBRAPA, sobre gado mestiço.

Haverá também demonstrações de hipismo, paraquedismo cães amestrados e shows com artistas nacionais e regionais.

QUADRO X - Desempenho de 3 touros no Teste de Prognite			
Características	A	B	C
Touros			
Duração da Gestação	294,44	293,30	291,85
Partos Normais	100,00	100,00	100,00
Peso ao nascer	27,90	27,51	26,56
Peso aos 205 dias	168,89	165,75	157,49
Peso ajustado aos 550 dias	433,38	431,79	400,33
Rendimento da carcaça	57,73	58,41	—
Nº de filhotes em teste	16	15	20
Superioridade da Prognite em relação à média da raça aos 550 dias	+ 91,29	+ 89,75	+ 58,33
Conformação dos filhotes	musculatura — boa também — boa aprimos — bom caracterização — boa	— boa — boa — bom — bom	— regular — médio — bom — regular

QUADRO XIII - custo de produção de um bezerro								
Fda.	cust. da m. vaca	Id. de bez. desmamado	nº de v. p/bez.	custo v. p/bez.	custo mat. touro	nº bez. p/t	cust. t. p/bez.	cust. do bezerro
A	2.004,96	100	1	2.004,96	2.104,96	50	84,19	2.089,15
B	90	90	1,1	2.205,45	45	93,55	2.199,00	
C	80	80	1,2	2.405,95	40	105,24	2.311,19	
D	70	70	1,4	2.806,94	35	120,28	2.927,24	
E	60	60	1,7	3.408,43	30	140,33	3.548,76	
F	50	50	2,0	4.009,92	25	168,39	4.178,31	
G	40	40	2,5	5.012,40	20	210,49	5.222,89	

QUADRO XIV - custo de produção de um bezerro por inseminação artificial usando ampola dos melhores touros a preço de Cr\$ 100,00								
Fda.	custo de m. vaca	Id. de bez. desmamado	nº de v. p/bez.	cust. v. p/bez.	cust. amp. p/bez.	nº amp. p/bez.	cust. amp. p/bez.	custo do bezerro
A	2.004,96	100	1	2.004,96	100,00	1	100,00	2.104,96
B	90	90	1,1	2.205,45	1,1	110,00	2.315,45	
C	80	80	1,2	2.405,95	1,2	120,00	2.525,95	
D	70	70	1,4	2.806,94	1,4	140,00	2.946,94	
E	60	60	1,7	3.408,43	1,7	170,00	3.578,43	
F	50	50	2,0	4.009,92	2,0	200,00	4.209,92	
G	40	40	2,5	5.012,40	2,5	250,00	5.262,40	

já não chama mais a atenção como o tipo ideal.

• O que modernamente, em matéria de gado de corte se deseja produzir?

1 - Um animal com o máximo de polpas magras revestidas de uma pequena camada de gordura interna e externamente, o suficiente para imprimir-lhe um melhor sabor.

2 - Um animal que produza o máximo em matéria de filé e rosbife, além de carnes tenras de outros tipos.

3 - Um animal dotado de um esqueleto com tal estrutura que lhe permita perambular por 10 a 15 anos sem ressentir-se. Poucos tipos não alcançam esta qualificação.

Como poderíamos descrever este animal?

a - carne magra significa: músculo. Necessita, pois, de músculos protuberantes. Visto por trás este animal musculoso apresenta quartos largos e com nádegas volumosas, descidas e arredondadas. Ele não é plano na sua linha superior; uniforme, denota baixa condição de musculosidade.

É impossível engordar um animal realmente musculoso a ponto de torná-lo uniforme.

b - Os lombos produzem mais dinheiro do que as polpas dos quartos. E estas por sua vez valem muito mais do que as carnes dos flancos e paletas. Para obtermos mais lombo, teremos que selecionar animais de grande comprimento. E para obtermos mais polpa, selecionar animais com quartos trazeiros cheios e desenvolvidos.

c - Um esqueleto bem estruturado e robusto, proporciona condições para uma sustentação de carcaça.

Em resumo, o que temos realmente que buscar é um excelente esqueleto, porque uma boa estrutura óssea está intimamente ligada a uma volumosa massa muscular.

Não importa muito que os membros não tenham bom aprumo, e os cascos bem posicionados quando pisam. Quando selecionamos animais com estes detalhes para reprodutor não há o que temer, exceto o fato destes animais serem ou não bons reprodutores.

d - Eficiência reprodutiva.

A eficiência reprodutiva do gado de corte é dada em termos de fertilidade. O crescimento numérico do rebanho está na dependência de altos índices de fertilidade, da mesma forma que o custo do bezerro está na dependência da fertilidade.

QUADRO XI - Intervalo entre Partos			
gestação (dias)	repouso	período de acasalamento	soma
282	20	63	365
282	20	113	415
282	30	323	635

QUADRO XII - custo de manutenção de uma vaca				
alimentação seca - água	medicamentos e vacinas	assistência veterinária	não de obra	total
589,20	463,20	95,36	156,00	707,20
				2.004,96

A maneira de se avaliar a fertilidade de um rebanho é pelo intervalo entre partos. E o intervalo médio entre partos no Brasil é de 635 dias.

Considera-se um bom intervalo entre partos um período de 415 dias, o que quer dizer 282 dias de gestação tomado com média, mas pode ocorrer casos de mais de 300 dias, um período de descanso de 30 dias e 103 dias para o acasalamento e nova concepção. (vide Quadro XI).

Para se determinar a porcentagem de ou índice de natalidade usa-se a seguinte fórmula:

$$N = \frac{1200}{1P} \quad \text{onde } N = \text{Índice de natalidade}$$

1 P = intervalo entre partos em meses.

O intervalo entre partos se repete na mesma vaca com alta frequência, e é hereditário, isto é, se transmite de mãe para filha. Portanto para se selecionar fertilidade do rebanho com a intenção de melhorar o índice de produtividade devemos determinar o intervalo entre partos das vacas. Eliminar aquelas com intervalo entre partos longos. Vacas que apresentam um período de gestação longo também apresentam intervalo entre parto longo.

O custo de produção de um bezerro está diretamente ligado à fertilidade, ou a eficiência reprodutiva que por sua vez está na dependência da alimentação, do manejo, e da porcentagem de touros expostos às vacas.

O quadro XII e seguinte nos dá idéia de quanto a fertilidade do rebanho interfere no custo do bezerro.

Quando se usa a inseminação, naturalmente se tem opção de escolher os melhores touros para os acasalamentos e com uma perspectiva de melhoria do rebanho muito mais ampla pela segurança que se tem na escolha e dessa forma o preço do bezerro não fica onerado, pelo contrário, é equivalente.

O número de touros expostos ao lote de vacas para os acasalamentos tem uma influência decisiva na eficiência reprodutiva. É costume usar-se um touro para 50 vacas. Entretanto se faz necessário observar alguns aspectos que influem na eficiência do reprodutor, como por exemplo a dimensão de pastagem, idade do touro, estado físico do reprodutor. Pastagens grandes oferecem pouca oportunidade para os touros encontrarem as vacas em cio, também pastagens pequenas super povoadas em dificuldades se equivalem. Touros muito jovens ou velhos dão baixo índice de fecundação, touros mal nutridos têm pouca disposição para acasalamento. Hoje recomendam-se 15 vacas por touro.

3 - MANEJO DO REBANHO

Na produção de carne distinguimos três fases:

Criação - Recria - Acasalamento de novilhas que, antigamente chamava-se engorda de bois.

A criação vai do nascimento até a desmama.

Tendo em vista o complexo climático do Brasil Central nos permitimos sugerir o uso

de duas técnicas de criação de bezerros considerando dois objetivos distintos do empresário rural, empresas rurais que destinam seus bezerros a recria e acabamento na própria fazenda e empresas rurais que vendem bezerros desmamados. Isto considerado podemos empregar duas técnicas diferentes. Para o uso adequado dessas duas modalidades de exploração pecuária temos de tomar como primeira providência a época de cobertura adequada visando o fim a que se destina o bezerro.

Para o empresário rural que destinar seus bezerros à recria e acabamento aconselha-se usar época de cobertura de 15 de março a 15 de julho e consequentemente nascimento de bezerros de janeiro a março e desmame de outubro a dezembro ou mais precisamente em novembro. Para a empresa que vende bezerros desmamados aconselha-se período de cobertura 15 de setembro a 15 de dezembro, as desmamas ocorreram de abril a junho ou mais precisamente em maio. A figura 1 nos dá idéia dos pesos dos bezerros obtidos nas duas épocas consideradas.

O quadro XV nos dá idéia dos períodos de coberturas e períodos de nascimentos favoráveis durante o ano, para simplificar o entendimento foi estabelecido um sistema de notas para as épocas de cobertura, parição e desmama e a soma total das notas consideradas na última coluna. Daí pode-se concluir os períodos mais favoráveis para as coberturas e para as desmamas.

É de se esperar que os bezerros que nascem no 1.º semestre e desmamam em outubro terem seus pesos na desmama menor que aqueles desmamados em maio. Pois sabe-se que o peso na desmama está muito influenciado pela produção de leite materno e no primeiro caso a vaca amamentou o filhote, durante a seca, época em que as pastagens são carentes e no outro caso já ao contrário as vacas amamentaram seus bezerros durante as águas portanto em período de abundância de pasto.

Daí a diferença das duas modalidades de criação de bezerros. É lógico e compreensível que os bezerros desmamados em outubro não estariam bem apresentados para a venda, e aqueles desmamados em maio estariam bem apresentados revelando todo seu potencial em termos de peso ao desmame.

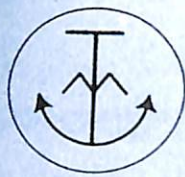
Estudos realizados revelaram que os índices de fertilidade das vacas são semelhantes nos dois sistemas. E que podemos considerar como fator limitante para a fertilidade a alimentação das vacas e do touro.

Considerando uma técnica ou outra o peso ao desmame é importante pois quanto mais pesado ao desmamar o bezerro, mais próximo do peso ideal para o abate ele estará.

Como primeira medida para se aumentar o peso médio ao desmame podemos recomendar a eliminação das vacas com pequena habilidade materna traduzida no peso do bezerro ao desmame.

Como segunda recomendação, colocar no pasto um cocho com ração protegido de tal forma a permitir o acesso somente ao bezerro.

É bom recordar que o uso de estação de



FAZENDA

GRUTA BAIANA

15
ANOS
de
SELEÇÃO

ITAGIBÃ — Bahia
ANTÔNIO MOTTA DE OLIVEIRA

IPIAÚ, Bahia — R. Tomé de Souza, 59 — CEP 45570 — Fone: (073) 531-1170

SALVADOR, Bahia — Pça. Marconi, s/n — Edif. Jardim da Pituba, apto. 1002 — CEP 40000 — Fone: (071) 248-3177

Êguas Mangalarga Marchador, a regime de campo.



Lote de éguas Piquira, a regime de campo



NOSSO PLANTEL

- MANGALARGA MARCHADOR
— 35 éguas registradas em Livro Fechado
- QUARTO DE MILHA
— 25 éguas POI
- RAÇA PIQUIRA
— 14 éguas registradas em Livro Fechado

Conheça nosso Programa de
FORMAÇÃO DE MATRIZES
para o Nordeste

Na edição anterior mostramos:

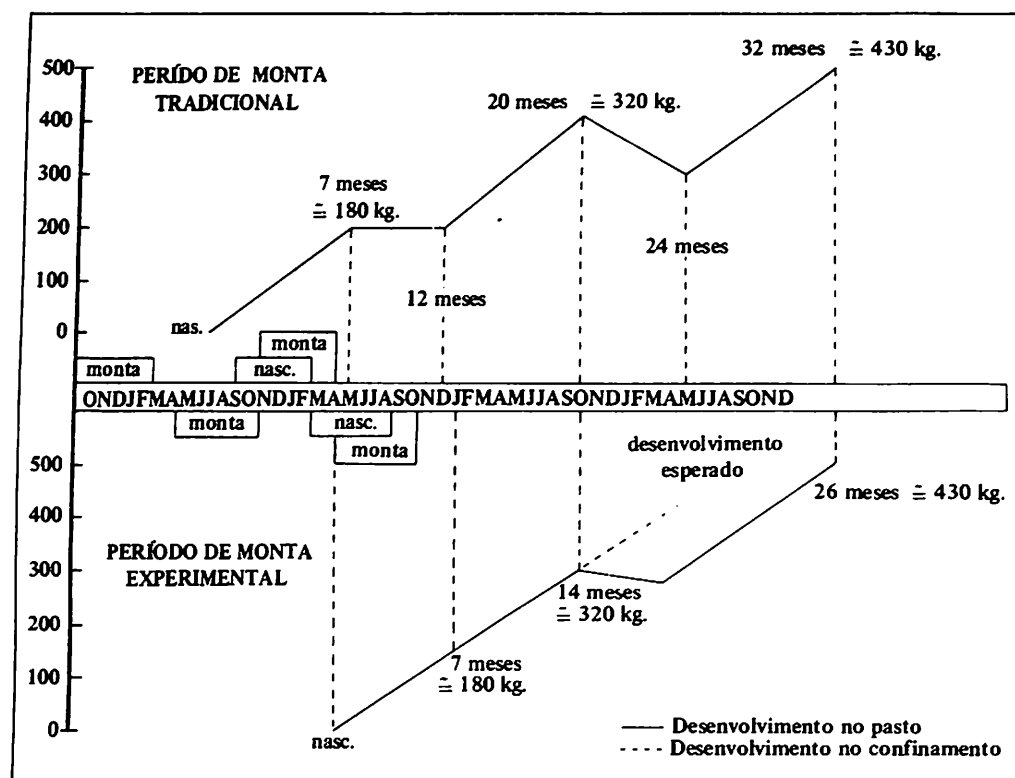
- BINGO DO MACACU, Campeão Senior e Campeão dos Campeões da raça Piquira, Jequiê/79
- OXALÁ, Campeão Cavalo Jovem Mangalarga Marchador, Jequiê/79
- Campeã Senior e Campeã das Campeãs da raça Piquira, Jequiê/79.

Desejo receber sem qualquer compromisso de nossa parte, pelo Correo, as informações assinaladas, GRATUITAMENTE:

Nome:
Endereço p/remessa:
Cidade: Estado:

- ☐ Qual o preço médio de Mangalarga Marchador?
- ☐ O que significa "Vendas acompanhadas de Treinador Especializado"?
- ☐ Detalhes sobre o Pro-

- grama de Formação de Matrizes p/ o Nordeste
- ☐ Preço médio p/ raça Piquira
- ☐ Preço de animais Quarto de Milha.



monta ou época de cobertura quando usada nos períodos do ano mais favoráveis, e que de certa forma variam de região para região, e cabe ao técnico determinar a melhor, e o uso do número correto de touros no plantel, não prejudica o índice de fertilidade do rebanho. A duração do período de cobertura pode ser de 90 dias ou 150 dias 3 meses ou 5 meses. O quadro XVI nos dá idéia dos índices de fertilidade e dos pesos dos bezerros quando se usa época de cobertura de 3 meses e 5 meses, estudo realizado por 4 anos seguidos.

O quadro XVII nos mostra o resultado de um estudo visando proporcionar ao bovino um crescimento uniforme e contínuo do nascimento ao abate.

A figura 2 nos dá melhor idéia do crescimento dos bovinos em estudo.

Conclui-se que o período de recria pode ser bastante reduzido quando se alimenta os garrotes na época desfavorável. Conseguindo-se obter 438 kg. de peso vivo em bovinos de 2 meses de idade.

A época de cobertura estabelecida adequadamente vem facilitar o trabalho na fa-

zenda, mais atenção pode ser dispensada nesta época e também na época do nascimento dos bezerros.

É necessário contratar mão de obra extra por um período de 2 ou 3 meses na época do nascimento de bezerros para ajudar no trabalho que tudo indica será mais intenso. Após o período de cobertura, os touros são retirados do plantel e agrupados num pasto apropriado e ali ficarão em repouso, para estarem em plena forma na próxima estação de monta.

O trabalho de vacinações e identificação de bezerros também fica mais simplificado pois apresentam pequena diferença de idade o que permite vacinações num dia de um grande número de animais. Quando nasce bezerro o ano todo, portanto sem época adequada de cobertura e comum, verifica-se nas fazendas a vinda de um lote numeroso de vacas e suas crias para serem vacinadas um ou dois bezerros, pondo em risco de acidente os demais nas apartações que se fazem necessárias para a identificação daqueles a serem vacinados.

Quando o período de nascimento de

bezerros é de 3 meses pode ser recomendado desmamar os bezerros de uma só vez num mesmo dia. Quando o período de nascimento é de 5 meses recomenda-se fazer a desmama em duas etapas. É aconselhável um pasto adequado para receber os bezerros desmamados com cerca de arame liso de oito fios, com forrageira adequada e boa aguada, ou também usa-se retirar as vacas e deixar os bezerros com algumas vacas solteiras para "madrinha", no pasto onde eles já estavam acostumados.

Após o desmame inicia-se a recria. Como é do conhecimento geral a recria de bezerros tem uma duração variável que pode atingir a 50 meses em algumas regiões.

Observando a figura 1 podemos notar que os bezerros nascidos no primeiro semestre desmamavam no início da estação das chuvas, portanto encontrando bom pasto capaz de lhes oferecer forrageiras com qualidade nutritiva adequada para permitir bons índices de ganho de peso.

Para os bezerros nascidos no segundo semestre já o mesmo não acontece pois a desmama ocorre no início da estação de seca e por conseguinte pastagens com forrageiras de má qualidade não permitindo bons ganhos de peso. A sequência de períodos de águas e de secas determinaram um crescimento descontínuo nos bovinos contribuindo para prolongar o período de recria, e esta sequência dos períodos favoráveis e desfavoráveis

QUADRO XVI - Índice de fertilidade na estação de monta

Cobertura	nº de vacas	nº de vacas fecundadas	Peso ao nascer		Peso a desmama 210 dias	
			macho	fêmea	macho	fêmea
Out/fev.	195	70,8	29,8	26,6	199,0	172,0
Out/dez.	192	72,4	29,7	27,0	206,0	181,0

QUADRO XVII - Desenvolvimento dos bovinos

	P.I.	P.F.	G.P.	Dias	G.D.	Consumo Ração	Médio Melaço
1º Período Lactação	28	205	177	212	0,835	-	-
2º Período Pré-Confinamento	205	214	9	79	0,114	-	-
3º Período Confinamento	214	297	83	116	0,715	5,036	1,312
4º Período Pastejo	297	438	141	201	0,701	-	-

QUADRO XVIII - Desempenho de bovinos castrados e inteiros em confinamento

Lote	Idade dias	P.I.	Idade final	G.P.	G.D.	P.F.
Inteiro	295	194,4	519	234,0	1,044	428,9
castrado	279	193,2	503	193,0	0,863	386,4

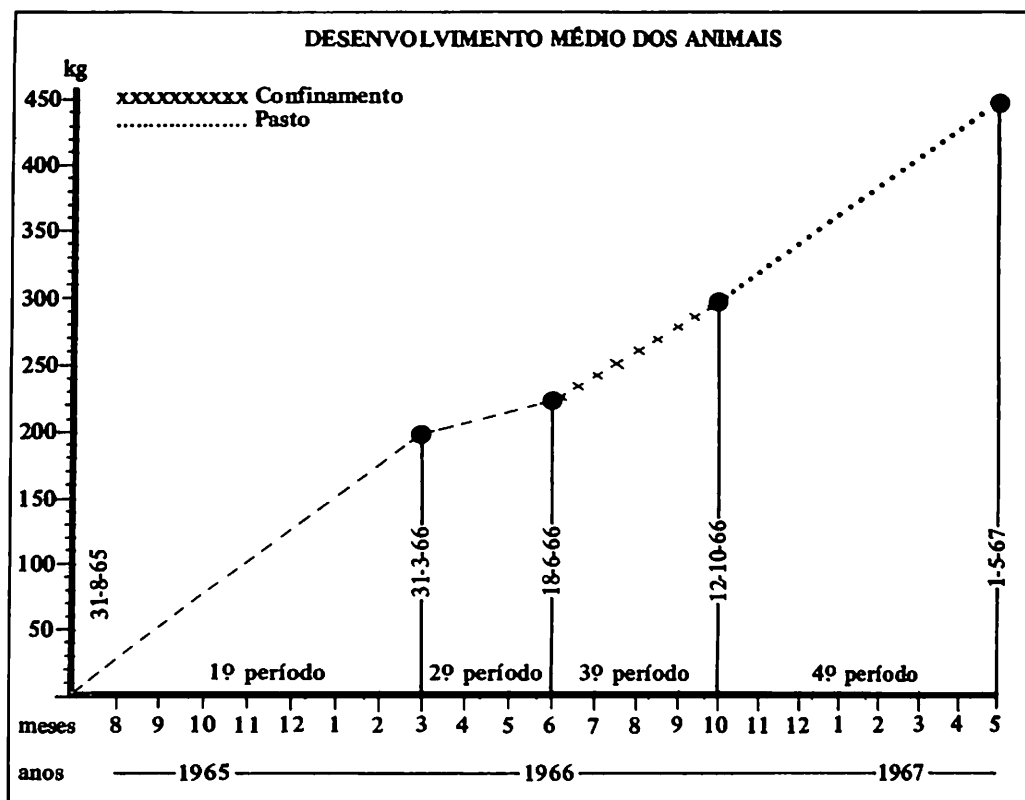
QUADRO XV - Épocas de cobertura e nascimento de bezerros

Cobertura	Parição	Desmama	Nota/Cobertura	Nota/Parição	Nota/Desmama	Soma
15-01 a 15-02	novembro	agosto	8	0	0	8
15-02 a 15-03	dezembro	setembro	7	0	5	12
15-03 a 15-04	janeiro	outubro	9	5	8	22
15-04 a 15-05	fevereiro	novembro	10	8	10	28
15-05 a 15-06	março	dezembro	6	9	10	25
15-06 a 15-07	abril	janeiro	0	10	8	18
15-07 a 15-08	maio	fevereiro	0	10	7	17
15-08 a 15-09	junho	março	2	10	7	19
15-09 a 15-10	julho	abril	6	7	8	21
15-10 a 15-11	agosto	maio	9	5	7	21
15-11 a 15-12	setembro	junho	10	7	0	17
15-12 a 15-01	outubro	julho	9	6	0	15

ráveis termina quando é atingido o peso ideal para o abate aliado ao bom acabamento de carcaça.

Acabamento de novilhos - após a recria vem o período de acabamento. O preparo de novilhos para o abate no Brasil de uma forma geral é através das pastagens situadas em regiões mais aptas para tal empreendimento. Mas também pode ser através da técnica de confinamento, exigindo maior tecnologia e investimentos adequados para o processo. Os animais destinados às pastagens de engorda ou ao confinamento, regra geral, são castrados. Alguns experimentos (quadro XVIII) já demonstraram que os animais inteiros ganham peso mais rápido e após o abate apresentam carcaça mais musculosa com menor porcentagem de gordura que os castrados.

Sabe-se que bovinos inteiros com mais de 24 meses de idade tornam-se intranquitos brigam com frequência podendo provocar acidentes prejudiciais à empresa.



QUADRO XIX - Estudo do 1º Parto de novilhas guzerá

Lote	nº de vacas	Idade dias	peso 1º parto	desm.	peso 2º parto	desm.	peso 3º parto	desm.
A	22	1.464	419	427	432	463	464	473
B	23	1.157	393	424	414	447	439	476

Donde se conclui que após os 24 meses os bovinos destinados às invernadas de engorda ou ao confinamento precisam ser castrados. Se o preparo dos animais para o abate for feito antes dos 2 anos não há necessidade de castração.

Ainda hoje o preparo dos bovinos para o abate feito através das pastagens é o método mais simples e o mais econômico. Entretanto existem regiões como aquelas onde estão instaladas as agro-indústrias açucareira que oferecem um potencial extraordinário para a alimentação de bovinos de corte.

Além da ponta da cana e do melaço, bagaço da vinhaça concentrada, pode-se preparar silagem com milho plantado nas terras de cana que estão sendo replantadas. É um potencial de produção de alimentos para bovinos que está passando despercebido. Pois pode perfeitamente plantar o milho em outubro após o último corte da cana, colher a silagem em Fevereiro, e plantar cana novamente em março. Naturalmente a silagem precisa ser enriquecida com um concentrado protéico, cuja formulação da ração não seria demasiadamente difícil.

Outra medida para se aumentar a produtividade do rebanho é antecipar a idade da primeira cobertura das novilhas.

Como vimos anteriormente a fertilidade está ligada diretamente à nutrição dos animais e assim a primeira cobertura de novilhas está mais em função do peso do que propriamente da idade.

Temos notado com frequência que as novilhas nelore preparadas para exposições tem apresentado condições para serem fecundadas aos 16 meses de idade, isto porque a alimentação que recebem para o preparo, lhes proporciona um desenvolvimento suficiente que permite a concepção. É necessário que a alimentação seja adequada para essas novilhas também após o parto, pois contrário pode o crescimento e a produção de leite para o bezerro ficarem comprometidos.

Estudos já realizados indicaram que se pode aconselhar a cobertura de novilhas com idade de 2 a 2 1/2 anos com peso vivo variando de 300 a 330 kg. e consequente-

QUADRO XX - Peso ao desmame e % de nascimento

	1º		%	2º		%	3º		%
	peso			peso			peso		
	M	F		M	F		M	F	
A	181,2	159,4	95,4	209,8	185,7	86,3	211,8	187,3	68,1
B	190,3	188,2	86,4	214,1	176,2	65,2	182,4	178,6	73,8

mente o primeiro parto se dará com um pouco mais de 3 anos.

O quadro XIX nos mostra o resultado ao estudo realizado visando antecipar a idade do 1º parto.

Observando o peso das vacas do lote B pode concluir-se que a antecipação do 1º parto não prejudicou o crescimento delas.

O quadro XX nos dá idéia do peso na desmama dos bezerros e de porcentagem de bezerros nascidos.

É comum baixar o índice de fertilidade após o 1º parto, isto é do 1º para o 2º parto o intervalo é maior como regra geral.

O lote A quando completou 5 anos de idade havia produzido 40 bezerros enquanto que o lote B 52, embora apresentou-se um índice de fertilidade baixo no segundo parto.

Finalizando podemos concluir:

Usando tecnologia adequada em todas as fases da criação de bovinos de corte não é difícil aumentarmos a produtividade expressa em termos de desfrute de rebanho de 12 para 17%. Para isto basta a observação do quadro XVI.

QUADRO XXI - Indicadores tecnológicos da pecuária de corte

Especificação	metas
Natalidade	65%
Sobrevivência na desmama	90%
Mortalidade, pós desmama	3%
Cotação média pastos cultivados	3,0 cab./ha.
Idade de abate, anos	3,5
Peso de carcaça, kg.	215

Levando-se em conta as metas a serem atingidas, um rebanho de 100 vacas e 4 touros produziria 65 bezerros vivos por ano. Considerando uma sobrevivência de 90%, restariam 59 na desmama, plantel seria composto por 334 cabeças no quarto ano e a taxa de desfrute ficaria ao redor de 17%, pois 55 animais seriam abatidos por ano.

Com a carcaça a um peso médio de 215 kg. o resultado seria de 11.825 kg. por ano 35,4 kg. por unidade do rebanho.

É necessário que se faça estímulo para a adoção de tecnologia na pecuária de corte pois elas existem e existem também raças bovinas adaptadas aos climas quentes para o Brasil Central Pecuário capazes de responder aos estímulos tecnológicos.

Literatura Consultada

- 1 - Benedini, C., - *Pecuária Leiteira alguns conceitos sobre pastagens manejo alimentação* - DIRA - Ribeirão Preto.
- 2 - Felício, P.E., - *Produção de gado de corte em condições tropicais - curso intencional sobre tecnologia de carne* - 1978.
- 3 - Lima, F. P. et Alli - *Produção de carne de bovinos em pastagens de gramíneas em região de terras roxas. Boletim da Indústria Animal, SP., 25:129-137-1968.*
- 4 - Lima, F. P., - *Estação de cobertura para bovinos, reunião da sociedade brasileira de zootecnia* 1971.
- 5 - Tundizü - et Alli - *Contribuição para a produção de carne de bovinos jovens. Boletim de Indústria Animal* 1976.
- 6 - Tundisi - A. C. A; Lima F. P., *Estação de monta para bovinos no Brasil* - 1976.

UMA RAÇA LEITEIRA PARA OS TRÓPICOS

SINVAL PALMEIRA, da Cabana da Ponte, sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e que não faz sentido continuar fechando os olhos para a realidade, pois o mundo precisa de carne para se alimentar. A potente voz da Bahia, reconhecida em todo o Brasil, não deixa de censurar os poderes oficiais e a culposa inércia da classe e seus órgãos dirigentes, construtivamente.



Muitos pecuaristas têm vivido o sonho do zebu leiteiro, gir ou guzerá, embora não se resolva o problema de alimentação de 120 milhões de brasileiros com meia dúzia de vacas de elite, aqueles que tentam aclimatar vacas européias não possam cantar vitória. A raça Brasília poderá ser a solução, sem "parti pris", depois de 30 anos com a criação da raça Pitangueiras e 25 com a Lavínia, para as 400 mil crianças que morrem por desnutrição e os 30 milhões de brasileiros subnutridos. O autor explica o método que vai seguir e o porquê de suas conclusões, visando conseguir a raça leiteira para os trópicos.

O homem, por essência criador, dominador e transformador da natureza, sempre sonhou, no campo da zootecnia, com a criação de novas raças, novas fontes de riqueza animal. Experiências e pesquisas se têm feito através do tempo, visando uma raça bovina de corte, resultando de cruzamentos entre raças puras, para criação de animais mais precoces, mais resistentes, mais pesados e com melhor aproveitamento de carcaça. A heterose, sem dúvida possível, opera o milagre. Mesmo no Brasil, temos as experiências que resultaram na criação da raça Canchin — Charolês com Zebu — e Indubrasil, Nelore, Guzerá e Gir.

Nos Estados Unidos, com sua pecuária de vanguarda, são várias as experiências vitoriosas, a começar pela Santa Gertrudis, a mais promovida e difundida de todas as novas raças resultantes de cruzamentos de matrizes "bos taurus" com o zebu brahman. Sempre à procura de um gado de corte que fosse levado ao abate mais cedo, com carne sem gordura e com o melhor aproveitamento de carcaça.

Falta-nos um trabalho sério com vistas à criação de uma raça de leite para as condições do trópico úmido e quente. Muitos pecuaristas têm vivido o sonho do zebu leiteiro, gir ou guzerá. Vidas e vidas seriam consumidas nessa seleção de um zebu leiteiro e nunca sairíamos de raros exemplares de vacas boas produtoras de leite, inscritas em livro de mérito ou de escol. Mas não se resolve o problema de alimentação de cento e vinte milhões de pessoas com meia dúzia de vacas de elite. A maioria dos pecuaristas, na área do leite, está hoje voltada para a mestiçagem zebu-holandês ou zebu-schwiz. Ensaia-se cruzamentos com Simental ou Normando, sempre visando um mestiço pesado, para o corte, e uma

vaca boa produtora de leite, em regime de campo. Em regime de campo, porque, no Brasil, alimento para o gado ainda é o capim. Os resultados são inegáveis, na primeira cruz. Mas problemas zootécnicos se apresentam em seguida, desafiando a inteligência e a persistência do pecuarista. Se volta com o zebu sobre a matriz F-1, terá diminuído o leite, conquanto aumentado o peso e acrescida rusticidade. Se insiste no sangue europeu, peso e rusticidade se reduzem, embora o leite volte a subir. Daí a necessidade de se criar uma raça de leite para os trópicos.

Os americanos ou canadenses nunca pensaram na solução desse problema, pela simples razão de que o problema inexistia para eles. Países de clima temperado, altamente desenvolvidos em genética, trouxeram o holandês puro, o frísio, e o transformaram naquela máquina de produção de leite que é o holstein-frísio. O mesmo com a raça Schwyz, que os americanos melhoraram para leite e tipo e hoje apresentam seu "brown-swiss", raça pesada e boa produtora de leite. E leite sobra na América e no Canadá, como na Europa, com as raças de leite clássicas, para clima temperado. No Brasil temos tentado aclimatar essas vacas de origem européia e não podemos cantar vitória. Além de caros, os animais importados não são resistentes às condições dos trópicos e sofrem muito os rigores do clima quente e úmido, sem falar na piropilomose e anapilomose devastadoras, com que as aguardam nossos carapatos nativos.

Nós, brasileiros, sobretudo das regiões acima do Paraná, necessitamos de uma raça de leite definida como raça, que transmita seus caracteres e que seja adaptável ao trópico úmido, como o zebu ou o búfalo. Os caminhos até aqui percorridos não me parecem os

melhores para atingir esse objetivo. Em primeiro lugar, merece referências honrosas a raça Pitangueiras, resultado do cruzamento do Red-Poll com Guzerá. Trata-se de uma experiência de cerca de trinta anos que o Frigorífico Anglo vem fazendo no Brasil, desde 1946. Porque o Red-Poll? Certamente por ser raça inglesa de razoável produção de leite e bom peso. Leite e carne. Segundo dados publicados pelo Frigorífico Anglo S.A., a média de produção anual de leite tem sido acima de 2.000 kg, numa faixa de 201 a 300 dias de lactação. Será a boa solução? É uma experiência válida, mas não me parece que Pitangueiras seja a sonhada raça de leite para o trópico. Em primeiro lugar, a raça Red-Poll não é uma raça propriamente leiteira e o rebanho na Inglaterra não vai, talvez, além de dez mil matrizes. O Frigorífico Anglo fez sua experiência, de resto muito importante, à base de seu próprio gado. Mas o caminho impessoal, sem "parti pris", talvez seja diverso. Deve-se dizer que a experiência Pitangueiras se apresenta como um trabalho sério, pois durante os trinta anos de seleção e formação da raça, foram sendo eliminadas as matrizes más produtoras de leite.

Uma outra experiência valiosa é a de Rubem Franco de Mello, em São Paulo, criando a raça Lavínia, 5/8 Schwiz e 3/8 Guzerá. Pelo que sabemos, no entanto, da experiência de Rubem Franco de Mello, que consideramos também importante, ele não teve como objetivo a produção de leite, mas uma raça pesada, rústica e precoce. Daí não haver, no curso do trabalho, afastado as matrizes que não apresentassem bons índices de produção leiteira. Prosseguiu na pesquisa, seguro do acerto, deixando de lado o balde de leite. Penso que o balde é fator essencial na formação da nova raça. As mes-



Ora, viver numa
pastagem verde
qualquer boi vive, mas
boi bom mesmo vive
aqui na caatinga...no sol
duro.

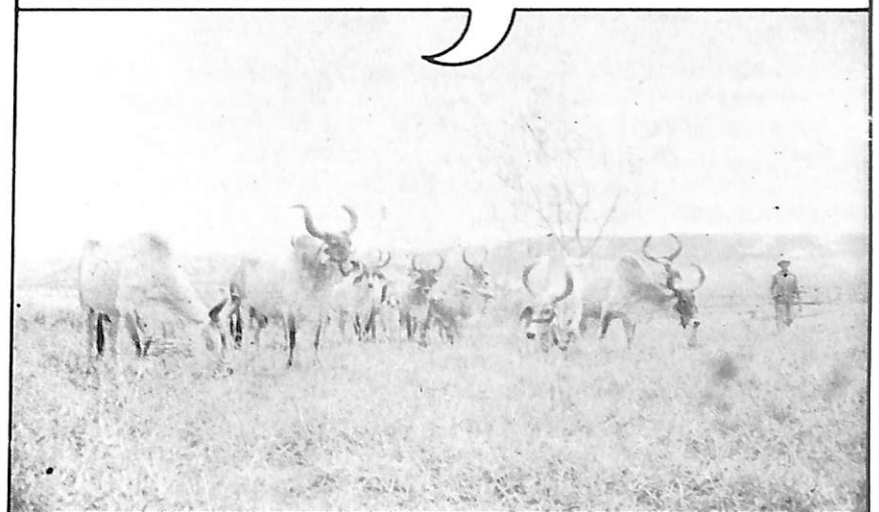


CHARLES

Quem aprova o gado bom é a dureza do
sertão... um rio sem água. A rusticidade vai
aumentando, aumentando, até não haver
igual no Brasil inteiro.



A caatinga fica esturricada quase o ano todo, mas o gado bom
não perde tempo, ele aceita o capim seco. Por isso, é mais
econômico para a fazenda.



Para se ajustar aos períodos
secos, com o passar dos
anos, o rebanho adquire o
comportamento ideal para
os trópicos. O intervalo
entre partos fica menor e,
assim, a fazenda ganha
mais
bezerros...



...as fêmeas começam a produzir
mais cedo. Olha a Daneca!



As fêmeas dão muito leite, para garantir a saúde dos bezerros que são enormes e fortes para aguentar o clima mais difícil do mundo.



E, então, o que realmente interessa não é a quantidade de Cabeças por Hectare, mas sim QUANTOS QUILOS de carne e leite podem ser obtidos por Hectare/Ano. E, aí, o GUZERA prova ser o melhor, é o que dá mais quilo por hectare/ano..



...o rebanho fica todo uniforme, rústico, firme, pesado, precoce, leiteiro, manteigueiro...



Por isso, o valor do GUZERÁ tropical é muito superior. Olha aqui o Faraó, com 910 quilos aos 50 meses, e quase meio século de Cariri seco!



E eis Centurião, com 780 quilos aos 35 meses, em serviço no plantel.

Já comprovamos: para cruzamento com holandês, simental ou schwyz, o GUZERÁ dos trópicos é o melhor. Basta verificar o que acontece, logo na primeira cria.



Na CARNAÚBA, quem manda desde 1934 é o olho do dono. Por isso temos certeza de que o GUZERÁ é o gado ideal para a região semiárida.

Registro

Genealógico

da ABCZ



Seleção Desde 1934, com animais PO da mais tradicional linhagem leiteira (iniciada em 1895), sem nunca haver introduzido touro de fora.

FAZENDA CARNAÚBA
MANOEL DANTAS VILAR FILHO

TAPEROÁ, Paraíba - CEP 56.800 - R. Álvaro Machado,
1 - Fones: 2213/2251
(ligada por asfalto a João Pessoa ou Recife)

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os Itens indicados abaixo, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

☐ Zootecnicamente, o que acontece quando se cruza GUZERÁ com europeu?

☐ Porque o Sr. diz que animal cruzado com GUZERÁ é mais econômico?

☐ Detalhes sobre arraçamento e outras pesquisas práticas no trópico seco.

☐ Melhor explicação sobre PRODUTIVIDADE E MAIS QUILOS POR HECTARE/Ano.

☐ Quais os preços de GUZERÁ e outros produtos da fazenda?

tiças que não produzam acima de um standard previamente fixado, deverão ser afastadas do trabalho. No fim, teremos a grande raça leiteira para os trópicos.

Esse problema vem me desafiando, há muito tempo. Falei do mesmo a Luiz Horácio de Mello, zootecnista ilustre, criador e juiz de gado holandês em São Paulo e vivamente interessado em um novo rumo para a pecuária de leite no Brasil. Luiz Horácio já havia pensado no problema e elegera o nome "Brasília", para a nova raça leiteira. Já temos o nome e o nome Brasília, que sugere idealismo, energia, crença no futuro desse país. O nome Brasília que nos lembra um dos nossos grandes pró-homens nacionais, pela energia, pela inteligência, pelo amor ao Brasil, Juscelino Kubitschek de Oliveira. O nome era feliz por todos os motivos e ainda como homenagem da pecuária nacional a esse grande brasileiro. Luiz Horácio pensava numa raça 3/8 holandês e 5/8 guzerá, partindo de matrizes holandesas. Considerando, porém, que a pecuária brasileira é predominantemente zebu e é grande o rebanho do qual se retirariam as matrizes para o trabalho inicial e tendo em vista ainda os custos da experiência a começar de matriz zebuína, optamos por essa fórmula. Pensamos, inicialmente, que o trabalho deveria ser programado em diversas direções, para se escolher, no final, a solução justa. Começaríamos pela seleção de vacas boas produtoras de leite, sadias e férteis, das raças Gir e Guzerá. As vacas Gir seriam inseminadas com sêmen de holandês variedade vermelho e branco e de Simental. Sempre touro de alta linhagem leiteira. O animal resultante dessa cruzaria teria uma pelagem muito bonita e, se válida a experiência, seria uma bela raça de leite para os trópicos. A única dúvida, nesse rumo, é o peso do gado Gir, pelo que somente vacas Gir pesadas deveriam ser selecionadas para o trabalho.

Ao mesmo tempo, um grupo de matrizes Guzerá, boas de leite e pesadas, seria selecionado para inseminação com holandês, variedade preto e branco, brown swiss e normando. Sempre com sêmen de touros positivos para leite e pesados. Ao atingir a terceira cruzaria com 3/8 europeu e 5/8 zebu, já teríamos definida a melhor solução e daí se partiria para a verdadeira seleção de matrizes e touros até atingirmos a raça ideal, a raça Brasília. De toda maneira, seria um trabalho a ser feito com idealismo, mas com humildade, sem "parti pris", pesquisando e observando, com o pensamento na criação de uma raça bovina de leite para o Brasil e para os trópicos em geral. No curso do trabalho, como disse, as mestiças que não respondessem ao projetado, seriam eliminadas da experiência.

Pensamos, de início, que os vários caminhos deveriam ser percorridos simultaneamente em busca dessa nova raça. Os trinta anos gastos na criação da raça Pitangueiras e os vinte e cinco para a raça Lavinia não foram gastos em vão. São experiências que ficam. O gado que delas resultou é bom, enriqueceu o patrimônio da pecuária nacional. Propomos pesquisas mais abrangedoras e mais completas, com vistas à criação da raça brasileira de leite. Precisamos muito dessa vaca pesada, rústica, sadia e boa produtora de leite em condições dos trópicos e em regime de campo, que são as condições do Brasil, em sua maior área.

Discutimos esse plano com vários especialistas, inclusive o mestre italiano Venanzio Vallerani, que nos fez uma ponderação muito válida. Observa Vallerani que a experiência em várias direções seria custosa e complexa e, por tudo que se conhece até hoje, a conclusão final seria pela cruzaria de holandês-guzerá. Holandês é o gado que pesa e produz leite mais do que as outras raças. Guzerá é nobre raça zebuína, pesada e com certa propensão leiteira. O Gir teria o problema do peso a que já aludimos e ainda a dificuldade de se encontrarem touros Gir, de linhagem leiteira e pesados, para a inseminação das mestiças.

Bem consideradas todas essas razões, chegamos à conclusão que o trabalho seletivo, para ser simplificado, prático e viável, dentro dos limites possíveis, deverá ser feito com cruzamento, por inseminação artificial, de holsteín-frísio variedades preto e branco e vermelho e branco, das melhores linhagens canadenses e americanas para leite e tipo, com vacas guzerá pesadas e de comprovada produção de leite. Trabalharíamos com holandês nas duas variedades, não só visando a verificação do melhor em leite, mas ainda com vistas à pelagem que resultará do cruzamento.

O Brasil produz, segundo estatísticas oficiais, 7.101.261 toneladas de leite por ano. O grosso dessa produção está no Sul do país e grande parte se destina a laticínios. Leite in natura, per capita, não vai além de poucos litros por ano para cada brasileiro. Isso é grave se pensarmos que quatrocentas mil crianças morrem por desnutrição, cada ano, e trinta milhões de brasileiros são sub-alimentados, se não famintos.

É, pois, urgente a solução do problema leite no Brasil. E o grande passo nessa direção é se criar uma raça leiteira para os trópicos. Uma raça definida, que transmita seus caracteres e que seja adaptável, sem qualquer problema, ao trópico úmido. Esse é o objetivo que temos em vista.

A Cabana da Ponte lança a idéia

mas não ficará no sonho irrealizado. Vai iniciar o trabalho dentro desses objetivos e daremos notícias de seus resultados. De nossos êxitos e de nossos eventuais insucessos. Enquanto não se chega a uma raça verdadeira e definitiva, que deverá ser leiteira, pesada, rústica e precoce, estaremos produzindo boas mestiças de leite e excelentes novilhos de corte, resultado da cruzaria bem dirigida. Será um trabalho de pesquisa de custo normal e pagará resultados apreciáveis em termos de mercado, durante a experiência. Para os criadores de Guzerá eis uma política altamente compensadora, para o bom aproveitamento de suas matrizes. Terão apenas que se lançar ao trabalho. É claro que não cogitamos de Nelore, porque não houve, no Brasil, seleção de Nelore para leite. Na Índia, a raça Ongole produz leite como as demais, mas, como as demais, jamais se poderia considerar raça leiteira. Não consideramos o Indubrasil no plano da raça Brasília por se tratar de trímestico zebu, e, nessa hipótese, seria menor a força da heterose no melhoramento da nova raça. O ideal, me parece, seria o encontro de duas raças puras, no caso holandês e guzerá.

Nosso projeto é da criação de uma raça e a tanto não se pode propor isoladamente a Cabana da Ponte. Nossa idéia é que 5.000 vacas guzerá em todo o Brasil, de várias regiões, sejam utilizadas, inicialmente, no trabalho, de forma coordenada e sob o controle do PROCRUZA. Nós começaríamos com 400 matrizes, metade com preto e branco e metade com vermelho e branco. Usaremos o mesmo sêmen em cada grupo e, quando mudarmos para sêmen que nos pareça melhor, daremos notícia. Os criadores interessados no projeto poderiam usar o mesmo sêmen que a Cabana da Ponte, para uniformidade do experimento, mas podem utilizar sêmen diverso, que considerem bom, anotando sempre na ficha da matriz o touro utilizado. Trocaríamos com esses criadores nossas informações e nos consultariamos quando necessário. Faríamos um seminário anual para análise e discussão do trabalho. De tudo daremos notícia no Informativo Cabana da Ponte, sem prejuízo da divulgação em outros órgãos da imprensa. No fim de trinta anos, o livro genealógico da raça Brasília contará com muitos milhares de matrizes registradas e teríamos, realmente, uma nova raça de leite.

Aí fica uma idéia para debate. Agradecemos as críticas e sugestões. Esperamos que os mestres em Genética e Zootécnica tragam luzes sobre o assunto e, quem sabe, estaremos dando início a uma nova riqueza brasileira, inclusive para exportação, a raça Brasília.

O NELORE - JI em Uberaba/79

com 10 animais obteve 12 prêmios



RECIFE - 77

- Campeão Bezerra
- Reserv. Grande Campeão
- Campeão Frigorífico da Raça
- Campeão Frigorífico das Raças Zebuínas

RECIFE - 78

- Grande Campeão
- Campeão Frigorífico da Raça

UBERABA - 79

- Reserv. Campeão Touro Jovem

AMARUK - JI
Idade: 32 meses
Peso: 772 kg
Pai: CHAKKAR
Mãe: ARARUAMA-JI



LATINA - JI
15 meses - 471 kg

MOGNO
*Campeão dos Campeões
do Brasil*

LATUADA-JI

UBERABA-79 - Campeã Bezerra

SELEÇÃO NELORE

mais premiada no
Norte e Nordeste

CIA. AGRO-PECUÁRIA
QUEIMADAS do VALE

covale

JOSÉ INOJOSA
R. Nestor Silva, 194, Casa Forte
50.000 - Recife - PE
Fones: (081) 268-1499/1211/1386

O GADO SINDHI

V. CORONADO, polêmico, batalhador, acostumado às lides do campo, acompanha de perto todos os problemas da pecuária nordestina, há dezenas de anos, frequentando as fazendas situadas nos mais diversos climas. É um incondicional e ferrenho defensor do Zebu, não poupando palavras para dizer o que acha correto, aguardando dias melhores.



Afirmando que a raça Sindhi é plenamente indicada para o Nordeste, o autor empunha a bandeira em sua defesa, confessando não entender porque não tem merecido ela o apoio necessário, embora — por outro lado — nem o Zebu consegue as graças dos dirigentes, sendo constantemente utilizado como bode expiatório pelos mesmos, diante das televisões.

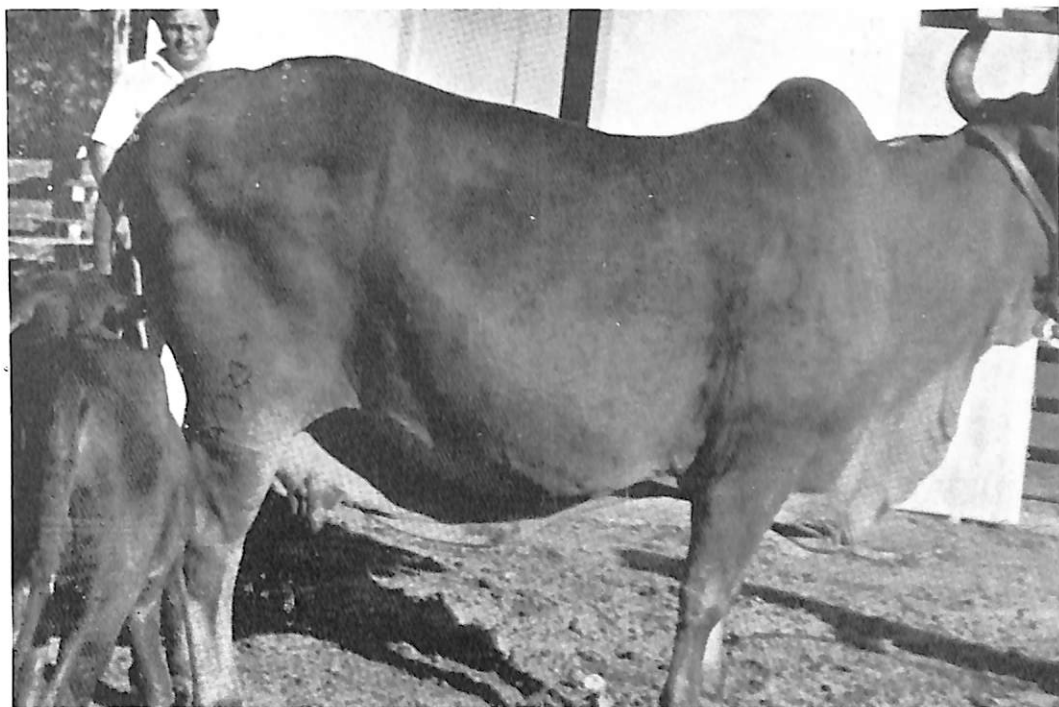
Este articulista abre o sinal verde para a raça Sindhi, empunhando a bandeira em defesa do notável gado vermelho de tonalidade lacre, bandeira essa já desfraldada por esse grande criador bandeirante: José Cezário de Castilho.

Para as zonas nordestinas, de ecologia semiárida de ecologia semelhante às cercanias dos grandes desertos, tanto do Oriente Próximo, como do Extremo Oriente, nessas zonas onde o criador, para sobreviver, necessita minimizar os custos contraídos com insumos e mão-de-obra, nessas zonas onde a carne passa a ser o subproduto do leite, nessas regiões em que a zootecnia tem que marchar pari-passu com a Economia, as nossas preferências recairiam sobre as raças de dupla aptidão.

As raças indicadas, nesse caso, são as encontradas nos Grupos I e III, conforme a classificação de Joshi & Phillips, sendo as formadas aqui no Brasil: Guzerá, Gir e Sindhi, a Indubrasil e o Mocho tipo Tabapuã. Deixamos de relacionar a raça Sahiwall, visto a mesma não ter sido introduzida, o que é lamentável.

No que concerne à pelagem, mansidão e porte, achamos as raças Gir e Sindhi recomendáveis. No que tange à cor vermelha, lembramos que ela também é encontrada em muitos animais silvestres no Nordeste. A pelagem vermelha é a tonalidade básica encontrada no Gado Crioulo do Nordeste, evidenciando que as raças Gir e Sindhi parecem ser as mais indicadas para serem criadas nos pequenos núcleos populacionais. São as mais dóceis, menos anedjas das raças zebuínas.

As raças Gir, Nelore, Guzerá, Indubrasil e Mocho tipo Tabapuã já estão presentes no Nordeste, sendo responsáveis pelo já expressivo nível de desenvolvimento de nosso rebanho. Falta, no entanto, a Sindhi, para provocar um “tete a tete” entre o gado verme-



Essa é Baba — RG-1, primeira fêmea Sindhi inscrita no Livro Genealógico da raça. Seu pai Cacique foi importado da Índia em 1930

lho lacre com as raças Gir e Guzerá, a fim de demonstrar sua exuberância e desempenho no balde.

Não fosse a obstinação de um José Cezário de Castilho, João Carlos Pedreira de Freitas e da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, talvez a grande raça do Paquistão já não mais existisse no Brasil.

José Cezário de Castilho está para a raça Sindhi, assim como Rodolfo Machado Borges está para a Gir, João Carlos Burguês de Abreu para a Guzerá, Torres Homem Rodrigues da Cunha está para a Nelore, Alberto e Antônio Martins Fontoura Borges estão para a Indubrasil, Alberto e Rodolfo Ortenblad estão para a Mocho tipo Tabapuã e Epitácio Pessoa Sobrinho, para o Gir Leiteiro, os quais consideramos gran-

des benfeitores da Pecuária Nacional e, particularmente, como patronos das respectivas raças.

O zootecnista Felisberto Camargo, quando diretor do Instituto de Pesquisas Agronômicas do Norte — IPEAN, observando na Amazônia a grande deficiência de um bom material genético, que possibilitasse “embasar” a pecuária leiteira na região, elegeu as raças zebuínas e, destas, a Sindhi — a raça vermelha lacre do Paquistão, como sendo a ideal, capaz de impulsionar ou estruturar a formação de uma pecuária de dupla aptidão na linha do Equador.

Somos apologistas do Zebu, como não poderíamos deixar de ser, pois o Bos Indicus, portador de uma versatilidade de adaptação que só ele possui, é encontrado em todos os quadrantes,

Casa do Criador

I. BARBOSA DE FARIAS
CAMPINA GRANDE — PB

R. Tavares
Cavalcante,
nº 460
Fone: (083)
321-3457

Temos semente
de cunhã

Sementes de campim Buffel,
Bracchiaria, hortaliças e vege-
tais

Produtos para Animais e
Aves
Domésticas

Equipamentos Veterinários
em geral

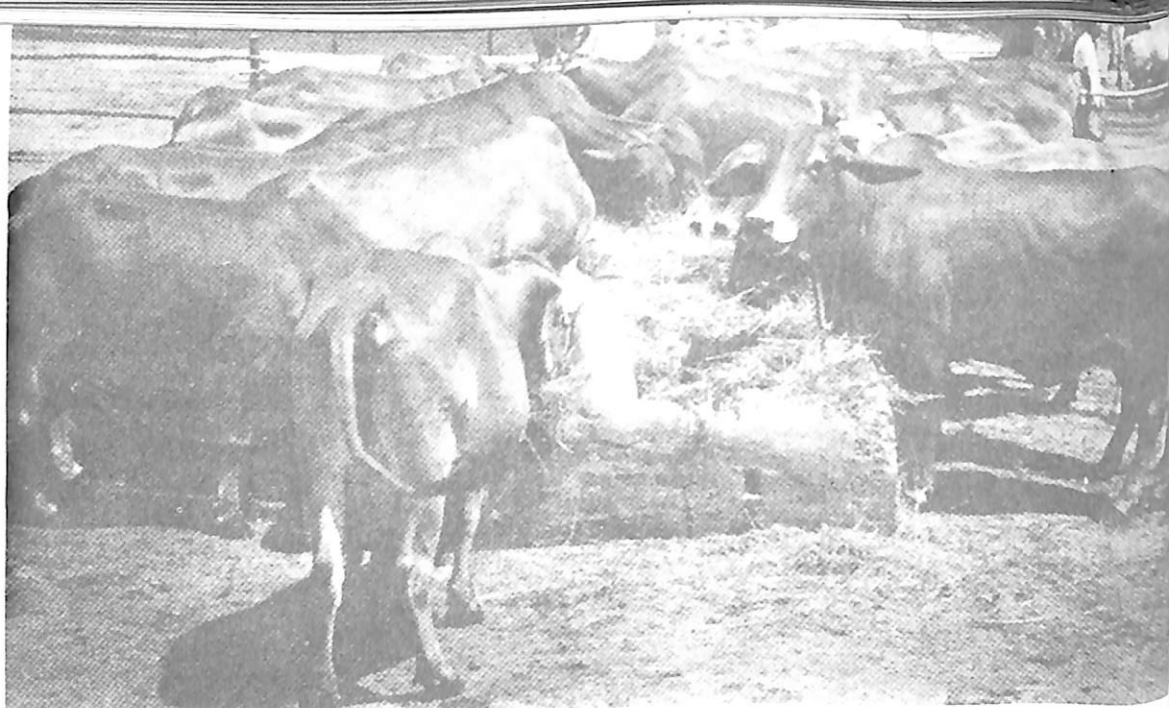
Assistência Técnica Veterinária
no campo e na cidade.

PRODUTOS AGRÍCOLAS

- Adubos
- Sementes de campo e quintal
- Fomicidas
- Inseticidas
- Herbicidas
- Carrapaticidas
- Fungicidas

PRODUTOS VETERINÁRIOS

- Soros
- Vacinas
- Sais Minerais
- Antibióticos
- Mata-Bicheiras
- Vermífugos
- Equipamentos veterinários



Lote de Sindhi da Fazenda Experimental de Kamal, uma das poucas estações experimentais que ainda restam na Índia

não só do Brasil, mas de todas as Américas, com exceção, S.M.J., do Canadá e território do Alaska. Na Ásia Continental, afora a Índia, sua pátria de origem, é o elemento formador da pecuária, exceção feita para a Sibéria e o Japão que estão fora de nossos conhecimentos. E, por fim, ele está presente, e bem presente, nas Índias Holandesas e na Oceania, com exclusão da Nova Zelândia. Na Europa, não se fala na criação de Zebu, mas sabe-se que em Portugal e Espanha é apenas “uma questão de tempo”.

Voltando ao assunto zoneamento, frisamos que, se fôssemos intimados a indicar qual a melhor raça para o Nordeste, diríamos que todas elas, deixando a Indubrasil e Mocho tipo Tabapuã, formadas aqui no Brasil, como indicadas para serem apascentadas a nível de semi-confinamento nas zonas semi-áridas. As manchas ecológicas do Nordeste que se assemelham às do Centro-Oeste e Norte, compreendidas até uma distância de 80 km do litoral indicam a raça Nelore como insuperável, por ser a área em que as gramíneas rebrotam com facilidade, anualmente. As manchas mais úmidas possibilitam uma renovação das pastagens pelo menos de 8 a 10 meses por ano, tornando-as mais suculentas e densas, permitindo às vacas aleitarem bem as suas crias até aos oito meses, idade clássica de apatação, levada a efeito pelo criador evoluído. Nessas condições, o Nelore é insubstituível.

Não entendemos o mutismo, o silêncio dos setores de Pesquisa na área de pecuária, em não determinar, ou mesmo em não estabelecer o Zebu oficialmente, como a RAÇA NACIONAL, protegendo-o, indicando-o às dezenas de Órgãos de Desenvolvimento, como o “boi” único capaz de multiplicação de currais, ocupando os espaços

vazios existentes no Norte e Centro-Oeste brasileiro. Qual o obstáculo?

De conformidade com nosso parecer, entendemos que o obstáculo é pura preguiça, é o prazer amuado de não querer fazer nada, e nada mais.

O mais engraçado é que, diuturnamente, observamos que a maioria dos altos dirigentes dessa sofrida Nação, comportam-se como vedetes, na intenção visível de sempre confundir a opinião pública no eixo dos grandes centros urbanos, através de programas bem urdidos e previamente ensaiados de Televisão. Ali, eles se justificam junto às donas-de-casa dizendo que a carne e o leite subiram por culpa de uma dialética qualquer que somente eles conseguem engolir, pois de carne e leite só conhecem da “panela para o prato”, ou então, agem como aqueles técnicos que confundem um pé de milho com capim Guatemala, ou ainda um búfalo (não o capim) com um bisão.

A agropecuária não tem direito à lógica ou ao bom senso. Vejam! Os Ministérios Militares são ocupados por militares, da Saúde por técnicos em saúde, das áreas econômicas e de planejamento, por técnicos do setor. Apenas o infeliz Ministério da Agricultura não tem esse direito, o de ter um vitorioso empresário rural ou um técnico do setor. E, quando o permitem, como na gestão Cirne Lima, cortam-se-lhe as pernas, surrupiando o IBC, SUNAB, IAA, etc. além de subordiná-lo a outros ministérios. E aqui começa o desajuste da agropecuária nacional, em nossa opinião.

Vem de cima o erro e quem não tem culpa nenhuma é o agropecuarista que, no final, é quem acaba pagando por todos, continuamente.

PARAÍBA

Terra de moderna pecuária

A Paraíba, um dos menores Estados brasileiros, é um dos mais privilegiados em sua distribuição geográfica, pois conta com mais de uma dezena de microclimas, o que possibilita o cultivo de variados produtos necessários para a subsistência, durante o ano todo, no clima semiárido.

O Estado é equilibrado em seu escoamento de produção, contando com uma moderna rede viária, totalmente asfaltada, com diversas vias secundárias, também asfaltadas, ligando-o aos Estados vizinhos e unindo os diversos polos de produção agrícola.

A gestão dinâmica da administração do Dr. Humberto Manoel de Freitas, Secretário de Agricultura do último e do atual Governo, tem trazido grandes dividendos, bastando-se citar os principais:

- Zoneamento agrícola do Estado, situando os produtos e adequando, assim, a liberação de crédito bancário.

- Aceleração no desenvolvimento das instituições de apoio ao setor, principalmente quanto ao Planejamento Agrícola; Modernização Administrativa (hoje a S.A.A., subdivide-se em nove centros no Estado); Capacitação de Recursos Humanos; Integração com a Universidade Federal da Paraíba.

- Incrementação de iniciativas na política de produção e melhoria da produtividade, salientando-se a expansão da Assistência Técnica e Extensão Rural; Pesquisa e Experimentação Agropecuária (foi fundada uma empresa estadual de pesquisa para substituir a Embrapa); Produção e distribuição de sementes e mudas; Mecanização Agrícola; Abastecimento de insumos; Promoção à Pecuária envolvendo esquema para implantação ou popularização da inseminação artificial (O Estado conta com uma central de inseminação, a Senor - Sêmen Nordeste Ltda); Melhoramento genético via cruzamentos com raças européias; Programa de revenda subsidiada de tourinhos melhoradores; Desenvolvimento da caprinocultura; Implantação de forrageiras; Dinamização de feiras e Exposições.



O rebanho Guzerá da Paraíba é o melhor do Brasil, indiscutivelmente

- Racionalização da Comercialização e Abastecimento, consolidando políticas de âmbito federal como Cooperativismo, Compra antecipada da produção, produção de horti-frutigrangeiros, apoio ao pequeno produtor, etc.

- Ampliação de obras de infraestrutura, aumentando a capacidade de armazenamento, construção de açudes públicos e privados, perfuração de poços artesianos, construção de novos parques de Exposição, expansão da rede de eletrificação rural, etc.

- Participação em Programas Especiais, tais como Polonordeste, Projeto Sertanejo, Pronasa e outros.

Grandes têm sido os resultados e a pronta resposta do meio rural, levando o Governo a procurar o estabelecimento de estratégia específica para a implantação de agroindústrias, programas de piscicultura, reflorestamento, cultivo sistemático de café e outros produtos, iniciativas essas dentro de um espírito modernista e dentro do que vem sendo preconizado pelo atual Presidente da República, como proposição básica para uma nova época na História do Brasil.

No tocante à pecuária, o Estado iniciou os trabalhos de seleção zebuína em 1934, com gado guzerá, em plena região de caatinga, sendo provavelmente o primeiro plantel vindo para o Nordeste. Antes disso, havia o famoso plantel Gir de Umbuzeiro, de propriedade oficial, datado do início do século.

Hoje, o zebu é predominante em todo o Estado e muitos são os núcleos de seleção, todos salientando o aumento de rusticidade obtida no clima semiárido.

O rebanho oficial, hoje, é constituído pelo renomado GIR DE UMBUZEIRO, considerado o mais tradicional plantel de linhagem leiteira em todo o Brasil, conferindo à cidade que o abriga o nome de "Capital do Gir Leiteiro"; por um excelente plantel de SCHWYZ em seleção PO e PC, na cidade de Riacho dos Cavalos, onde mantém ainda vários experimentos de forrageiras e gramíneas para o clima seco; e a Embrapa mantém, na cidade de Alagoinha, o plantel Guzerá leiteiro

proveniente de Cruz das Almas, onde havia conquistado fama em todo território nacional.

Na última década, em plena época de crise na zebuicultura nacional, o Estado da Paraíba, por ser detentor de notável gado rústico, começou a grangear consecutivas vitórias nos campeonatos de Recife e Uberaba. Hoje, é difícil não haver animais premia-

dos, onde quer que esteja o gado paraibano, em todas as raças zebuinas, e quiçás, animais de outras raças como Schwyz, Holandês, Fleckvieh, Simental e outras.

Brilhantes têm sido os últimos anos para a pecuária paraibana, pois tem feito, sucessivamente, campeões nacionais, chamando a atenção de todo o país para o pequenino Estado:

- 1975 — MOREIRA, Grande Campeão Nacional da raça Indubrasil.
- 1976 — DACAR, Grande Campeão Nacional da raça Guzerá.
- 1977 — MAGNESIO, Grande Campeão Nacional da raça Guzerá.
- 1978 — GENERAL-H, Grande Campeão Nacional da raça Guzerá. Ainda em 1978, esse prodigioso animal sagrou-se Grande Campeão da Raça, em Natal, enfrentando os maiores criadores de todo o Brasil.
- 1979 — GENERAL-H, conquista, novamente, o título de Grande Campeão Nacional.
- 1979 — FRONTEIRA, Grande Campeã Nacional da raça Indubrasil.
- 1979 — PAINEIRA-S, Grande Campeã Nacional da raça Guzerá.



O Indubrasil paraibano vem conquistando Grandes Campeonatos, nos últimos anos

O Gir leiteiro de Umbuzeiro, é o mais tradicional do país



Dr. Tarcisio Burity, governador

A política adotada pela Secretaria de Agricultura do Estado visa incentivar o trabalho da livre iniciativa e os frutos já estão surgindo com o fortalecimento da Sociedade Rural da Paraíba, de diversas Cooperativas, com a injeção de novo ânimo em muitos empresários que já estão modernizando suas propriedades, acreditando no ideal do Chefe da Nação.

A fronteira agrícola expande-se, apoiada no serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural, enquanto os programas especiais do Polonordeste, Projeto Sertanejo e outros menores asseguram um ritmo crescente na implantação de infra-estrutura em diversas regiões, augurando dias me-

Dr. Humberto Manoel de Freitas, Secretário de Agricultura



lhores para o semiárido.

Durante a Exposição Paraibana é já uma prática constante promover a distribuição de touros PO para todos os interessados, com subsídio por parte do Governo Estadual, o que tem conquistado aplausos dos agropecuaristas e, principalmente, dos selecionadores em geral.

Portanto, se por um lado o dinamismo das lides governamentais é evidente, por outro a iniciativa privada tem respondido à altura, buscando títulos e prêmios nas mais tradicionais praças do criatório nacional. Hoje, a pecuária paraibana é considerada entre as melhores do país!

O casamento entre o ideal da Secretaria de Agricultura e o esforço dos empresários rurais traz, como resultado, um desenvolvimento inusitado para uma época de perplexidade econômica, como a atual.

Com satisfação, vêm-se hoje selecionadores vindo de todo o

Brasil procurando reprodutores e matrizes Nelore, Guzerá, Indubrasil e Gir dentro do Estado.

Uma vitória para todos, uma vitória da política da Secretaria de Agricultura, sob o comando do Dr. Humberto de Freitas, e do governador Tarcísio Burity.

A Paraíba vem sendo apontada por diversas fontes como um Estado com um desenvolvimento agropecuário modelar, mantendo, inclusive, convênios de intercâmbio técnico e cultural com outros, do centro-sul.

É sabido que apenas o diálogo permanente entre a classe produtora e os dirigentes pode levar à adoção de uma política sadia e próspera, com resultados positivos para toda a população. Esse é o espírito que tem norteado a direção da agropecuária paraibana, justificando-se a conotação de Estado-modelo para todo o Nordeste em sua política de atuação.

Por um lado, o esforço visa o

aproveitamento adequado das terras, extremamente diversificadas no caso de se pretender levar adiante um programa de agricultura. Por outro, prega-se o aproveitamento de áreas, menos chuvosas, para o pastoreio. Para tanto, desenvolvem-se, aceleradamente, pesquisas com capim buffel, brachiária, e diversas leguminosas, mantendo o Estado dezenas de campos de demonstração.

Vem aí a 21a. EXPOSIÇÃO PARAIBANA DE ANIMAIS, na cidade de Campina Grande, onde — sem dúvida — mais uma vez, estarão presentes técnicos, autoridades diversas, criadores de outros Estados e, num clima sereno, ficará evidente a realidade de que a Paraíba vem lutando, arduamente, nos últimos anos, com todas as armas possíveis, abrindo caminho rumo a um melhor futuro.



CASA RURAL

de
M. N. DO AMARAL



Única no sertão que dispõe de
Clínica e Assistência Médico-Veterinária, sob a orientação do Médico Veterinário João Francisco do Amaral Neto



Atendemos a qualquer município vizinho, em casos de grandes cirurgias; cesarianas, fimoses em reprodutores, ruminos, etc.

PRODUTOS VETERINÁRIOS E AGRÍCOLAS

- Antibióticos p/ combate às doenças infecto-contagiosas
- Vacinas contra Febre Aftosa
- Sais Minerais
- Seringas automáticas
- Herbicidas p/ todos os produtos
- Insumos modernos p/ todos os fins

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

- Cultivadores
- Enxadas e ferramentas manuais
- Ensilhadeiras
- Ordenhadeiras
- Material p/ a fazenda moderna

Todos os produtos para a melhor produção agropecuária.

Uma longa tradição de bons serviços

IGUATU, CE — Rua Santos Dumont, 109 (Comercial) e Rua 15 de Novembro, 120 (Residência) — CEP 63500
— Fones: (085) 711-1256/1836.

NÃO FALTAREI AO NORDESTE

Figueiredo

Eis algumas frases grandiosas do Presidente, em sua visita à reunião do Conselho Deliberativo da Sudene, onde anunciou um empréstimo a longo prazo de um bilhão de dólares através do Banco Mundial, para os setores da agricultura e pecuária, principalmente.

1) Desta região saiu grande parte da sólida maioria no Congresso Nacional, indispensável a que o quinto Governo da Revolução pudesse melhor corresponder — como era de meu desejo às legítimas aspirações e esperanças do povo brasileiro.

2) Fica o povo do Nordeste autorizada a cobrar de mim cada uma das palavras ou compromissos aqui pronunciadas, quando ainda candidato. Sou sincero e falo com franqueza.

3) Minha visão desta área do território nacional é a visão de uma colméia, em que todos querem trabalhar e produzir. Desde que não lhes faltem os meios. Não faltarão, tudo o que disse em minha campanha continua valendo.

4) Não faltarei ao Nordeste, da mesma maneira que o Nordeste nunca faltou ao Brasil, como não faltou a mim. A SUDENE é para todos nós a própria expressão coletiva do Nordeste.

5) Peço-lhes que levem aos seus concidadãos, a certeza de minha compreensão de seus problemas e a minha determinação de resolvê-los, para um Brasil maior, para uma Nação em que as oportunidades sejam iguais, não importando as circunstâncias de tempo e de lugar.

FALTA VONTADE PARA AJUDAR O NORDESTE

O Governador de Pernambuco, Marco Antônio Maciel, foi categórico durante o Simpósio sobre a Sudene realizado em Recife: "O que o Nordeste está reclamando hoje, é uma lúcida e exata consciência dos fatores que estão impedindo o seu desenvolvimento, pois torna-se até ociosa a citação das medidas que devem ser adotadas na região, que são conhecidas por todos os que planejam a política de desenvolvimento do país. O que está faltando é a vontade política de promover o crescimento e desenvolvimento da região".

E foi mais longe, frisando: "a consciência nacional exige o desenvolvimento do Nordeste, mas para que isso aconteça é necessário um tratamento diferencial entre as diversas políticas de desenvolvimento. As lideranças nor-

destinas devem estar atentas para que as políticas não sejam definidas sem atentar para as diferenças regionais, pois as prioridades não podem ser estabelecidas em termos nacionais, pois o que serve para o resto do país pode não servir para o Nordeste".

NORDESTE TEM SOLUÇÃO

O secretário de Planejamento do Estado de São Paulo, Sr. Rubens Costa disse que um grave motivo que torna o Nordeste inferior às demais regiões do país é a inferioridade física do nordestino que, segundo o IBGE, nas três últimas gerações, tem nascido com peso, altura e perímetro braquial menores, por carência alimentar. O Nordeste, hoje, é o mesmo de 20 anos atrás, sendo que o fosso está aumentando, bastando ver que em 1956, a diferença entre renda per capita nordestina e sulina era de 113 dólares, estando hoje em 900 dólares. A culpa é do Governo, diz o secretário, por não dar apoio à Sudene. Os incentivos fiscais criados para solucionar problemas conjunturais foram desviados para programas setoriais como pesca, turismo, "talvez para se gastar mais petróleo, hoje" e até reflorestamento no sul do país. Programas como o PIN e o Proterra não podem ser financiados com recursos de incentivos fiscais. A única solução, finaliza Rubens Costa, está na transferência de recursos do Centro-Sul para a região e isso não é nenhuma fórmula mágica. A Sudene não tem culpa por ter sido esvaziada!

NORDESTE FORA DO PROVÁRZEA

O Nordeste foi relegado como não participante ao Provárzea, cujo objetivo é o aproveitamento das várzeas irrigáveis para produção de alimentos, com recursos para investimento previstos em sete bilhões de cruzeiros, mais da metade dos recursos atribuídos ao FINOR neste exercício.

A região não foi incluída no plano encaminhado ao CDE, embora a única possibilidade que a região tem de desenvolver uma agricultura de alto rendimento baseia-se — justamente — no aproveitamento de suas várzeas irrigáveis, a partir de águas acumuladas em açudes e do uso racional de suas áreas úmidas.

É difícil de entender a marginalização do Nordeste, portanto, que é a região mais carente de processos de irrigação.

POVO SEM FRANGOS

A redução da cota de óleo combustível para a indústria e o incentivo do Governo às exportações de produtos avícolas geraram uma crise no fornecimento de frangos congelados para o Nordeste, tendo as remessas caído para 20% do normal.

"As empresas do sul do país preferiram exportar o produto tendo em vista lucros compensadores", afirma José Fernandes, responsável pela distribuição de 112 toneladas de frangos congelados na Paraíba que, no entanto, vem recebendo menos que 50%.

Ao invés de atender o Brasil, os frigoríficos-abatedores sediados em Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul preferem exportar para o Oriente Médio e Europa, com todas as garantias e facilidades, recebendo em dólar. Além disso, os frigoríficos Capate, Pena Branca, Avepal, Batavo, Chapecó, Três Pontes, Itambi, Flambian majoraram os preços dos frangos, prevendo-se que o quilo chegará a Cr\$ 80,00 em outubro.

Enquanto o Brasil assina contrato com a Argentina para exportar 200 mil toneladas de frangos congelados, o frigorífico Pena Branca, de Pernambuco, fecha suas portas, da mesma maneira que o Mata Redonda, na Paraíba, pois comercializavam produtos vindos do sul.

VIRGOLINO ORIENTA FORMAÇÃO DE MISTIÇAS

Com Escrita Zootécnica organizada, obedecendo o sistema utilizado para as raças zebuínas, o Zootécnico Virgolino de Farias Leite está orientando os criadores de Zebu, raças de dupla aptidão, no sentido de formação de animais 1/2 sangue, utilizando matrizes não registradas com touros holandeses PO. Os produtos terão identificação similar ao zebu, acrescido de "F-1" na ganacha esquerda. A intenção é moralizar o mercado de mestiças (cruzadas) oferecendo meios aos órgãos financiadores de identificar os animais, principalmente em Exposições ou Feiras. O PROCRUZA é inexistente no presente estágio, além de onerar o criador, por ser um programa de longo prazo e de não haver material genético disponível.

Das raças zebuínas não entram as raças Nelore e Kangayan. Virgolino diz ser uma boa medida efetuar o amochamento para obter uma melhor padronização, tendo-se em vista, porém, que essa medida dificulta um pouco a "leitura" da composição de cruzamento, que é realizada na análise da conformação craniana do animal.

● REBANHO SINDHI NO NORDESTE

O criador paulista José Cezário de Castilho, em setembro, realizará um convênio com a Universidade Federal da Paraíba, visando localizar um plantel Sindhi na Fazenda Jatobá, na cidade de Patos, zona semiárida das mais secas do Estado. Mais uma ilustre iniciativa do Estado.

● BR-116 ENVELHECEU

Passar pela Rio-Bahia, nas atuais condições, é lutar contra a morte, disse o motorista Honofre Nogueira da Silva, 52 anos, com as roupas molhadas de sangue, em seu primeiro acidente em 21 anos de vaivém pela estrada.

A Rio-Bahia acabou-se, mas o DNER não tem dinheiro para resolver o assunto e, enquanto o Banco Mundial não fornece recursos, os motoristas continuam arriscando a vida. Todos os defeitos de pista rebentada, falta de acostamento, encostas perigosas somam-se à má sinalização, praticamente inexistente, e à imprudência dos motoristas. São anotados mortos e feridos diariamente, numa média de 8 acidentes por dia, sendo 3 em território baiano.

O engenheiro Raul Barneche, da Universidade de Santos Dumont em Governador Valadares, afirma que o tempo útil da BR-116 já se esgotou, tendo um traçado e dimensionamento com mais de 20 anos, um projeto antigo e superado pelo crescimento da economia nacional.

A situação complica-se quando se lembra que praticamente toda a produção nordestina tem que ser escoada pela BR, ou seja, ela é vital para os diversos Estados do Norte e Nordeste.

● CARNE VAI PARA Cr\$ 1 mil

William Koury, da Associação Paulista dos Criadores de Nelore, afirma que o problema do criador está sendo resolvido por uma catastrófica falta de carne, podendo-se prever que a arroba do boi vai chegar a Cr\$ 1 mil até o final do ano, estando hoje em Cr\$ 650. A situação somente se normalizará daqui a 5 anos. Em 1970 foram abatidas 866 mil fêmeas e agora em 1977 os números mostram 2 milhões e 609 mil matrizes. 'Não creio em intervenção, porque isto não levará a nada. O governo tem que estimular matrizes, que é o que os pecuaristas têm pedido desde 1977, única forma de salvar a pecuária, com financiamento direto ao criador, a longo prazo'.

EXPORTAÇÕES PARA OS ESTADOS UNIDOS

O jornal O Globo publicou, no dia 02 de julho a notícia de que 400 touros, principalmente, da raça Nelore e Indubrasil estariam sendo exportados para os Estados Unidos, tendo as negociações sido realizadas a contento.

No dia 10 de julho, os criadores nordestinos começaram a receber os formulários expedidos pela ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, visando saber quem seriam os criadores que se habilitariam a participar dessa exportação. A revista PARAÍBA PECUÁRIA, nessa ocasião, solicitou a opinião de grandes criadores, em todos os Estados nordestinos, para aquilatar o procedimento, uma vez que tais formulários chegavam tardiamente, a seu destino.

Comunicada da iniciativa da revista, a ABCZ apressou-se a responder, através de seu departamento de divulgação, frisando o seguinte:

1 - A exportação não foi concretizada, ainda, pois apenas 2 ou 3 criadores americanos já visitaram o Brasil. Há tempo para qualquer criador nordesti-

no participar, bastando estar habilitado.

2 - O acordo de exportação ainda não foi assinado, e provavelmente somente o será em outubro-1979.

3 - A iniciativa não é da ABCZ, mas sim do Ministério da Agricultura. Todas as entidades foram avisadas, Associação de Guzerá, de Gir, de Nelore, e ABCZ. Essa foi a única que resolveu levar a comunicação a todos os seus associados, através de uma cópia do formulário e uma carta.

4 - A exportação envolverá, provavelmente, 480 animais, mas não há nenhum negócio fechado, por enquanto.

5 - A própria ABCZ tem interesse em apoiar a iniciativa de se abrirem outros quarentenários no País, mormente no Nordeste.

Assim, a ABCZ entende que não houve qualquer discriminação contra os criadores nordestinos e ela continua à disposição para instruir e encaminhar as exportações de quem se interessar.

● TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES

Num momento de descontração, a equipe pioneira da Transferência de Embriões, no Brasil, deixou-se fotografar, na Campo Verde Empreendimen-

tos Rurais, na Bahia.

Da esquerda para a direita, vemos o Dr. Aurelino Menarim Jr., o veterinário Alberto Lopes Gusmão, o Dr. Peter Elsdon (australiano), o Dr. Larry Nelson (americano) e o Dr. Roberto Moser de Abreu, chefe da equipe.



EXPORTAÇÃO DE EMBRIÕES

Um frasco contendo 67 bovinos, ou melhor, embriões de bovinos, mergulhados em nitrogênio líquido foi exportado da Grã-Bretanha, medindo 45 centímetros de altura e 30 cm. de diâmetro. Trata-se da mais avançada maneira de transportar gado.

A exportação foi realizada por um consórcio, o Embryos International, com base em Lincolnshire, após a descoberta feita no ano de 1978 de que era possível conseguir índices de concepção semelhantes aos obtidos com embriões não congelados. O Embryos International é formado por duas companhias britânicas (Farmkey e T. A. Saul Group) e uma empresa da Nova Zelândia.

Um porta-voz anunciou que representantes da Farmkey vem visitar a América Latina no final deste ano visando abrir um mercado para embriões no Brasil, Argentina e México, além de investigar a possibilidade de montar uma unidade especializada em operação de transplante.

O Diretor da Farmkey, Michael Leyburn, diz que "uma vez conseguida a transferência de embriões substituirá amplamente o uso de inseminação artificial na produção do gado britânico".

Depois desse passo, conclui, bastaria determinar o sexo do embrião para que a engenharia genética pudesse produzir um "embrião sob encomenda". Mas isso ainda é um passo muito longo.

COMO POVOAR A AMAZÔNIA

Afirma o Dr. Carlos do Amaral Cintra, médico veterinário, pecuarista e diretor do Depto. Técnico da Assoc. dos Empresários da Amazônia que basta ocupar 28% da Amazônia para se ter satisfeita a demanda de alimentos do mundo, sem nenhum dano à ecologia, pois os demais 72% seriam mantidos intocados.

Inicialmente, ele baseou-se nos dados do Projeto Radam, segundo os quais, dos 500 milhões de hectares da Amazônia Legal (note: o Brasil inteiro conta com 850 milhões), 70% (350 milhões de hectares) são agriculturáveis. Já de início, portanto, tem-se 30% (150 milhões) de regiões de cobertura vegetal nativa, intocáveis. A elas, Cintra incorpora mais 70 milhões de hectares, separado da área agricultável e que seriam destinados às reservas ecológicas e indígenas. Restariam, assim, para a exploração econômica, 280 milhões de hectares. Considerando-se

que, por Lei, 50% das áreas utilizadas com esse objetivo devem ser preservadas em seu estado natural, sobram efetivamente, para a ocupação, 140 milhões de hectares, isto é os 28% da Amazônia Legal.

Todas as obras de infra-estrutura, centros urbanos, estradas, pistas de pouso, etc. não ocupariam uma extensão superior a 7,5 milhões de hectares, aproximadamente 1,5% da A. L.

Logo, as atividades agropecuárias disporiam de 132,5 milhões de hectares, que poderiam ser assim divididos:

- 60% para bovinocultura e outras criações, num total de 79,5 milhões de hectares, ou 15,9% da A. L.
- 40% para a agricultura, num total de 53 milhões de hectares, ou 10,6% da A. L.

Embora elaborado a nível teórico, o estudo dá uma visão clara das potencialidades amazônicas e das amplas possibilidades de se harmonizarem ocupação econômica e preservação ecológica — desde que, é claro, se coloque em prática, com urgência, uma política agrícola e fundiária para a região, estabelecendo-se definitivamente as áreas de ocupação e de preservação.

PARAÍBA COM MAIS US\$ 88 milhões

O governador Tarcísio Burity obteve no dia 10 de julho, o apoio do ministro do Planejamento Mário Henrique Simonsen, visando contratar 88 milhões de dólares, destinados a seis programas, a saber:

1) 40 milhões de dólares para a ampliação do Distrito Industrial de João Pessoa e reformas do aeroporto Castro Pinto, também na capital, além de uma melhoria no abastecimento de água no DI de Campina Grande.

2) 10 milhões de dólares visa uma série de medidas de melhoramento agropastoril, no baixo rio Paraíba, visando irrigação a nível de propriedade, estradas vicinais, linhas de eletrificação rural e postos de resfriamento de leite.

3) 12 milhões de dólares para a implantação do complexo agroindustrial do Vale do Mamanguape, visando incentivar a instalação de destilarias de álcool, com aproveitamento do vinho para fertilizantes; o desenvolvimento da cultura do abacaxi, do coco e do maracujá, para processamento industrial.

4) 12 milhões de dólares para irrigação a nível de propriedades no Vale do Piancó, com irrigação de 2 mil hectares, construção de açudes, ampliação da rede de açudagem, estradas vicinais

e linhas de eletrificação rural.

5) 12 milhões de dólares para a consolidação do polo agroindustrial de Patos, visando também o aproveitamento do potencial de Teixeira.

6) 2 milhões de dólares para a implantação de um complexo agroindustrial no eixo Sousa-Pombal, prevendo a montagem sumária da infra-estrutura dos distritos industriais de Sousa e Cajazeiras.

MERCADO DE CARNE EM CRISE

Em 1975, os Estados Unidos apresentava um rebanho com 131 milhões de cabeças, contra 116 milhões em 1978 e apenas 112 milhões em 1979. Os abates caíram, nesse período, de 47 milhões para 43 milhões.

A Austrália, em 1975 mostrava um rebanho de 34 milhões, contra 29 milhões em 1978.

A grande opção do mercado mundial é o Brasil, desde que seu rebanho possa se recuperar rapidamente dos desastrosos últimos anos. Por outro lado, a Argentina e Uruguai serão os responsáveis pela carne brasileira, mesmo com a presença de fortes compradores como EUA, Japão e Europa.

CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA

Contabilidade Agropecuária

Preparado de acordo com as atuais exigências fiscais envolvendo análise das despesas do ano, receitas, inventário, resultados financeiros e imposto de renda. Prevê o registro de anotações auxiliares de administração sobre diversas atividades da fazenda. Manual de máxima utilidade para os empresários rurais e fazendeiros que apreciam eficiência.

Cada volume: Cr\$ 300,00

Pedidos para: EDICAMP
Caixa Postal — 98
CEP — 58.000 — João Pessoa — PB

GIR de UMBUZEIRO

Leilão

06 de Outubro de 1979

INÍCIO ÀS 9:30 horas

100
animais PO
da mais
tradicional
seleção de
GIR LEITEIRO
do Brasil

na cidade de
UMBUZEIRO
Paraíba

A Festa
máxima do
Gir Leiteiro
em 1979



INFORMAÇÕES:

João Pessoa
Fone: (083) 221-0012 (EMEP)
Campina Grande
Fone: (083) 321-3467
(Soc. Rural da Paraíba)



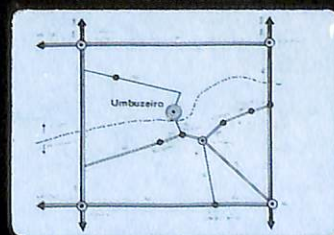
EMBRAPA

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA

Centro Nacional de Pesquisa — Gado de Leite
UEPAE de Lagoa Seca - Paraíba.

Vinculada ao Ministério da Agricultura

E FÁCIL CHEGAR A UMBUZEIRO

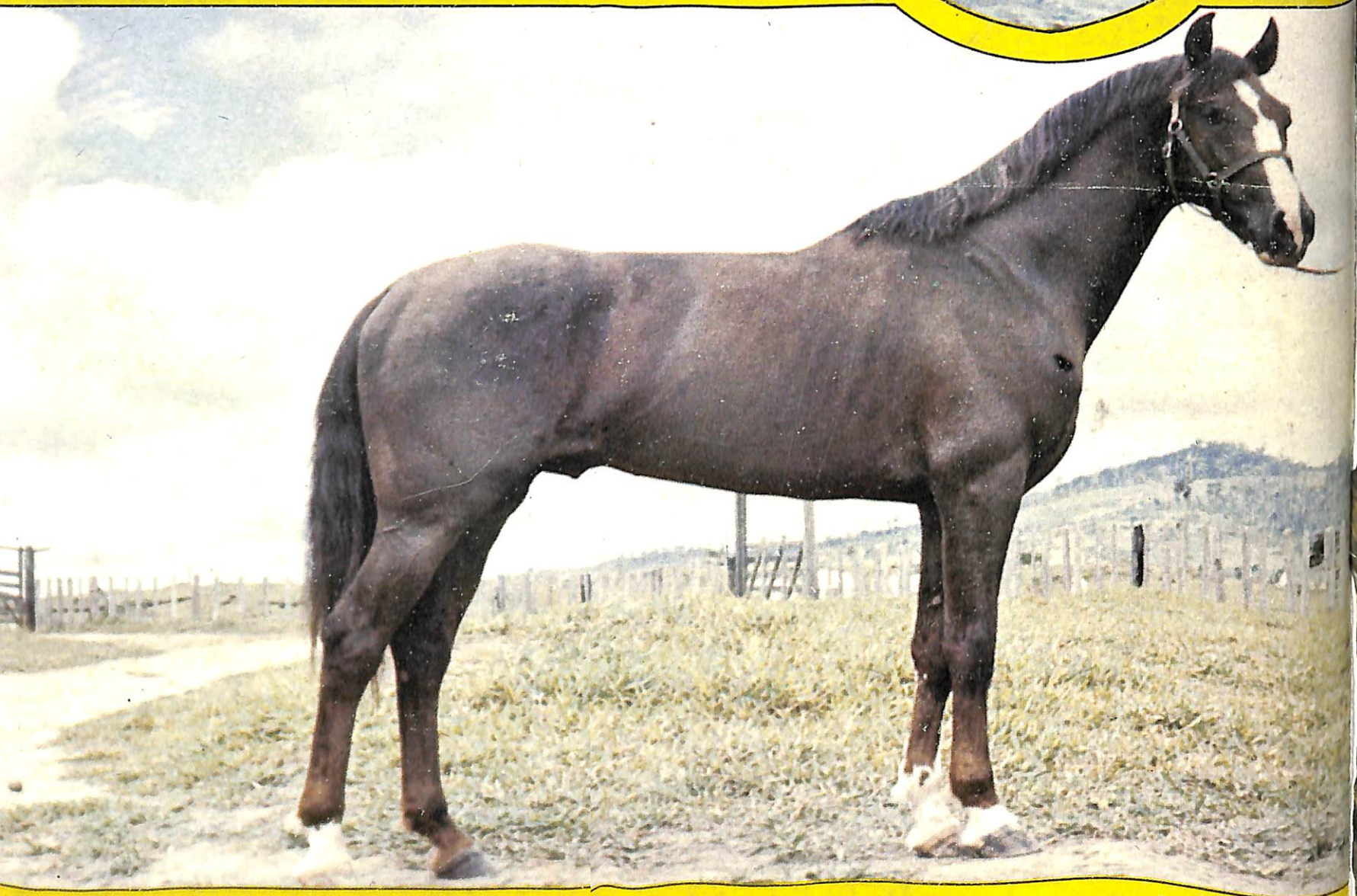


Fazenda SANTO ANTÔNIO

SELEÇÃO MANGALARGA (PAULISTA)
O CAVALO DO PEÃO E DO PATRÃO

PENACHO-JO

R. Campeão da Raça
Expo. Estadual de Salvador
Janeiro-1979



Técnico Responsável:

Agr^o GILENO AMADO BRANDÃO

Fazenda: Km 691 da BR101 (entre Eunápolis e Itagimirim) — Município de Santa Cruz Cabrália — BA

Correspondência: Praça Olinto Leoni, 84, s/ 505 — CP. 6 — CEP 45600 — Itabuna, BA — Fone: (073) 211-1714